



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

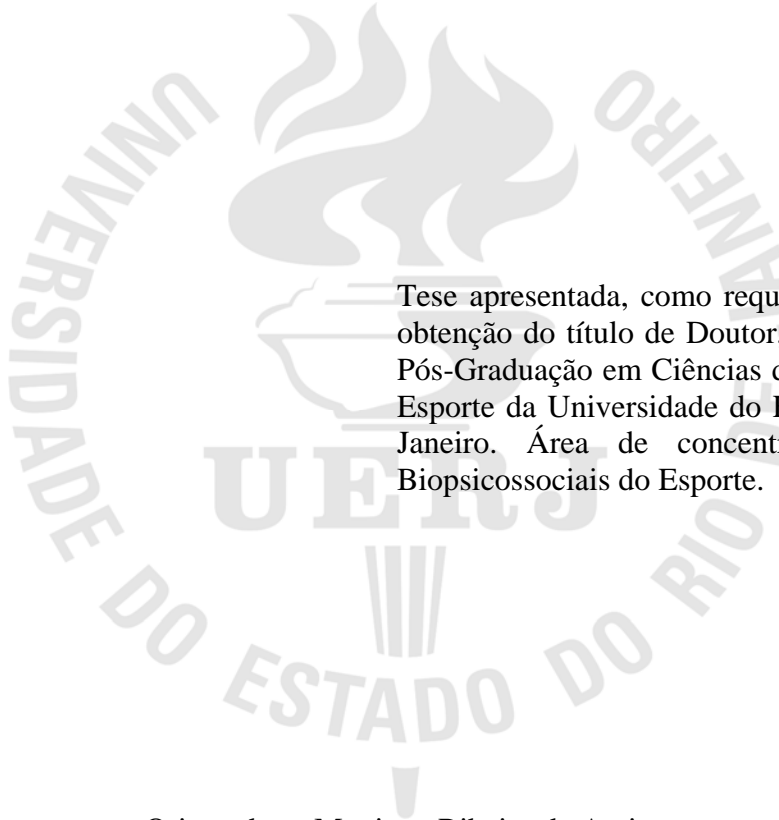
**Relações de gênero na imprensa esportiva**

Rio de Janeiro

2015

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

**Relações de gênero na imprensa esportiva**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientadora: Monique Ribeiro de Assis

Co-orientador: Carlos Henrique de V. Ribeiro

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

P436 Pereira, Erik Giuseppe Barbosa.  
Relações de gênero na imprensa esportiva / Erik Giuseppe Barbosa  
Pereira. – 2015.  
96 f. : il.

Orientadora: Monique Ribeiro de Assis.  
Coorientador: Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Relações de gênero - Teses. 2. Imprensa – Teses. 3. Masculinidade - Teses. 4. Mulheres e esportes – Teses. 5. Jornalismo esportivo – Teses. 6. Imagem corporal – Aspectos morais e éticos – Teses.  
I. Assis, Monique Ribeiro de. II. Ribeiro, Carlos Henrique de Vasconcellos. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU 796:070

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

### **Relações de gênero na imprensa esportiva**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos de Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 08 de julho de 2015

Orientadores      Prof<sup>a</sup>. Dra. Monique Ribeiro de Assis  
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro  
Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre  
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

---

Prof. Dr. Silvio de Cássio Costa Telles  
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

---

Profa. Dra. Elaine Romero  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Profa. Dra. Ana Maria de Freitas Miragaya  
Universidade Estácio de Sá

Rio de Janeiro

2015

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Iremar, pela grandeza do seu amor;

À minha mãe Maria Rita, pela sabedoria em me educar, por seus gestos solidários, pela sua espiritualidade, pelo amor e carinho de mãe que soube me proteger e me ensinar os limites da vida, por ter investido e acreditado sempre na educação e me incentivado a trilhar os caminhos do conhecimento capaz de transformar as pessoas sempre para melhor. Mãe, você é presença marcante em minha vida. Obrigada por me ensinar a não desistir dos meus sonhos, por acreditar em mim e por compartilhar de muitas das minhas angústias e conquistas.

À querida professora e amiga Elaine Romero, pelo incentivo e pelo exemplo de competência e perseverança não apenas no campo científico como frente às adversidades da vida.

Aos queridos professores Carlos Henrique, Votre e Monique, pela solidariedade que sempre lhe foi peculiar.

Às professoras e, agora amigas, Ana Miragaya e Ana Beatriz da banca de qualificação e que participaram também da defesa, e ao professor Silvio Telles que esteve presente somente na banca de defesa, agradeço as suas preciosas considerações ao presente trabalho e generosas sugestões de aprimoramento.

À querida amiga Vanessa por partilhar seus conhecimentos.

## RESUMO

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. *Relações de gênero na imprensa esportiva*. 2015. 96 f. Tese (Doutorado em Aspectos de Biopsicossociais do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O objetivo deste documento é apresentar os artigos que compõem a tese, cuja abordagem temática circunscreve-se sobre as relações de gênero na imprensa esportiva. Em nível de organização, sentimo-nos à vontade para dividirmos esta tese em dois blocos: o de BASE e o de APROFUNDAMENTO. O Bloco base é composto pelos artigos "Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física" e "O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca". O Primeiro versa sobre uma reflexão sobre as identidades e os desdobramentos das masculinidades para a área da Educação Física e esportes. Nessa empreitada, pudemos inferir que os estudos sobre as temáticas "Gênero" e "Masculinidades" apontam-nos para um terreno fecundo e promissor no que diz respeito à contemporaneidade e a abrangência teórica no universo da ciência com a qual esta área de saber dialoga. Destarte, somos levados a inferir que os esportes, ao que tudo indica, vem atuando como legitimadora e reprodutora de uma ideologia hegemônica, sexista, patriarcal e machista. O segundo artigo, abordamos a história da inserção e da permanência das mulheres no universo dos esportes, utilizando a técnica da análise de imagens. Verificamos que a imprensa esportiva ainda carrega a imagem das mulheres atletas mantendo padrões ainda subordinados a uma hegemonia masculina que "legisla" sobre o que se quer ver. Já no segundo bloco, é composto pelos estudos "Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco" e "Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero". No primeiro estudo, ao analisarmos as imagens publicadas em jornais no período olímpico de 2012, percebemos que é evidente a quantidade e dimensão superior das imagens masculinas frente às femininas. Também, nas poucas vezes em que o homem é retratado denotando emotividade, choro ou decepção, as imagens divulgadas são de dimensões médias ou pequenas. E nas raras vezes em que a mulher é registrada durante a execução de gestos técnicos, vale-se do mesmo ocorrido no masculino: fotos médias ou pequenas e restritas ao interior do jornal. No artigo seguinte desse bloco, constatamos que o discurso dos fotógrafos para clicar atletas seguem as premissas: focam o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de seu movimento no esporte, o que explica a apresentação de conotação sexual; sua performance é relegada a segundo plano. Já o corpo masculino, quando exposto sugerindo algum tipo de apelo, é representado de forma diferenciada, não vexatória ou pejorativa e sempre em posição de altivez. Verificamos que o publicado nos jornais não condiz com os discursos proferidos pelos entrevistados, uma vez que em diversos momentos afirmaram não haver discrepâncias quanto ao registro do masculino e do feminino. Nas "Considerações finais", elencamos as principais impressões da composição da obra. Nesse item, pudemos confirmar que atletas masculinos e femininos têm tratamentos diferenciados e desiguais nos discursos e nas imagens exibidas pela imprensa esportiva.

Palavras-chaves: Gênero. Imprensa esportiva. Análise de imagens. Análise de discurso.

## ABSTRACT

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. *Gender relations in the sports press*. 2015. 96 f. Tese (Doutorado em Aspectos de Biopsicossociais do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The objective of this document is to present the articles that form this thesis, which has a thematic approach based on gender relations in sports press. On an organizational level, this thesis can be divided into two blocks, the basic information and the details. The basic information block contains two articles: "The studies of gender and masculinity and the consequences for Physical Education" and "The eye of the press on female volleyball: when the shadows call attention to themselves". The first is on identities and the effects of masculinity on the Physical Education and Sports area. In the context of this article, it is possible to infer that studies about "gender" and "masculinity" themes are fertile and promising terrain regarding the contemporaneity and theory in the scientific universe that is touched by this area of knowledge. As such, one can infer that sports have been legitimizing and reproducing an hegemonic ideology that is sexist, male chauvinist and patriarchal. In the second article, the history of female insertion and permanence in the world of sports was analyzed through an image analysis technique. The investigation found that the image of female athletes is still being divulged by the sporting press under a male hegemony, that "legislates" about what it wants to see. The second block of articles is composed by two other articles, as follows: "London 2012 Olympic Games: male and female Brazilians in focus." and "Revelations of Brazilian sporting photographers about gender relations.". In the first study, through the analysis of female athlete images published in newspapers during the Olympic Games, it was determined that there was a greater number of male athlete images and that when men were depicted in a moment of weakness, the image was smaller, whereas women, when shown executing technical gestures, were also relegated to smaller spaces than men in the same situation. In the second article of this block, results show that sports photographers have a specific set of considerations when photographing athletes: when depicting female athletes, they focus on beautiful and sensual female bodies, with little room for representations of their movements in sport, so there is a primarily sexual connotation and their sports performance is relegated to the background. Male athletes, however, when represented in any way that may suggest appeal, are shown differently, in a form that is neither pejorative nor vexing, and always in a manner that conveys pride. The investigation determined that what is published in the newspapers is different from what the photographers stated, considering that many times they affirmed that there was no difference between male and female athletes in sports photography. In the "Final Considerations" section, all of the main impressions brought on by the investigation were recorded. As it is, male and female athletes are treated differently and unequally in the discourse and images exhibited by the sporting press.

Keywords: Gender. Sporting press. Image analysis. Discourse analysis.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>ARTIGO 1 - "OS ESTUDOS DE GÊNERO E MASCULINIDADE E SEUS REFLEXOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA"</b> .....	13
2	<b>ARTIGO 2 - "O OLHAR DA IMPRENSA SOBRE O VÔLEI FEMININO: QUANDO A SOMBRA SE DESTACA"</b> .....	27
3	<b>ARTIGO 3 - "JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES 2012: BRASILEIROS E BRASILEIRAS EM FOCO"</b> .....	54
4	<b>ARTIGO 4 - "REVELAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS ESPORTIVOS BRASILEIROS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO"</b> .....	77
5	<b>PRINCIPAIS INFERÊNCIAS</b> .....	94



## INTRODUÇÃO

No final de 2003, ainda muito concentrado nas leituras e escritos do estudo da dissertação de mestrado, deparei-me com o estudo de Romero (2003) que me inspirou a iniciar uma reflexão sobre as relações e representações de gênero na imprensa esportiva.

Ser homem, assim como ser mulher, na sociedade pós-moderna implica em uma rede complexa de relações que vêm se reestruturando e se configurando ao longo dos últimos anos. Atualmente, não se trata mais de estabelecer uma relação de igualdade ou de diferenças entre os gêneros, mas entendê-los pela relação que se estabelece entre eles sem que, necessariamente, ela seja dicotômica.

Embora haja cada vez mais liberdade nos comportamentos, existem padrões pré-estabelecidos pela sociedade, parâmetros de comportamentos que cristalizam não somente preconceitos, mas modos de ser (mulher ou homem). Essa liberdade possibilita a criação de novas identidades, mas também permite a construção de novos estereótipos que precisam ser melhor estudados, o que não faremos neste momento.

É possível perceber não só a concepção de identidades femininas e masculinas como também suas influências sobre a estrutura social da qual fazem parte. Tais constituições operam transformações em discursos, instituições, seja na esfera pública ou na esfera privada.

Diferentemente do século passado, nesse século o tema gênero vem sendo palco de discussões bastante calorosas no campo das ciências humanas e sociais, referindo-se ao estudo de suas relações e representações. Nessa perspectiva, não é possível falar do masculino sem relacioná-lo ao feminino e vice-versa.

Tomamos a máxima de Scott (1995), na qual o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como forma primária de dar significado às relações de poder. Nessa articulação, “o gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (p. 75).

Na percepção de Butler (2010), gênero, assim como o sexo, é uma estrutura não naturalizada e construída culturalmente a partir de uma fabricação, pois ao imitar o gênero revela-se implicitamente a contingência do próprio gênero. Romero (2005) alude a esses processos através do fato de as relações de gênero conferirem a homens e mulheres comportamentos diferenciados, evidenciando uma representação estereotipada e construída

historicamente em meio às tramas de poder. Em meio a essas relações de poder, as diferenças biológicas são, muitas vezes, utilizadas para explicar as ocorrências de desigualdades sociais de gênero, fomentando a inclusão e a exclusão de sujeitos e grupos.

Nesse ínterim e ao que tudo indica, o esporte pode ser considerado um fenômeno social de grande abrangência e visibilidade, e faz parte da vida de muitas pessoas. No entanto, o pertencimento a determinado gênero, tem sido um território de demarcações identitárias. Historicamente, algumas modalidades eram prescritas ao sexo feminino ou ao masculino, às meninas ou aos meninos, às mulheres ou aos homens, generificando os esportes. O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer e do entretenimento sendo fator decisivo para isso o papel desempenhado pela imprensa.

Para tanto, a imprensa esportiva fundamenta-se nos dias atuais como um espaço significativo na esfera social. As relações que estabelece com os mais diversos campos são determinantes na configuração da sociedade atual. As tentativas de compreensão desta sociedade, seja dos seus aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais, têm tido na imprensa um componente capital e indivisível. Ao mesmo tempo em que nos permite interpretar as relações que estabelece ao longo de toda a cadeia social, a imprensa é, concomitantemente, elemento de destaque no complexo conjunto de determinações que impulsionam estas relações nos mais diversos âmbitos.

No esporte esta relação é insofismável, tanto que a sua versão moderna não pode ser compreendida se dissociada da imprensa, uma vez que ela será a principal responsável pelas novas demandas colocadas ao esporte transformado em espetáculo. Por tudo isso, se tem no binômio esporte-imprensa, campo propício para a elucidação deste expressivo fenômeno: o esporte produto da sociedade. Para isso, são necessárias evidências materializadas que representem, de forma notória, a estreita relação esporte-imprensa. Dentre algumas possibilidades, uma muito significativa se revela no jornalismo esportivo especializado, em especial através dos seus dizeres, organizados em forma de discursos e de imagens.

Essa relação vem trazendo ao esporte mudanças estruturais significativas. As regras e os eventos esportivos são elaborados em função das possibilidades midiáticas que podem gerar. Possibilidades estas que se organizam em diferentes níveis de acordo com o retorno econômico, a amplitude do evento e o grau de introspecção e interpelação nos discursos dele decorrentes, enfim, de acordo com o potencial espetacular que nele encerra. Dessa forma, o esporte torna-se espetáculo de consumo, um espetáculo esportivo. A cobertura da imprensa

aos esportes é imensa, prova disso, é o aumento do espaço diário reservado à sua cobertura, a ponto de extrapolarem os limites dos cadernos esportivos em edições diárias especiais, publicadas durante todos os eventos esportivos.

Uma forma de entender a cobertura da imprensa esportiva é não confinar nossa análise à precisão do quão real ou verdadeiro os atletas são visualizados, mas também analisar como a imprensa esportiva opera quando estabelece, categoriza e reproduz imagens de diferenças sexuais e de hierarquia no esporte.

Uma implicação significativa deste estudo envolve a adição de interpretação de imagens da imprensa esportiva, de mensagens e termos, particularmente daqueles empregados nos estudos de gênero. Os textos, mensagens e fotos reunidos num espaço dedicado aos esportes, destacados nas capas ou nas páginas centrais podem conter leituras múltiplas, inclusive as dos consumidores, praticantes ou apaixonados por esportes.

A partir dos escritos acima, o objetivo deste documento é apresentar os artigos que compõem a tese, cuja abordagem temática circunscreve-se sobre as relações de gênero na imprensa esportiva. Em nível de organização, sentimo-nos à vontade para dividirmos esta tese em dois blocos: o de **BASE** e o de **APROFUNDAMENTO**. A divisão em bloco nos permitiu sustentação teórica nos estudos críticos, históricos e conceituais de gênero e seus desdobramentos nas masculinidades. Embora seja uma pesquisa empírica, o segundo artigo desse bloco nos serviu como base epistemológica para os estudos da inserção e permanência das mulheres nos esportes, bem como um estudo cuidadoso das técnicas de análise de imagens.

O que chamamos de **BLOCO BASE** foi composto pelos artigos "Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física" e "O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca". O primeiro versou sobre uma reflexão sobre as identidades e os desdobramentos das masculinidades para a área da Educação Física e esportes. Nessa empreitada, pudemos inferir que os estudos sobre as temáticas "Gênero" e "Masculinidades" apontam-nos para um terreno fecundo e promissor no que diz respeito à contemporaneidade e à abrangência teórica no universo da ciência com a qual esta área de saber dialoga. Destarte, somos levados a inferir que os esportes, ao que tudo indica, vêm atuando como legitimadores e reprodutores de uma ideologia hegemônica, sexista, patriarcal e machista. No segundo artigo, logo na parte introdutória, abordamos a história das mulheres no universo dos esportes. Nos achados dessa investigação, verificamos que a imprensa esportiva

ainda carrega a imagem das mulheres atletas mantendo padrões ainda subordinados a uma hegemonia masculina que “legisla” sobre o que se quer ver.

O segundo bloco, denominado de **BLOCO DE APROFUNDAMENTO**, é composto pelos estudos "Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco" e "Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero". No primeiro estudo, ao analisarmos as imagens publicadas nos jornais "O Dia" e "O Globo" no período olímpico de 2012, percebemos que é evidente a quantidade e dimensão superior das imagens masculinas frente às femininas. Também, nas poucas vezes em que o homem é retratado denotando emotividade, choro ou decepção, as imagens divulgadas são de dimensões médias ou pequenas. E nas raras vezes em que a mulher é registrada durante a execução de gestos técnicos, vale-se do mesmo ocorrido no masculino: fotos médias ou pequenas e restritas ao interior do jornal. No artigo seguinte desse bloco, constatamos que o discurso dos fotógrafos para clicar atletas seguem as premissas: focam o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de seu movimento no esporte, o que explica a apresentação de conotação sexual; sua performance é relegada a segundo plano. Já o corpo masculino, quando exposto sugerindo algum tipo de apelo, é representado de forma diferenciada, não vexatória ou pejorativa e sempre em posição de altivez. Verificamos que o publicado nos jornais não condiz com os discursos proferidos pelos entrevistados, uma vez que em diversos momentos afirmaram não haver discrepâncias quanto ao registro do masculino e do feminino.

Nas “Considerações finais”, elencamos as principais impressões da composição da obra. Nesse item, pudemos confirmar que atletas masculinos e femininos têm tratamentos diferenciados e desiguais nos discursos e nas imagens exibidas pela imprensa esportiva.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROMERO, E. E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento. Labrys. **Estudos Feministas**, Brasília, v. 8, p.1-29, 2005.

\_\_\_\_\_. A (in)visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In: SIMÕES; KNIJNIK. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 213-252.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez., 1995.

# 1 REVISÃO CRÍTICA SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO E MASCULINIDADE E SEUS REFLEXOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

## Artigo 1

PEREIRA, Erik Giuseppe B; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, 2015; 23(1): 146-156.

### 1.1 Os estudos de gênero em perspectiva histórica

O processo desse texto foi sendo construído por meio do diálogo e vivências de gênero e corporeidade que ocupam há alguns anos os estudos na área da Educação Física em diálogo com as ciências sociais<sup>1-3</sup>. O instrumental de análise que está na base desta revisão de literatura, crítica e descritiva é a categoria de gênero a qual permite entender as construções de identidades masculinas e femininas, problematizando as construções sociais e propondo a desnaturalização destas.

O entendimento de gênero que perpassa o texto encontra alicerce em Scott<sup>4</sup> (p.75) que o entende como uma “forma de indicar 'construções culturais' a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres [...]. Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.

A concepção das relações sociais de gênero apresenta-se como um novo paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e/ou grupos oprimidos, mas de iluminar as descobertas sobre a estruturação das opressões e dos jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais, inclusive na produção dos saberes<sup>5</sup> (p.128).

A literatura aponta que essas investigações têm se mostrado um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências<sup>6, 4-23, 5</sup>. Na tentativa de reconstruir experiências excluídas, várias áreas do saber têm socializado o conhecimento produzido tendo em conta o gênero como categoria de análise capaz de enfrentar as relações sociais de poder, que não raras vezes inferioriza mulheres em relação a homens e afirma uma “heteronormatividade” como caminho único de construção de identidades.

Segundo Devide et al.<sup>17</sup>, com respaldo em Louro<sup>24</sup>, as questões relativas ao gênero começaram a ser investigadas com a devida profundidade a partir da década de 1970, o que as

tornam recentes no que diz respeito à sua historicidade e aos seus estudos científicos. Desde este período, muitos pesquisadores criticam a confusão teórica entre sexo e gênero, como denuncia Agripino Luz Júnior<sup>25</sup> em seu livro *Educação Física e Gênero: olhares em cena*. É fundamental que se perceba na categoria gênero sua transcendência de análise sobre a realidade das mulheres, por que estas existem em relação a homens e a outras mulheres e não em si mesmas. Nesse processo de corporeidade em relações é que se constroem masculinidades e feminilidades como identidades culturais.

A pesquisa de Devide et al.<sup>17</sup> mapeou o estado da arte em que se encontravam os estudos de gênero na Educação Física e permitiu inferir que tais estudos têm abordado prioritariamente as mulheres, cuja importância ganhou vulto no auge dos estudos feministas, de 1970 a 1980, e vem sendo mantidos como foco dos estudos de gênero até os dias atuais, evidenciando algumas lacunas no conhecimento e confusões teóricas entre “estudo das mulheres” e “estudos de gênero”. Superar esta confusão é um movimento importante para que os estudos das relações de gênero nos permitam identificar a realidade vivida pelos homens também. Uma realidade que leva a construção de uma identidade muitas vezes para contrapor-se a uma matriz de gênero feminina da qual se quer que os homens tomem distância a todo o custo, não havendo espaço para perceber-se a pluralidade de feminilidades e masculinidades que são cada vez mais possíveis nos dias atuais<sup>22,5,26,27</sup>.

Quando resgatamos a trajetória histórica acerca dos trabalhos que deram os primeiros e grandes passos na questão do gênero masculino, marcadamente a partir de meados da década de 90, a saber: os estudos de Messner; Sabo<sup>28</sup> e de MacDonald<sup>29</sup>; e em nível nacional, como os de Guedes<sup>30,31</sup>, Nolasco<sup>32-34</sup> e Cunha Júnior (2000). Recentemente, as pesquisas de Knijnik; Machado<sup>36</sup>, Melo; Vaz<sup>37</sup>, Monteiro<sup>38</sup>, Pereira<sup>39,26,27</sup>, Pereira; Romero<sup>15</sup>, Pereira; Andrade; Romero<sup>40</sup>, Pereira et al.<sup>41</sup>, Nolasco (2001), Sampaio<sup>43,23,5</sup> e Zuzzi; Sampaio<sup>44</sup> comprovam quão escassa é a produção versando sobre os saberes relativos ao ser homem. Nestas, embora algumas apresentem como objeto de estudo as mulheres, fazem inserções aos homens como contraponto. Esse fato nos revela, então, que os estudos do gênero masculino na esfera da cultura da corporeidade em movimento ainda se encontram incipientes<sup>17</sup> e restritos ao maniqueísmo.

É, por exemplo, durante o trabalho pedagógico, como uma das esferas em que nos movemos na cultura, que percebemos a delimitação de nosso conhecimento quando o professor ou a professora aborda, por exemplo, o corpo do aluno. Quem nunca ouviu frases como: “*homem não chora!*”, “*menino não brinca de roda!*” ou ainda “*homem não dança*”

“mulheres são frágeis e homens são fortes”, “isso é coisa de mulher ou coisa de homem”, “mulher é mais emotiva e homem mais racional”. Frases como estas questionam nossas práticas nas quadras, nos pátios e salas fechadas, mas que tendem a ser silenciadas ao longo da carreira docente. Estas dentre “outras formulações, são parte do repertório histórico-cultural construído e em cada um deles há um repositório de poder que necessariamente precisa ser avaliado, quantificado e qualitativamente identificado”<sup>5</sup>(p. 131).

Nesses casos, é fundamental que se questione o modelo que tem servido como parâmetro de referência às atividades ditas femininas ou masculinas. Fazendo um corte e reportando-se às atividades físicas, sua prática no universo masculino sempre foi vista como uma importante fonte de experiência para a afirmação da masculinidade e como uma barreira contra a feminilização<sup>29,45,46,43,23,5,47</sup> considerando a ideia de que os homens também buscavam o embelezamento de seu corpo por meio da prática de exercícios, aumentando o delineamento e o volume de seus músculos; contudo, o ser masculino sempre esteve associado à ideia de força e domínio do corpo.

Vertinsky<sup>48</sup> ressalta que o determinismo biológico, baseado nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, era o suporte utilizado pelos profissionais da área médica para, num primeiro momento (de 1930 a 1980), impedir a prática de determinados esportes pelas mulheres e, posteriormente (a partir da década de 80), justificar as desigualdades nas práticas de exercícios físicos. Ele revela atividades físicas concebidas sob uma ótica sexista, revestidas de valores e significados diferenciados entre os gêneros. Nesse mesmo sentido, corroboram os estudos de Soares<sup>49</sup>, Louro<sup>10,11</sup> e Goellner<sup>50-52</sup>, apresentando que as restrições ao corpo mulher para o esporte e a atividade física, passa posteriormente a ser inverso ao postulado das primeiras décadas do século XX, mas mantendo o eixo de preservação da feminilidade e as condições para uma boa e saudável maternidade. O esperado para o gênero feminino permanece em seu eixo organizador. Sendo assim, discutir a masculinidade como múltipla na Educação Física talvez ainda se configure como uma movimentação solitária em uma área que, por tradição na pesquisa acadêmica, construiu o seu campo particular de discussões de gênero inicialmente a partir dos estudos sobre mulheres e dos binarismos.

Cunha Júnior<sup>35</sup> (2000) faz apontamentos quanto à necessidade desse olhar incluindo as masculinidades nos estudos de gênero na Educação Física brasileira, seguindo a movimentação de outras áreas como a Psicologia e a Antropologia, que já antecessoras nos estudos das masculinidades vêm pesquisando sobre o tema. Perspectiva também encontrada nos trabalhos de Sampaio<sup>53,23</sup> e Sampaio; Silva<sup>54</sup> sobre os estudos do lazer. Assim



considerando, assinalamos a importância e o interesse em discutir o conceito de gênero neste estudo por este ser entendido como um processo social, histórico e cultural que institui diferenças entre homens e mulheres, incluindo a produção mútua de masculinidades e feminilidades, sem pensar, exclusivamente, numa subordinação feminina, mas que se evidencia por meio de relações de poder. “Trata-se de identificar o “poder ser” e o “não poder ser”, ou em outras palavras o “empoderar” ou “desempoderar” mulheres e homens, negros e brancos para viverem sua experiência relacional cotidiana e sua humanidade integral”<sup>5</sup> (p.133).

Os estudos sobre a temática da construção de masculinidades e feminilidades como identidade cultural ganharam impulso no Brasil a partir da década de 80, com os estudos culturais dos diversos laboratórios dos programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* das universidades; na Educação Física, com a inserção de diversos professores nos programas de Antropologia, Educação, Sociologia e Psicologia<sup>55,56,52</sup> (por exemplo, no caso da Educação Física). À necessidade de abordar o tema da identidade cultural, Hall<sup>57</sup> destaca três concepções de identidade cultural, a saber: 1- Sujeito do Iluminismo; 2- Sujeito sociológico e; 3- Sujeito pós-moderno.

De uma forma geral, está "o sujeito do Iluminismo baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação"<sup>57</sup> (p. 10). Nessa concepção, a identidade social "costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tomando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis"<sup>57</sup> (p. 12). No entanto, a identidade pós-moderna, "é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente"<sup>57</sup> (p. 13).

Um alicerce importante é o conceito de masculinidade, à luz de Connell<sup>12</sup> (p. 189), como uma “configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Configuração de prática, nesse sentido, situa-se em torno do que os homens verdadeiramente fazem, e não do que é esperado que eles fizessem. Concomitantemente, existe mais de uma configuração na ordem de gênero de qualquer sociedade, o que abre precedentes para se falar de “masculinidades” no plural<sup>5</sup>. As relações de gênero englobam, nesse sentido, as “relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela”<sup>12</sup> (p.189).

Os estudos sobre masculinidades para a comunidade científica advém do movimento feminista, entre os anos 60 e 70, ao promover críticas às desigualdades sociais baseadas nas diferenças sexuais. A partir de Guedes<sup>58</sup>, nesse momento histórico refletiu-se a situação da mulher e a construção da feminilidade, e que de certo modo, secundarizou os estudos sobre o masculino. Nos anos 1980, inquietações acerca da formação social e cultural da masculinidade, apresentam claramente vínculos com as conquistas dos movimentos feministas e, mais recentemente, dos homossexuais. Cunha Júnior e Melo<sup>59</sup> foram os pioneiros nos estudos desses últimos, delineando o intuito de inseri-los nas pautas de discussões, legitimá-los e repensar as questões ligadas à homossexualidade, com vistas a enfrentar a perspectiva da heteronormatividade. Os estudos sobre os homens não pode prescindir da origem de suas discussões relacionadas aos movimentos feministas, os quais podem ser considerados a alavanca para os estudos sobre problemática da masculinidade<sup>33,60</sup>.

Diversas são as contribuições da área das ciências sociais e humanas ao tema em nível internacional e nacional, dentre os quais destacamos os estudos de Scott<sup>4</sup>, Bourdieu<sup>62</sup>, Connell<sup>12</sup>, Coakley<sup>62</sup> e Hargreaves<sup>63</sup>, já no âmbito nacional, destacam-se Louro<sup>10-11</sup>, Nolasco<sup>32-34,60</sup>, Almeida, M.I.<sup>13</sup> e Goldenberg<sup>64</sup>.

O homem vive as emoções de forma diferente da mulher, sublimando seus sentimentos, pois se em algum momento isto vier a ocorrer inversamente, ele estará fugindo do modelo de uma tonalidade de masculinidade heterossexual que lhe foi concebida socialmente<sup>66</sup>. A masculinidade hegemônica descrita por Sabo<sup>65</sup> apresenta um homem racional e emocionalmente diferente. É ele quem detém o poder sociopolítico e econômico. O processo cultural é responsável por criar estas amarras, pois “curiosamente o que os desqualifica em sua masculinidade é o que, em princípio, qualifica o gênero feminino. Os qualificativos culturais normativos de um gênero são usados para desqualificar comportamentos não esperados como próprios do outro gênero”<sup>5</sup> (p. 134).

“Desde a Antiguidade, o corpo masculino é liberado do pudor e se exime de pretender igualdade com o corpo feminino. O homem resignou-se ao papel de fazer contraste com o corpo feminino”<sup>26</sup> (p. 95). O corpo masculino até o final do século passado não encontra-se no processo de “exibicionismo do ser masculino, mas o narcisismo volta à cena competindo em igualdade de condições com o corpo feminino, esse sim, mensurável em centímetros sem desafiar a moral”<sup>26</sup> (p. 95).

A expressão da corporeidade na cultura, para o masculino tem criado a cada dia maiores exigências, pois além de ser bonito, tem que gostar de cuidar-se em todos os detalhes,

cabelos, unhas, pele, tanto quanto do físico<sup>67</sup>. A imagem metrossexual e a sensibilidade daí resultantes não parecem mais comprometer a virilidade. Para além do metrossexual, a mídia vem difundindo as “novas masculinidades”, as quais são (re)construídas constantemente. Para o autor, trata-se de personalidades aspirantes à imagem idealizada de como ser homem na sociedade, entretanto, desde que estejam entre os extremos: nem bruto demais, nem frágil demais. Fora desse parâmetro, os homens, em geral, estarão fora dos padrões que a sociedade lhes garante.

O masculino é educado para a superioridade: competitivo, ativo, destemido, independente, racional e intelectual; enquanto as mulheres são educadas para serem emocionais e sentimentais, cabendo às próprias o papel de defensoras e reprodutoras desse modelo machista. As qualidades humanas recebem enquadramentos masculino ou feminino e, nessa diferença, confere mais poder aos homens. O homem moderno é produto da cultura e,

Tornou-se vítima de suas próprias bravatas. Criou personagens que encarnam lutadores tenazes enfrentando máquinas mortíferas, "batman" e "rambos" - e criou também membros musculosos e de potência ilimitada, heróis com os poderes que tanto os padrões sociais lhe oferecem. É cobrado desse padrão/modelo de masculino a virilidade, a racionalidade, o machismo e a voracidade<sup>26</sup> (p. 96).

Desta perspectiva, o masculino “inadequado” (na fala, na vestimenta e, sobretudo, no corpo), porém “real”, se transforma de homem forte a ridículo, e questões que envolvem a masculinidade agora tendem a ser tratadas como ultrapassadas<sup>60</sup>. O processo de dominação masculina, explicitada na obra de Bourdieu<sup>61</sup>, compõem-se da perspectiva de um maior valor ao masculino sobre o feminino. Nessa assimetria de valoração cultural, todo o poder e prestígio estão em corresponder ao ideal masculino de estar na sociedade, como forma de galgar espaços de reconhecimento social.

Outro aspecto importante diz respeito às questões relacionadas à sexualidade, as relações de construção cultural do corpo ocupam um lugar central<sup>11,68,65</sup>. Há um vínculo básico entre o gênero de uma pessoa e suas características biológicas, que a definem como do sexo feminino ou do sexo masculino, porém, isto não é um determinante: ser do sexo feminino não restringe a construção social às bases da feminilidade<sup>69</sup>. O mesmo vale para os indivíduos do sexo masculino. Nesse sentido, o gênero é entendido como algo que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, já que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos.

Os processos vivenciados desde as brincadeiras de infância, junto ao mundo dos brinquedos, por exemplo, vão empoderando mulheres e homens para algumas vivências e desempoderando para outras. A construção da subjetividade e da identidade relacional no mundo vai sendo autorizada ou desautorizada pelas representações do mundo adulto que são vividas nas brincadeiras e são por ele reforçadas ou reprimidas<sup>5</sup> (p. 134).

A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo<sup>70</sup>. A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos<sup>68</sup>.

As vivências corporais se caracterizam, entre outros aspectos, por serem espaços de produção simbólica, de linguagens por meio das quais homens e mulheres se relacionam e se comunicam uns com os outros e com a sua própria cultura. Jogar, lutar, dançar e brincar podem representar, portanto, a possibilidade de expressar afetos e sentimentos, de explicitar desejos, de seduzir, de exhibir-se. Essa comunicação ocorre dentro de certos padrões estabelecidos pela própria cultura, o que envolve valores, normas, atitudes, conceitos e, inevitavelmente, preconceitos<sup>40,71,72</sup>. Segundo Claudia Vianna e Sandra Unbehau<sup>73</sup> (p.90), “A linguagem como sistema de significação é, ela própria, expressão da cultura e das relações sociais de um determinado momento histórico”.

A compreensão de vivências corporais e movimento humano com intencionalidade encontra guarida em Darido et al.<sup>74</sup> (1999), Daolio<sup>75,76</sup>, Saraiva<sup>21</sup>, Sousa<sup>77</sup>, Sousa; Altmann<sup>78</sup>, Rosário; Darido<sup>79</sup>, Rufino; Darido<sup>80</sup>, Goellner<sup>51-53</sup>, Romero; Pereira<sup>81</sup>, Sampaio<sup>54,23</sup>, Deivid et al.<sup>17</sup>, e Zuzzi; Sampaio<sup>44</sup> como sendo uma infinidade de experiências dentro da Educação Física que não se resumem apenas ao esporte, mas compreendem as danças, os jogos, as ginásticas, as lutas, a capoeira, o circo, o lazer, entre outros e permitem a compreensão das mais amplas manifestações da cultura na área em estudo, a Educação Física.

Para a criança, essas práticas consistem em um instrumento interessante de comunicação e construção de autoimagem, mas podem também, se certos cuidados não forem tomados, constituir-se num contexto ameaçador e desfavorável para essa mesma autoimagem. O brincar da criança é um momento de grande expressão das construções de gênero que vão sendo desenvolvidas<sup>22,72,82</sup>. O universo sociocultural, permeado de valores preestabelecidos de beleza, de estética corporal e gestual, eficiência e desempenho, se não for objeto de uma postura crítica e reflexiva, pode estabelecer padrões cruéis para a maioria da população, abrindo espaço para a tirania dos modelos de corpo e de comportamento, criando um controle

sobre a corporeidade que se manifesta na perspectiva de um ritual religioso, que requer da penitência ao sacrifício<sup>83</sup>.

Na esteira de Louro<sup>11</sup>, Saffioti<sup>6</sup> e Sabo<sup>65</sup> há uma considerável variação nos papéis representados por homens e mulheres em diferentes sociedades. As diferenças existentes nas atitudes, nos comportamentos e nos interesses parecem, em muitos casos, prontamente explicáveis pela referência a fatos culturais – as maneiras pelas quais as crianças são educadas, os modelos de comportamento e papéis que os indivíduos adjudicam para si e as expectativas ligadas aos homens e às mulheres.

As meninas ganham bonecas de presente, são incentivadas a brincar de "mamãezinhas" e a se comportarem como "senhorinhas". São recompensadas quando se portam à "maneira feminina" e é provável que sejam repreendidas ao imitar os companheiros masculinos. Por outro lado, podemos constatar que meninos são presenteados com revólveres de brinquedo, bolas, bonecos de super-heróis da TV, carrinhos de controle remoto, videogames de jogos de combate, entre outros. Espera-se que sejam agressivos, é mais provável que possam sujar-se sem sofrer repressões, a eles é permitido extenuar-se fisicamente em atividades como correr, saltar, trepar, chutar e comporta-se, de várias maneiras, como "verdadeiro menino". Quando não conseguem satisfazer a essas expectativas ganham o desagradável epíteto de "mariquinhas"; a eles é forçoso que se adaptem ao comportamento masculino esperado e apropriado. Não é de se admirar, portanto, que as meninas se comportem, geralmente, como senhoras e que os meninos geralmente se comportem como senhores<sup>41,22,23,18,82,72</sup>.

Para a Educação Física, que atua no e sobre o corpo, construindo e reconstruindo-o, importa compreender como esta temática emerge no cotidiano, nos conflitos verbais que interferem nas relações sociais, na impossibilidade do exercício pleno do agir, viver e deixar viver. É de significativa relevância que a produção simbólica da Educação Física coopere para a produção de uma linguagem em que o ser humano possa sentir-se plenamente presente em sua diversidade de feminilidades e masculinidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de conclusão desta revisão crítica descritiva as primeiras impressões são que os estudos sobre as temáticas “Gênero” e “Educação Física”, “Masculinidades”, “Feminilidades” e “Educação Física”, apontam-nos para um terreno fértil e promissor no que diz respeito à contemporaneidade e a abrangência teórica no universo da ciência com a qual esta área de saber dialoga. A presente revisão confirma que aspectos relacionados às “construções” das relações de gênero têm fundos socioculturais e históricos. Destarte, somos levados a inferir que a Educação Física, ao que tudo indica, vem atuando como legitimadora e reprodutora de uma ideologia hegemônica, sexista, patriarcal e machista, sedimentando o *status quo*. Assim considerando, podemos sublinhar que os modelos de corpo expressos nas mais variadas práticas da educação física, na qual se categorizam as atividades dentre aquelas ditas femininas e aquelas ditas masculinas, entre outros, ainda são construídos desprovidos de qualquer fundamentação teórica que aborde a questão sociocultural e histórica dessa temática no movimento humano.

Com base nas discussões teóricas, os mecanismos encontram-se no próprio modo de produção machista e preconceituoso, em que a escola e a família estão inseridas, assumindo o papel de reprodutoras desta ideologia dominante. Sob esse olhar antropológico cultural, podemos afirmar que todo e qualquer indivíduo nasce no contexto de uma cultura e, ao longo de sua vida, ajuda a produzi-la ou pode reconstruí-la. Não existe ser humano sem cultura, mesmo que não saiba ler, escrever e fazer contas. Ela é sua essência. É como se fosse possível dizer que o ser humano é biologicamente incompleto e não se torna ser sozinho, sem a participação das pessoas e do grupo que o gerou.

Esta revisão de literatura em diálogo com a área da Educação Física não teve a pretensão de esgotar a complexidade das situações abordadas sobre o assunto, mas contribuir para ampliar o debate que é fundamental. Buscou-se trazer subsídios para a conscientização dos profissionais da área frente às questões pertinentes ao processo de construção social das relações sociais de gênero e das masculinidades e feminilidades que perpassam o cotidiano escolar. Acreditamos que a abordagem crítica da relação feminino/masculino nos dois espaços, o da sala de aula e o da Educação Física, possa contribuir para o entendimento da diferença na construção desse processo, abrindo caminho para novas propostas de estudo.

A literatura na qual nos apoiamos nos autoriza a concluir que grande parte da nossa identidade cultural constrói-se a partir da reprodução dos modelos culturais existentes e da aceitação das regras vigentes na sociedade, sem questioná-las, não como algo definitivo, mas como predominante. Realidade esta passível de mudança se a concebemos como uma

construção social sobre o biológico e não um determinismo imutável. Sendo assim, pensamos que a não-tipificação pelo sexo das atividades e jogos seria um indicativo de mudança, mostrando o respeito às singularidades de cada pessoa, em atendimento às suas necessidades biofísicas, emocionais e sociais, o que contribuiria positivamente para o seu saudável desenvolvimento e a desnaturalização da estreita relação entre sexo e gênero que se reproduz em atividades tidas como próprias para mulheres e próprias para homens. Portanto, as pessoas devem ser incentivadas a participar de todas as atividades escolares, lúdicas ou não, de maneira igualitária, sem diferenciação pelo sexo, e que, em sua realização, possam usufruir plenamente sua corporeidade e integralidade.

## REFERÊNCIAS

1. Freire, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
2. Freire, AMA. (org.). **Pedagogia dos Sonhos possíveis**: Paulo Freire. São Paulo, UNESP, 2001.
3. Carvalho, MEP; Pereira, MZC. (orgs.). **Gênero e Educação**: Múltiplas Faces. João Pessoa: Universitária, 2003.
4. Scott, JA. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):71-99.
5. Sampaio, TMV. A justiça social em perspectiva de gênero e raça. IN: Oliveira, JLM e Siveres, L (orgs.). **Ensaio sobre justiça social**: refazendo o caminho da vida e da paz. Brasília. Universa, 2009, p. 125-146.
6. Saffioti, H. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna; 1987.
7. Costa, AO, Bruschini, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
8. Moraes, MLQ. Usos e limites da categoria gênero. In: **Cadernos Pagu** 1998; (11):99-105.
9. Piscitelli, A. Gênero em perspectiva. In: **Cadernos Pagu**. 1998; (11):141-155.
10. Louro, G. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, (org). **Crítica pós-estruturalista a educação**. Porto Alegre: Sulina; 1995.
11. Louro, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes; 1997.
12. Connell, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):184-206.
13. Almeida, MI. **Masculino e feminino**: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco; 1996.
14. Almeida, M. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Cadernos do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero (NUTEG)**. Niterói: EDUFF; 2000;1:29-38.
15. Pereira, EGB, Romero, E. "... para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança". **Revista da FAGED**. Faculdade de Educação da UFBA. 2004;(8):139-55.

16. Romero, E. Do corpo docilizado na *Aufklärung* ao corpo generificado no século XXI. In: DANTAS, EHM (org). **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape; 2005.
17. Devidé, FP, Osborne, R, Silva, ER, Ferreira, RC, Clair, ES, Nery, LCP. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**. 2011;17(1):93-103.
18. Goellner, SV. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.
19. Goellner, SV. A produção cultural do corpo. In: Louro, GL, Neckel, JF, Goellner, SV (orgs.) **Corpo, Sexualidade e Educação**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003b.
20. Goellner, SV. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte**, 2008; 1(1): 35-56.
21. Saraiva, MC. **Co-Educação Física e Esportes**. Quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
22. Sampaio, TMV. Conhecimento científico: capacidade humana de intervir reinventando e revertendo a sina severina. In: Wagner Wey Moreira; Regina Simões. (org.). **Educação Física**: intervenção e conhecimento científico. 1ed. Piracicaba: UNIMEP, 2004, v. 1, p. 176-194.
23. Sampaio, TMV. Gênero e Lazer: Um binômio instigante. In: MARCELLINO, NC. (org.). **Lazer e Sociedade, múltiplas relações**. Campinas, SP: Alínea, 2008.
24. Louro, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes; 1997.
25. Luz Júnior, A. **Educação Física e Gênero**: olhares em cena. São Luís: Imprensa UFMA/CORSUP; 2003.
26. Pereira, EGB. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB (orgs.). **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
27. Pereira, EGB. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**. 2010;2:74-8.
28. Messner, MA, Sabo, DF. (editors). **Sports, men and gender order**: Critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics; 1990.
29. Macdonald, D. Conhecimento, gênero e proletarização na formação do professor de educação física. In: Romero, E, (org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus; 1995.
30. Guedes, SL. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1992.
31. Guedes, SL. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF; 1998.
32. Nolasco, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco; 1993.
33. Nolasco, S. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: Nolasco, organizador. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
34. Nolasco, S. Na televisão, representações masculinas e femininas na televisão. In: Jacobina, Kühner, (orgs). **Feminino/masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1998.
35. Cunha Júnior, CF. **Gênero e história**: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e dança. Gramado, 2000. p. 396-400.
36. Knijnik, JD, Machado, AA. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: Romero E, Pereira EGB, organizadores. **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape; 2008.



37. Melo, VA, Vaz, AF. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB, (orgs.) **Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
38. Monteiro, M. Corpo, biologia e masculinidade. In: Romero E, Pereira EGB, organizadores. **Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
39. Pereira, EGB. **A construção sociocultural do corpo masculino nos discursos de graduandos em educação física**. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Motricidade Humana]. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco; 2002.
40. Pereira, EGB, Andrade, GM, Romero, E. As masculinidades no futebol: o que falam e como veem os alunos de Educação Física. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. 2011;10(5):37-44.
41. Pereira, EGB, Andrade, GM, Boas, MFCV, Romero, E. "Até pode ter, mas não precisa demonstrar ou assumir! ninguém precisa saber!": discursos dos alunos de educação física sobre as masculinidades do futebol. **FIEP Bulletin**, 2012;82:1-7.
42. Nolasco, S. De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
43. Sampaio, TMV. Avançar sobre Possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre os esportes. In: Moreira, WW. e Simões, RR. (orgs.). **Esporte como Fator de Qualidade de Vida**. Piracicaba, UNIMEP, 2002, p. 85-99.
44. Zuzzi, RP, Sampaio, TMV. Gênero: corporeidade e cultura: a realidade da Educação Física escolar. IN: Gaio, R, Gois, AA; Batista, JCF (orgs.). **A ginástica em questão: corpo e movimento - 2.ed.** - São Paulo: Phorte, 2010, p. 239-263.
45. Lima, R. On the rocks: Corpo e gênero entre os escaladores do Paraná. **Cadernos Pagu**. 1995;5:149-64.
46. Sabo, D. O estudo crítico das masculinidades. In: Adelman, M, Silvestrin, A (orgs.). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR; 2002.
47. Malysse, S. **Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca**. In: Goldenberg, M, (org.) Rio de Janeiro: Record; 2002.
48. Vertinsky, P. **The Eternally Wounded Women**. New York: Manchester University Press; 1990.
49. Soares, CL. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 2ª. ed. Campinas: Autores associados, 2001.
50. Goellner, SV. A produção cultural do corpo. In: Louro, GL, Neckel, JF, Goellner, SV (orgs.) **Corpo, Sexualidade e Educação: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003b.
51. Goellner, SV. Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: Simões, AC; Knijnik, JD (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004: 359-374.
52. Goellner, SV. "As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte**, 2008; 1(1): 35-56.
53. Sampaio, TMV. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. **Revista Movimento**. Porto Alegre: UFRGS. 2006a; 12(3):73-96.
54. Sampaio, TMV; Silva, JVP. **Lazer e Cidadania: Horizontes de uma Construção Coletiva**. Brasília, Universa, 2011.
55. Daolio, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados; 2004.

56. Goellner, SV. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 2003a.
57. Hall, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed.; 2001.
58. Guedes, SL. **O futebol brasileiro**: instituição zero. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977.
59. Cunha Junior, CF, Melo, VA. Homossexualidade, Educação Física e esporte: primeiras aproximações. **Revista Movimento**. 1996;3(5):1-7.
60. Nolasco, S. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em Sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco; 2001.
61. Bourdieu, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. 1995;20(2):133-84.
62. Coakley, J. Gender: Is equity the only issue? In: Sport en Society. **Issues and Controversies**. Center for the Study of Sport and Leisure. 20. ed. University of Colorado. Colorado Springs: Brown & Benchmark, 1994: 208-238.
63. Hargreaves, J. **Critical issues in the history and sociology of women's sports**. London and New York: Routledge, 2003.
64. Goldenberg, M. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. In: Nolasco, S. (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
65. Sabo, D. O estudo crítico das masculinidades. In: Adelman, M, Silvestrin, A (orgs). **Gênero Plural**. Curitiba: UFPR; 2002.
66. Teves, N. "Corpo e Esporte: símbolos da sociedade contemporânea". In: Moreira, WW e Simões, RR. **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: UNIMEP, 2000.
67. Vitelli, C. Corpos e "modelos" de masculinidades: o foco nas mídias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. 2012;19(2):355-72.
68. Oliveira, PPA. **Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ; 2004.
69. Farinatti, PTV. **Pesquisa em Educação Física no Brasil**: por um compromisso com a evolução. In: Faria Jr, Farinatti (orgs). Pesquisa e produção do conhecimento em educação física. SBDEF. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico; 1992.
70. Camargo, AM, Ribeiro, C. **Sexualidade(s) e Infância(s)**: como um tema transversal. Campinas/SP: Moderna; 2003.
71. Gonçalves, RS. Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida. **Cad. CEDES**. 2012; 32(86):117-136.
72. Leite, MIFP. Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. **Cad. CEDES**. 2002;22(56):63-80.
73. Vianna, CP, Unbehaum, S. O gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988-2002. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 2004; 34(121):77-104.
74. Darido, SC, Galvão, Z, Ferreira, La, Fiorin, G. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**. 1999;5(2):138-45.
75. Daolio, J. A Construção Cultural do Corpo Feminino ou o Risco de Transformar Meninas em Antas. In: ROMERO, E (org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.
76. Daolio, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados; 2004.
77. Sousa, ES. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese de Doutorado. (Faculdade de Educação Física da UNICAMP). Campinas: UNICAMP, 1994.

78. Sousa, ES e Altmann, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: **Cadernos Cedes**. 1999; ano XIX(48):52-68.
79. Rosario, LF, Darido, SC. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**. 2005;11(3):151-62.
80. Rufino, LGB, Darido, SC. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**. 2013;11:144-70.
81. Romero, E, Pereira, EGB. (orgs.). **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades Rio de Janeiro: Shape, 2008.
82. Finco, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil, In: **Pró-posições**. UNICAMP. Dossiê: Educação Infantil e gênero. 2003;14-n.3(42):89-101.
83. Sampaio, TMV. Corpo Ativo e Religião. In: MOREIRA, WW. (org.). **Século XXI**: a Era do Corpo Ativo. Campinas: Papirus, 2006b.

## 2 O OLHAR DA IMPRENSA SOBRE O VÔLEI FEMININO: QUANDO A SOMBRA SE DESTACA

### Artigo 2

ROMERO, Elaine et al. O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *SALUSVITA*, Bauru, v. 33, n. 1, p. 17-44, 2014.

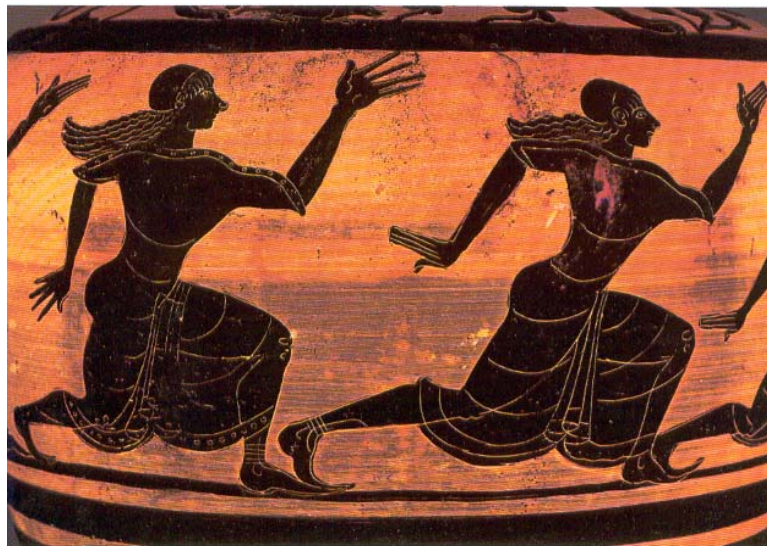
### 2.1 Considerações preliminares

O esporte, desde suas antigas raízes históricas, vem sendo ao mesmo tempo, um terreno fértil da produção social da masculinidade, e também uma poderosa instituição que reproduz simbolicamente, os relacionamentos patriarcais existentes. Pela retrospectiva da Educação Física brasileira, a mulher, por ser vista como um ser frágil, não podia fazer *educação physica*, posto que a moça de família, de acordo com os bons costumes do final do século XIX e início do século XX, mostrava sua decência ao vestir-se, e pentear-se, pelo nome da família, sobretudo, pelo comportamento recatado. A mulher não deveria jamais suar em público na época e a prática de exercícios era abominável posto que era considerada uma atividade destinada aos homens como parte integrante de sua virilidade, robustez e força moral e física.

Desde a Grécia Antiga, quando a participação feminina era vetada nos principais Jogos, a mulher, numa área de reserva masculina, teve que abrir e trilhar caminhos com seus próprios meios. Desse modo, reportando-nos aos principais jogos históricos, realizados sempre em homenagem a um deus masculino, havia restrição à participação feminina. Dentre esses jogos citamos os Olímpicos, realizados de quatro em quatro anos em homenagem a Zeus, em Olímpia, desde 776 a. C., cujo prêmio maior era uma coroa de louro e um ramo de oliveira. Os Jogos Píticos eram realizados também de quatro em quatro anos, em Delfos, desde 582 a. C., em homenagem a Apolo; e os vencedores eram coroados com louros. Os Jogos Ístmicos, disputados de dois em dois anos, rendiam tributo ao deus Poseidon, na cidade de Corinto, desde 581 a. C., e sua premiação consistia numa coroa de aipo. Os Jogos Nemeus, com intervalo de dois em dois anos, transcorriam em Neméia, desde 573 a. C., e surgiram para render tributo à façanha de Heracles, filho de Zeus, e tal qual os anteriores, premiavam os vencedores com uma coroa de aipo (BARROS, 1996; GUTIERREZ, 1980; MIRAGAYA, 2006).

As mulheres tinham seus próprios Jogos, os Heraicos em homenagem à deusa Hera, que eram realizados em distintas cidades da Grécia. No local, os Jogos eram realizados inicialmente a cada três anos, e depois a cada cinco, com uma única prova - uma corrida de 162m. Elas corriam com os pés descalços e com uma vestimenta que alcançava os tornozelos. Como prêmio, as vencedoras recebiam uma coroa de oliveira e um pedaço do animal, que havia sido sacrificado em honra à deusa (SMITH'S DICTIONARY, 1875 – 2007). Os homens, de acordo com Pereira (1988), além de provas variadas, possuíam naquele tempo, inclusive, dirigentes, os *gymnastai*, cargo semelhante aos atuais presidentes de clubes esportivos, com postos de caráter honorífico.

Figura 1 – Imagem representativa de mulheres em prova de corridas



Fonte: Miragaya (2006).

A cultura física tinha espaço marcante no universo grego, tanto que em casa, era comum os homens praticarem exercícios em conjunto entre amigos. Tal qual numa atividade social dos dias de hoje, os homens gregos reuniam-se para a prática de exercícios, e essa atividade social era praticada até idades mais avançadas. O objetivo de tal prática era que os homens cultivassem as qualidades masculinas desejáveis para a época: que eles fossem fisicamente fortes, velozes e ágeis. Nesse cenário ficavam excluídas as mulheres, sobretudo, as atenienses, que viviam numa esfera privada, com o corpo coberto e pouco eram vistas fora de casa, no espaço público. Elas não tinham acesso a competições atléticas para não serem expostas. Mesmo as espartanas, que podiam ter vida pública, e que eram treinadas desde cedo

para tornarem-se mulheres fortes e gerarem filhos fortes, não participavam desse tipo de atividade “social” junto aos homens.<sup>1</sup> As qualidades desejáveis às mulheres consistiam na passividade, modéstia, castidade, pureza, obediência, comportamento recatado e capacidade reprodutiva.

Miragaya (2006) relata que a inserção da mulher nos Jogos Olímpicos, quer da Antiguidade, quer da Modernidade, foi a duras penas. Relata a autora que Stamatha Ravithi, teria sido a primeira participante da Maratona.<sup>2</sup> Segundo seus escritos, Stamatha havia ouvido falar de que haveria uma corrida com premiação em dinheiro. Pobre, mãe de cinco filhos, viu aí a possibilidade de um ganho extra para o sustento dos seus. No entanto, ela foi ludibriada; informaram-lhe de forma errônea a data da prova atlética, e ela, sem saber, correu o percurso, que foi anotado por jornalistas da época. Mas, como correu no dia seguinte ao da maratona oficial (masculina), não recebeu o prêmio almejado.

Contudo, registros históricos dão conta que algumas mulheres participaram dos Jogos Olímpicos, não pessoalmente, mas por intermédio dos aurigas, os condutores das quadrigas - carros puxados por quatro cavalos, cujas proprietárias eram mulheres (BARROS, 1996; MIRAGAYA, 2006). Podemos depreender que elas foram vencedoras não por disputarem as provas, mas por serem elas as proprietárias das quadrigas. Miragaya registra que a princesa espartana Kyniska de Archidamos teria sido a primeira vencedora da prova hípica nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Estes concediam privilégios aos vencedores como: uma coroa feita de folhas de oliveira, um dos símbolos da Grécia, estátua em praça pública do ganhador, despesas pessoais de alimentação pagas pelo poder público, lugares privilegiados em teatros, isenção de impostos e taxas, além de altos postos no governo.

Como consequência dessa situação, Miragaya aponta que foi desenvolvida a cultura do vencedor herói disseminada nos textos teatrais e na literatura de forma épica – no início na poesia e no drama, e, posteriormente, na ficção. Em relação às mulheres, sua exclusão nos Jogos pode ser atribuída pelo fato de uma orientação cultural masculina, pelo aspecto religioso (os deuses homenageados eram homens), por propósitos militares, uma vez que as espartanas eram treinadas para gerarem filhos fortes, também pelo fato de não haver tradição

---

<sup>1</sup> Para melhor entendimento dessa situação, sugerimos o filme “300, o filme”, no qual a vida da mulher espartana é retratada.

<sup>2</sup> A prova nobre dos Jogos Olímpicos, de nome Maratona deve-se ao feito histórico de um soldado grego, provavelmente de nome Fedípedes, que teria percorrido a distância de aproximadamente 42. 245m. entre o local da batalha de Maratona e Atenas (490 a. C.), para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas. Informações a respeito que o soldado após percorrer a distância e anunciar a vitória teria caído morto. Foi idolatrado pela circunstância de seu feito.

escrita para os feitos femininos, pela relação esporte e poder e finalmente pela segregação das mulheres aos Jogos.

Os Jogos Olímpicos da Modernidade ressurgiram por esforços de Coubertin, embora Miragaya registre vários pioneiros que lhe antecederam, como Dover na Inglaterra, Schartau, na Suécia, Brookes na Inglaterra e Zappas na Grécia. As empreitadas desses precursores se deram entre os anos de 1612 a 1889. Entretanto, registros mais recentes dão quase que exclusivamente ao Barão Pierre de Coubertin todo crédito pela criação dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Ele fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 e os primeiros Jogos ocorreram em Atenas em 1896.

Embora Demetrius Vikelas tenha sido o primeiro presidente do COI, de 1894 a 1896, Pierre de Coubertin foi quem maior tempo esteve à frente do Órgão, presidindo-o de 1896 a 1925. Suas ações foram sempre no sentido de evitar, mas não proibir, a participação feminina. Não admitia que as mulheres pudessem disputar, ao lado dos homens o esporte, que na sua visão, era uma prática masculina, tal qual o pensamento dos gregos antigos. De acordo com os dados de Miragaya (2006), a influência britânica na educação de Coubertin pesou na sua maneira de pensar e nas suas decisões. Educado no último período vitoriano, em que a figura feminina era bem demarcada pela submissão, pela dependência financeira masculina, pelo seu destino biológico (a reprodução). Assim, Coubertin entendia que a vida da mulher deveria resumir-se à esfera privada, pois se supunha ser ela um apêndice do homem. Para o pensamento vitoriano, em relação aos esportes, a mulher era considerada um ser incompleto, e não era admissível que suassem em público. Como poderia Coubertin admitir que as mulheres participassem dos esportes olímpicos?

A primeira participação feminina em Jogos Olímpicos se deu em 1900, com registro oficial de 22 participantes em seis modalidades apenas. Com o tempo, houve um gradativo acréscimo de modalidades que culminou com a inclusão do atletismo feminino nos Jogos Olímpicos em 1928. Essa participação pode ser creditada aos esforços políticos empreendidos por Alice Milliat, a primeira presidente do clube “Femina Sport”, em 1915, e que se tornaria a presidente da Federação das Sociedades Esportivas Femininas da França - FSFSF, em 1919, quando iniciou um movimento para incluir o atletismo feminino nos Jogos, porém somente conseguiu a inclusão de 5 modalidades em 1928 em Amsterdam. Milliat deu exemplo de empreendedorismo olímpico (MIRAGAYA, 2006), uma vez que fundou a primeira federação internacional de esporte feminino e iniciou os Jogos Mundiais Femininos, equivalentes aos Olímpicos, conseguindo reunir mais de 20.000 espectadores em sua primeira edição em 1922

em Monte Carlo. Observa-se então que as mulheres, especialmente as atletas, passaram através dos séculos da restrição à esfera privada da casa à condição oposta de atletas que competem num estádio e que arrastam multidões no início do século XX.

Pode-se então observar diacronicamente um quadro generificado no esporte e essa situação não só fica restrita às atletas, mas às dirigentes femininas, ao quadro de arbitragem, e em toda a engrenagem que faz o esporte mover-se, sobremaneira do esporte de alto rendimento. Para sua visibilidade, a atuação da mídia é marcante, especialmente, porque é sabido que o esporte é responsável por contratos milionários além de que os direitos de imagem geram lucros inimagináveis. E como menciona Tambucci (1997, p. 12), “se investimentos em eventos e competições esportivas não fossem um excelente negócio [...] não atrairia as dez grandes empresas patrocinadoras oficiais dos Jogos Olímpicos [...]”. O esporte e a publicidade, prossegue o autor, possuem uma intrínseca e constante relação de troca.

Adentrando no mundo dos negócios, e na esfera econômica, é bom lembrar que estamos pisando num reduto masculino, em sua expressiva maioria e em se tratando de eventos esportivos, os Jogos Olímpicos, praticamente todos nas mãos masculinas, tornaram-se um negócio bilionário. Nesse contexto, estamos articulando o esporte de alto rendimento e a mídia esportiva, especificamente, a cobertura da imprensa esportiva no esporte feminino. Verifica-se que o advento da mídia, inicialmente impressa por meio de fotografias, mídia televisiva e virtual pelos seus múltiplos meios, carrega a imagem, agora extremamente mais do que pública, das mulheres atletas para todo o planeta mantendo padrões ainda subordinados a uma hegemonia masculina que ‘legisla’ sobre o que se quer ver.

É inegável o poder da mídia em todas as esferas e os últimos acontecimentos políticos advindos dos poderes democraticamente instituídos são exemplo desse poder. Como instituição que detêm uma parcela expressiva desse poder, a mídia pode ser encarada como um elemento constituinte das representações da sociedade sobre a participação das mulheres na vida pública e esportiva. Nessa engrenagem, “o importante passou a ser a manutenção dos atletas e de seus patrocinadores na vitrine” (TUBINO, 1997). Qual a melhor forma senão exibir os *corpus sportivus*? O corpo é o mais completo texto cultural criado e recriado pelo homem, escreve Quevedo (2003), e argumenta a autora que como um texto cultural não se espera uma única leitura. Como assinala Andrade (2003), o corpo está em constante aprendizado com o outro na relação e na interação. Esse outro pode ser materializado pela mídia de um modo geral e dos modelos idealizadores que ela apresenta.



Na perspectiva de compreender de que forma a mídia ensina a relacionarmos com o mundo, podemos dizer que temos observado que as fotos veiculadas em diversos jornais brasileiros sinalizam tratamento diferenciado entre as diversas modalidades esportivas. Algumas delas sequer merecem destaque e, quando muito, uma pequena nota, e outras modalidades não são mencionadas, mesmo tendo disputas internacionais. Essa situação, na análise de Tubino, reflete o paradigma do negócio no esporte, que tem provocado revisão no quadro esportivo, empurrando para o ostracismo, as modalidades que não apresentam em seus eventos, o espetáculo.

A imprensa adjudica para si a divulgação de imagens e textos que tendem a causar impacto no leitor, que admira e se identifica com o esporte. Assim, jogadas, passes, gols, e outras situações no futebol masculino, por exemplo, tem público cativo. Em relação aos atletas dos demais esportes, o tratamento, é diferenciado; os homens sob os holofotes nos seus feitos e performances atléticas e as mulheres exaltadas pelas suas formas corporais. Por meio dessa prática, a imprensa esportiva exerce um papel de destaque no qual segundo Forsyth (2003), a cultura midiática constrói e renova, de forma implacável, a imagem de feminilidade nos dias atuais. Na avaliação da autora, a mídia e outras vozes das sociedades patriarcais ensinam às mulheres, independentemente da idade, como devem se ver, a tal ponto de aceitarem docilmente o mito da beleza disseminado e incansavelmente repetido. Como consequência, adverte Forsyth que esse mito patriarcal constitui-se num risco à saúde física e mental das mulheres bem como as priva de uma identidade autônoma.

No traslado dessas idéias à cobertura de esportes como o voleibol, por exemplo, é nítido o tom de diferenciação entre as imagens veiculadas da equipe masculina e da feminina. Na esteira de Andrade, é possível identificar diversas pedagogias atuando no meio esportivo ensinando-nos como nos relacionar com as coisas do mundo. São nessas relações que se constroem os gêneros. Nesse entendimento, podemos dizer que a imprensa esportiva tem atuado como forte elemento para ressaltar o corpo feminino – os seus atributos físicos no esporte de alto rendimento e, ao mesmo tempo, tem sistematicamente lhes ocultado a visibilidade facial e atlética.

Inserindo essa problemática no âmbito dos estudos sócio-culturais das práticas culturais e esportivas, reportamo-nos aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), cuja estrutura contempla a área da Educação Física (p. 9), e observamos que sua proposta de trabalho volta-se para a cultura corporal. Engendrando o tema do presente trabalho com os propósitos da Educação Física, podemos asseverar que a comunicação

mediada tecnologicamente contribui na construção e reconstrução de representações culturais, que são compartilhadas na sociedade contemporânea. Representação é uma palavra chave para articular as concepções e as práticas do corpo em movimento no esporte de alto rendimento num “espaço pedagógico” onde o poder é organizado e difundido (ANDRADE, 2003). As transformações advindas das tecnologias de comunicação repercutem na Educação Física, e partilhando da interpretação de Pires et al (2006), o teor dos PCN trata de forma científica e pedagógica da manifestação da cultura.

Entendemos que a cultura, conforme sublinha Laraia (2002), apoiado na contribuição de Kroeber, destaca-se por determinar, mais do que a herança genética, o comportamento do homem, o que viria a justificar suas realizações. Nessa engrenagem, o ser humano resulta do meio cultural em que foi socializado. Em se tratando da articulação mídia, esporte e cultura corporal, não fica difícil compreender a assertiva de que o esporte reproduz simbolicamente os relacionamentos patriarcais existentes, reforçando a superioridade masculina, bem retratada nas fotos esportivas que ilustram os cadernos voltados ao público que aprecia eventos dessa natureza.

Consideramos oportuno aprofundar um tema ainda pouco explorado nas Ciências do Movimento Humano, ou da Motricidade Humana, destacando desse modo uma lacuna no conhecimento, apesar da constatação de Pires et al (2006). Eles verificaram que, em meados da década de 1990, a produção em Educação Física e Mídia foi impulsionada pela criação de fóruns e grupos de trabalho nas sociedades científicas brasileiras. Como resultado, houve crescimento da produção a partir do ano 2000. Neste cenário não estão considerados os estudos e a (escassa) produção que trata das questões que envolvem gênero e mídia esportiva, o que evidencia nessa lacuna, a relevância do presente estudo.

Por outro lado, a par do ponto de vista de Monique Pires (2006), entendemos que estamos tendo a oportunidade, numa perspectiva feminista, de fornecer elementos para desconstruir toda uma história aprendida durante anos sob a ótica generificada. É a perspectiva de trazer para o centro da academia e da comunidade científica os conceitos elaborados pelas historiadoras feministas negando discursos que afastaram as mulheres da produção em que elas deixaram de figurar como sujeito político/objeto de estudo. A contribuição ao debate emerge das linhas que assinamos.

Diante do quadro exposto somos motivados a proceder uma análise, na ótica do gênero, como categoria relacional, da cobertura das finais da Superliga de vôlei de quadra feminino. Tomamos aqui as principais idéias de Scott (1995, p. 89), que nos aponta que o

gênero fornece-nos um “meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana”. Percebe a historiadora que ao falar de gênero, refere-se ao discurso da diferença dos sexos. Suas idéias têm sido elaboradas e trabalhadas por diversos pesquisadores/as.

Para essa empreitada reunimos as fotos divulgadas pelo Jornal O Globo (Caderno) de Esportes, durante a disputa do título pelas equipes do Osasco/SP e do Rexona/RJ, realizada nas duas cidades em 2006 e início de 2007. O periódico é de alta tiragem (não declarada) e grande circulação em todo país.<sup>3</sup> Detivemo-nos, portanto, a analisar criticamente as imagens (fotos) e textos (legendas) veiculados. Para Pilotto (1999) com suporte em Faiclough, o texto, como artefato cultural, exhibe imagens visuais que legitimam determinadas representações e é atravessado por discursos, que definem, constroem, e posicionam os seres humanos, construindo verdades sobre o mundo. Prossegue a autora que a análise crítica do discurso (visual) desarticula e critica os textos como uma forma de quebra do senso comum. Em suma, ela não apenas tece comentários sobre o que é dito, mas considera o que não é dito – as ausências.

Entendemos que a imprensa ensina várias formas de olhar o corpo e esse olhar é oriundo de uma cultura patriarcal dado que a esmagadora maioria da imprensa esportiva é composta por homens. É uma pedagogia cultural, que no entender de Campos (2006) vem a ser uma área pedagógica que abrange locais onde o poder é organizado. No caso presente o jornal, que por meio dessa pedagogia constrói e constitui identidades, discursos e representações do corpo atlético feminino. Nesse processo, o discurso midiático influi na acrítica assimilação dos corpos expostos. São corpos exibidos em fotos em que o rosto das atletas é ocultado. O que interessa é mostrar o padrão de feminilidade, preferencialmente em trajes sumários, com ênfase nos glúteos, como se a identidade das atletas estivesse sobretudo, no corpo que ostenta formas ditas perfeitas. Em outras palavras, como denunciam Andrade (2003) e Pires e Mól (2003), as fotos exibem mais o corpo e seus contornos como desejáveis a todos os corpos. O rosto da atleta, já não tem tanta importância.

Justificamos a escolha da etapa final da competição posto que foi neste momento que o vôlei feminino ganhou a atenção da imprensa esportiva. Com este estudo estamos apresentando um recorte de uma pesquisa maior – “A hierarquia de gênero no espaço escolar

---

<sup>3</sup> O periódico tem sucursais em quatro capitais brasileiras e seu alcance vai de um extremo a outro no País. Além disso, o banco de imagens é centralizado e faz a distribuição para outros periódicos brasileiros.

e no ambiente esportivo” – contemplada no Edital CNPq 45/2005, na qual a maior parte dos autores participou.

## 2.2 Revisitando a corporeidade feminina

O ethos da mulher contemporânea, que se apresenta dinâmica, independente, autogerenciadora, multifuncional, foi definido por muitos fatores históricos, que tiveram como matriz arquetípica, durante muitos séculos, uma outra noção do feminino: a idéia de mulher como protetora provedora, intuitiva, por um lado, e, ao mesmo tempo, submissa/subserviente, casta, temente e dependente, de outro. A breve análise que se segue não trata de mulheres esportistas, mas de mulheres de uma forma geral.

A começar pelas sociedades primitivas que tinham um protótipo da “Grande Mãe” a primeira representação: a mulher como fonte de vida, nutrição, calor e proteção. Essa é a imagem que existe desde o começo dos tempos e em todas as culturas (GUEDES, 2003).

Na Antigüidade clássica, o corpo é visto como elemento de glorificação e de interesse do estado. No período helênico, a importância dada ao corpo chega a integrar o sistema educativo. Conforme antes mencionado, a mulher grega ateniense é recatada, voltada ao lar, obediente e servil, enquanto que a espartana era ouvida nas questões políticas, mas sua missão era de gerar fortes guerreiros (ROMERO, 2005). Em Roma, com uma educação unilateral, a corporeidade bélica masculina se destaca, ocultando a feminina, mera coadjuvante.

Com a divisão social do trabalho, a sociedade se divide em classes eclodindo as dominantes, que passam a estabelecer as relações entre dominantes e dominados, quando a mulher passa a ser a primeira escrava – do homem. Nesse contexto, surge o Estado e nesse momento a mulher perde então a liberdade sexual e começa a utilizar seus dotes físicos para ter voz. A sensualidade ainda é usada de forma discreta.

Na Idade Média, por influência da Igreja, o desprestígio das atividades corporais se ascende e cresce a rejeição ao corpo, visto como vil e desprezível. Os homens medievais exploravam as mulheres de múltiplas formas, inclusive ameaçando a cidadã que vivia só, chantageando-a com falsas denúncias de prostituição e vagabundagem, conseguindo com essa prática que as trabalhadoras que moravam sozinhas aceitassem as condições por eles expostas, inclusive de favores sexuais. Para Guedes cresceu assim a prostituição, ficando a mulher

exposta a situações vexatórias e além de oprimida, privada de seus direitos. Tínhamos então no momento um tipo de mulher esgotada pelo trabalho em domicílio, e outra, que vivia folgadoamente no luxo, mas ambas submissas.

No Renascimento o corpo volta a ser prestigiado pela valorização do trabalho masculino, porém o feminino ainda era ao lado do desenvolvido pelos artesão e escravos. Em oposição ao *magister dixit* medieval, a pedagogia que se apregoava vinha ser a liberal e destituída do autoritarismo característico do ensino escolástico. A educação elitista passou a ser desfrutada apenas pela burguesia (ROMERO, 2005).

A Revolução Inglesa, no século XVII, ficou marcada com a chegada do modernismo, e com ele, o capitalismo moderno. Demarca-se então a acumulação capitalista que permitiu a revolução técnico-científica e o surgimento da manufatura, que substituiu o artesanato com a exploração do trabalhador. Nesse contexto, como esclarece Guedes (2003), foi a mulher a mais sacrificada naquele tipo de sociedade. Elas eram escaladas para mover moinhos nas oficinas das lavras de ouro e prata, e muitas trabalhavam em casas de família burguesa e nobres, ao passo que outras, ganhavam seu sustento como domésticas e prostitutas, fazendo uso do corpo físico.

No Século da Luzes, as mulheres abastadas e as nobres tinham voz na corte e passaram a lutar pela liberdade sexual. Entretanto, os progressos chegam somente à burguesia; as mulheres do povo ficavam abandonadas à própria sorte. Não havia união entre elas, e as ricas viviam alheias aos problemas enfrentados pelas de menor sorte. Contudo, tanto as mais abastadas quanto as desafortunadas financeiramente eram declaradas incapazes pelas leis e códigos.

No período contemporâneo, vários eventos marcaram a corporeidade feminina, citamos alguns como a revolução de 1917, que atingiu a mulher russa dando-lhe importantes direitos econômicos, políticos e civis. Assim, tiveram direito à posse da terra, à instrução, ao trabalho e à cultura. A partir de 1936 novas conquistas são registradas, como autonomia individual, na educação, no emprego assalariado e nos esportes.

A Segunda Guerra Mundial trouxe consequências nefastas às mulheres, que foram reduzidas à dona de casa, parideira quando não na condição de prisioneiras – eram escravas. Se compararmos essa situação com o que lemos nos noticiários nacionais da atualidade, parece não ter havido a erradicação desse tipo de tratamento. Entretanto, voltando à situação de guerra, as mulheres também atuaram nos hospitais improvisados nos campos de batalha, na ajuda aos feridos, como mensageiras entre outras funções; nas fábricas para produzir armas e

até nos campos de batalha para lutar. Como o término da guerra a situação voltou como era dantes – a mulher na esfera privada e as que conseguiam trabalhar tinham salários inferiores aos dos homens. Uma corporeidade que revela a mulher submissa/dominada.

Mais à frente, nos anos de 1950/60, entra em voga a idéia da “moça de família”, que deveria ser contida em seus gestos, recatada, ser obediente aos pais, e era preparada para se casar virgem. Seu destino biológico era o lar e a maternidade e com isso sua corporeidade reprimida. As transgressoras eram conhecidas como levianas, garotas fáceis e outros adjetivos que lhes eram imputados.

Nesse cenário podemos assinalar que a mídia, por meio da propaganda publicitária vende “felicidade” por meio de promessas em produtos (pessoais) de beleza e estética, de facilidade (doméstica) pela sedução de novos aparelhos como aspirador, máquina de lavar, entre outros. Na realidade, as estratégias da publicidade foram no sentido de criarem desejos de consumo. A publicidade cria estereótipos novos fugindo de outros mais antigos. O desejo do corpo belo e perfeito assume grandes proporções e o padrão de beleza, traduzido pela corporeidade feminina passa a ser curvas acentuadas e coxas grossas, portanto exigia cuidados com a aparência. A magreza poderia ser resolvida com suprimentos “nutritivos”.

Com o advento do feminismo, o movimento de emancipação das mulheres levou-as a reivindicações como a igualdade jurídica do voto, instrução, profissões liberais entre outras lutas pelos direitos femininos. A liberação dos corpos foi a grande meta deste momento histórico. A emancipação da mulher e o movimento feminista foram assim os elementos que remodelariam a visão sobre o feminino nesta época. Ao denunciarem injustiças e contradições sociais, as mulheres foram construindo seu espaço. Lutaram por remuneração ao trabalho desempenhado, conquistaram o direito ao controle da reprodução através da pílula anticoncepcional e se inseriram em movimentos encabeçados por grupos de militantes feministas.

No entanto, a vida no lar ainda continuava a ser a norma e padrão. A imagem e a corporeidade feminina são construídas com discursos ideológicos, neles configurado o da beleza feminina. Analisa Monique Pires (2006) que as qualidades femininas desejáveis ainda repousam na essencialidade – elas devem ser essencialmente sensuais e atraentes. Para a autora, apesar de as mulheres se tornarem mais visíveis e aptas a disputarem o mercado de trabalho, as representações delas na mídia reforçam o estereótipo do corpo belo de forma que a beleza e sedução são seus atrativos principais, paralelamente ao destino biológico da maternidade e os cuidados com a família.

A partir da década de 1970, com a maior politização da mulher, a família sofre transformações e a dominação patriarcal é denunciada. Mesmo assim estava arraigada a idéia de que as mulheres deveriam ficar em casa e cuidar dos filhos, marido e da casa (PIRES, M. 2006). Os cuidados com o corpo e beleza ganham força nas páginas das revistas “como práticas estabelecidas”, como bem assinala Oliveira (2006). Emerge o conceito unissex, mas os produtos destinados ao público-alvo continuam uma perspectiva de gênero. Enquanto para as mulheres, tal como nas décadas anteriores, a preocupação era com a “naturalidade e o encanto”, para os homens o discurso era traduzido pela elegância e descrição, associando produtos para homens às idéias de masculinidade<sup>4</sup>.

O modelo atual é aquele que faz referência ao culto do corpo e à magreza. Surge aí o apelo às imagens com formas corporais que vendem produtos e que servem de referência aos padrões de beleza veiculados pelas mídias, conforme antes mencionado.

### 2.3 As imagens que marcam

Na atualidade, o universo imagético vem ocupando lugar de destaque na sociedade contemporânea, justamente por ser, reconhecidamente, um dos principais recursos cognitivos. No campo da comunicação de massa, conforme é apresentado por Moles (1982) e por Benjamin (1994), a visualidade é que faz com que a obra-de-arte maximize o seu potencial estético, dentro da experiência humana. Com a instauração de um novo paradigma do conhecimento, a imagem passa a ser tratada como um significativo repositório de informações que antes passava despercebido. Nessa ótica, a informação inerente ao universo imagético começa a ser incorporada pelo paradigma estético emergente.

O termo imagem tem sua origem na expressão latina *imago*, como a máscara mortuária utilizada pelos romanos. Pode-se considerar que esse termo possui em si um sentido polissêmico por permitir um leque muito diverso de significados, desde reflexo, passando por sombra, por simulacro, até as imagens mentais, ou signos. Sua existência está sempre ligada a

---

<sup>4</sup> Para maiores informações e minúcias da articulação de gênero entre os anúncios publicitários, sugerimos a leitura do texto de Nucia Alexandra Silva de Oliveira, conforme dados ns referências do presente trabalho.

uma determinada áurea, podendo ser religiosa, mística, como réplica ou como simulação (na atualidade).

A imagem, portanto, tem perpassado todos os campos do conhecimento humano, desde o religioso, até o científico. A imagem, no espaço científico, assume um destaque especial, advindo da própria natureza estética que esse conceito assume. Essa natureza estética fica clara nas artes plásticas (pintura escultura), na arquitetura, já que se formam diretamente sobre imagens, dentro de uma estética culturalmente determinada. Em outras expressões artísticas, a imagem assume uma importância primordial, quer na hora que os personagens assumem e constroem o espaço do palco, como no teatro, quer na hora em que o leitor constrói imagens a partir de um texto, como na literatura. Mas para Joly (1996, p. 18), “a noção de imagem vincula-se estritamente à representação visual: afrescos, pinturas, mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filme, vídeo, fotografia e até imagens de síntese”. Enquanto no campo científico (medicina, astronomia, matemática, meteorologia, física etc.), sob uma outra ótica, a imagem está relacionada à “visualização de fenômenos” (p.23). Para a autora, as imagens científicas são formadas basicamente por dois tipos distintos: imagens “verdadeiras” ou “reais” e imagens resultantes de simulações numéricas. As primeiras são imagens que ajudam a observar e a interpretar a realidade a partir do seu registro físico.

Na atualidade, observamos o problema da associação direta entre as mídias eletrônicas e a imagem, como foi apontado por Joly, que compreende os sentidos dados atualmente pela imagem, associam-na diretamente com as mídias eletrônicas, principalmente com a televisão e a propaganda.

A conceituação de imagem deve ser considerada diversa, não só pela natureza diferenciada de suas mídias, mas pelos modos distintivos de apresentação, permanência e ação.

Jacques Aumont (1995), em seu livro "A imagem", levanta a tese de que esta alguma coisa a mais que não está na imagem, mas que é capaz de transmitir a seu espectador, é um saber sobre a gênese da imagem, sobre seu modo de produção. A imagem possui um modo de emprego que seu espectador supostamente conhece. E isto diz respeito também à temporalidade desta imagem. A noção de imagem, portanto, desencadeia variações múltiplas de funções e significados. Para evitar uma confusão mental, este estudo adota um núcleo comum que integra todas essas significações, conceituando a imagem como um artefato que intercede à relação do homem consigo próprio e com o mundo a sua volta, como modo de



produção de sentido. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (SANTAELLA; NÖTH, 1998).

Assim, a noção de imagem como representação nos interessa porque cria um vínculo comum entre todos os tipos de imagens até aqui expostas, precisando o termo imagem como algo que produz significados. Em outras palavras, seriam interpretações na mente daquele ou daqueles que percebem essa imagem, tomando alguns traços emprestados do real, que por sua vez torna a ser revestido de novos sentidos pelo processo de interpretação mental, gerando, como uma cadeia infinita, novos traços do real para constituição de novas imagens.

Portanto, no âmbito desta pesquisa, a imagem é entendida como um fenômeno de significação e de comunicação e, como tal, pode ser abordada como conteúdo de atividade semiótica.

Consideramos que a imagem é como um ato de representação, posto que “o texto representa o objeto por convenção, enquanto a imagem o representa por projeção” (SMIT, 1996, p.30), assumindo-se diferentes níveis de construção de significados ou, até mesmo, como criação, como é abordado por Lucena (2002) para a construção das imagens virtuais. Nesse sentido, a imagem pode ser abordada a partir de diferentes níveis de análise. Esses níveis analíticos estão diretamente relacionados à natureza e à abrangência da informação pretendida. Para tanto, recorreremos a Panofsky (1979), que distingue os níveis informacionais da imagem em: • Nível Pré-iconográfico – entendido como o nível em que se dá a descrição da imagem em seus atributos constitutivos; • Nível Iconográfico – entendido como o reconhecimento e/ou estabelecimento da significação da imagem e; • Nível Iconológico – entendido como o relacionamento entre os significados construídos e a contextualização da imagem e de seu intérprete.

Assim sendo, parafraseando Smit (1996), a imagem pode ser considerada uma tríade em sua abordagem histórica, a qual, em um primeiro momento, passa a ser um espelho do real, considerada a seguir como uma transformação do real e, na atualidade, como traço do real.

Considerando a imagem, conforme Smit, uma “entidade tripartida”, para exercer as funções de representação e veículo informacional, ela deve ser composta de suporte, expressão imagética e conteúdo informacional. Como suporte, entendem-se, no presente estudo, a superfície e a técnica pela qual a imagem foi produzida, química, magnética ou

digital. Como expressão imagética, está a composição da imagem em si, os seus elementos constitutivos e as relações que estabelecem entre si no espaço da imagem. E, como conteúdo informacional, as formas de interpretação das imagens, tais como a identificação individual dos elementos de sua composição, quer personagens, espaços, contextos sociais etc.

A indicação de um interesse geral na área das imagens como área prioritária de trabalho parece, contudo, em muitos casos, relacionar-se ao uso da imagem como uma forma analítica a mais – além da forma textual – para a compreensão do recorte do real estudado. Em outros casos, parece mesmo indicar o uso dos recursos imagéticos como auxiliares da pesquisa verbal, como elementos adicionais na captação do real trabalhado, ou, ainda, como meras ilustrações do recorte em estudo.

Nos anos 1990 a busca das ciências sociais – no sentido de delimitar o campo de trabalho com imagem como uma linha de pesquisa de caráter quase disciplinar – ao mesmo tempo em que denota uma preocupação em relação aos recortes capazes de lhe conferir autonomia relativa como disciplina, deixa claro o desejo de instituir uma metodologia específica para seus usos, metodologia essa que a diferencie de outras áreas, sem contudo afastar as possibilidades de discussão e troca interdisciplinar.

Nesse sentido, a antropologia – que engloba uma disciplina em construção, mas já consolidada no imaginário dos que a praticam, qual seja, a antropologia visual – ganha espaço prioritário como fundamentação do *locus* das pesquisas em imagem nas ciências sociais. É entre os antropólogos que se tem a mais avançada, embora ainda tímida, discussão sobre a necessidade de delimitação das fronteiras disciplinares teórico-metodológicas, discussão essa que vem ganhando força a cada momento.

Nessa esteira aparece o uso da fotografia como uma forma de “congelar” os momentos vividos, as expressões reveladas, as reações desencadeadas. A captura de imagem passa a ser percebida como um instrumento cujo “conteúdo informativo é tão importante para a construção do objeto de estudo quanto as histórias de vida, os dados estatísticos ou os registros bibliográficos. De natureza diversa, esses suportes devem ser tratados como unidades de informação” (SMIT, 1996, p.216).

A Etnografia Visual em muito contribuiu no desenvolvimento da fotografia como instrumento e da análise das imagens dele derivadas. Posteriormente, a filmagem revela-se como instrumento outro que, ao invés de “congelar” momentos, busca capturá-los de forma diversa – traz som, imagem e movimento integrados, assumindo que a imagem sozinha não cobre tanto o panorama pesquisado, mas pode ser vista/entendida em conjunto com o som e o

movimento de forma a favorecer o desvendamento da “intrincada rede que constitui a produção de sentidos” (MACEDO et al 2004, p. 16). Palavra e imagem em movimento fazem, da vídeo-gravação, modos de buscar capturar a essência das narrativas em jogo.

Para Peixoto (1998), o texto escrito e a imagem/som têm uma relação não de identidade ou oposição, mas de complementariedade. Por outro lado, Souza e Lopes (2002) têm o entendimento que a palavra.

[...] é companheira, uma vez que com ela a imagem se enriquece, ganha contornos (...) há que se decompor as imagens em palavras e devolver ao outro as possíveis interpretações daquilo que é visto, tirando as imagens técnicas mediadoras de um diálogo entre pessoas que buscam novos modos de narrar sua experiência, recriando o mundo na imagem e no discurso (p. 64).

Vale ressaltar, outrossim, que o pesquisador, ao transcrever a imagem para analisá-la, já a reduz, empobrecendo-a. Queiroz (1988, p. 17.) aponta que na transcrição sempre há “um empobrecimento quando comparado com a fita gravada”, afinal, além do recorte da filmagem, “de novo o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar de alguma forma o que fora registrado (idem, ibidem)”.

No que tange às análises das imagens, é necessário identificar seus significados dentro da representação social e estar atentos às várias condições que permitem à imagem representar um objeto. Estas condições passam pelos significados da imagem, pela representação visual e pelo nível de percepção das imagens por parte dos indivíduos da comunidade. Passa ainda, pelas intenções do autor, pela própria construção do objeto de representação e enfim, pela interpretação dos espectadores. A análise das imagens não deve ser feita através da verificação de uma condição apenas, pois todas são importantes para responder com clareza sobre o modo de representação das imagens.

Antes mesmo de realizar o processo de análise das imagens é imprescindível atentar para os vários sentidos que uma foto é capaz de proporcionar. Estas múltiplas leituras, que denominamos de caráter polissêmico da imagem, não significam que a foto possua vários "sentidos", e sim que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Esta capacidade que a imagem tem de possuir vários significados nasce da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador.

Por possuir uma condição de semelhança com o seu referente, a imagem adquire uma relação com o objeto de sua representação através dos diversos sentidos incorporados. Neste estudo optamos por abordar a imagem num plano da representação (o que ela mostra), num plano de conteúdo (o que ela significa), e num plano do significante (a realidade exterior a

que ela faz referência). Ou seja, procuramos identificar qual a semelhança e ou diferença com a realidade exterior que a imagem remete.

Com isso, procuramos o sentido, a interpretação que determinado grupo ou indivíduo apresenta para determinado objeto da sua realidade. A fotografia, assim, não retrata a realidade tal qual ela aconteceu. Ela é uma interpretação de determinado recorte do passado, de um relato sentimental dos indivíduos e fruto das representações de determinado indivíduo ou grupo.

## 2.4 Sinopse dos textos e das fotos

O corpus de análise foi constituído por todas as fotos publicadas durante a disputa da superliga do vôlei feminino, totalizando oito fotos, sendo que uma delas foi repetida - uma na versão colorida e outra em preto e branco. Todas elas foram divulgadas entre fevereiro e abril de 2007.

Foto 1) texto: Natália ataca com sucesso na vitória do Osasco sobre o Rio. Data da veiculação: 14/02/07. Descrição: a foto é em preto e branco. Três atletas aparecem, sendo que em primeiro plano duas atletas negras do Rexona-Ades aparecem de costas durante o bloqueio e a adversária, do outro lado da rede no momento da cortada. O rosto desta atleta (branca) é visível.

Foto 2) texto: Dani Scott (8) explora o bloqueio duplo de Fabiana e Amanda. Data da veiculação: 19/03/07. Descrição: a foto é colorida. Em primeiro plano aparece a atleta nº8, (negra) de costas, transparecendo a fase da descida de uma cortada. Do outro lado da rede, duas atletas (negras) do Rexona são retratadas no momento do bloqueio, de braços estendidos, e a rede oculta-lhes o rosto. As três atletas na foto têm o rosto encoberto.

Foto 3) texto: A atacante Paula Pequeno, do Osasco, tenta superar o bloqueio duplo de Fabiana e Renatinha (...). Data da veiculação: 02/04/07. Descrição: Na foto colorida, a atleta nº 4 (branca), do Osasco, de costas é retratada no momento da cortada. A bola pode ser vista ainda na sua mão. Ao fundo, duas atletas do Rexona (uma branca e outra negra) pulam no bloqueio. O close é feito nas formas da atacante, especialmente nas nádegas. Uma delas (nº 17, tem o rosto ocultado pela rede, enquanto que sua companheira (nº 1) tem sua cabeça

completamente ocultada tanto pela rede quanto pelos longos cabelos da atleta atacante. Nenhuma delas exhibe o rosto.

Foto 4) texto: Regiane toca para superar o bloqueio duplo do Osasco (...). Data da veiculação: 5/04/07. Descrição: a foto exhibe outra situação de ataque-defesa. No primeiro plano a atleta nº5 (negra) do Rexona, está de costas, e seu braço está em destaque após a cortada. Ao fundo, duas atletas do Osasco aparecem no bloqueio. Uma delas tem o rosto totalmente encoberto pela rede, ao passo que sua companheira, já no momento de descida do bloqueio, tem seu rosto à vista, mas a rede, como um véu, impede-lhe melhor visibilidade (uma delas percebe-se que é uma atleta branca, a outra, pelo ângulo da fotografia, não se pode identificar, mas quando perguntamos a um especialista do vôlei, ele afirma ser ela branca).

Foto 5) Não há texto publicado junto à foto. Data da veiculação: 7/04/07. Descrição: A atleta do Osasco (nº8), mesmo ao fundo, ocupa a posição de primeiro plano, uma vez que sua companheira de equipe, à frente dela, de costas, tem o visual desfocado, por isso não se consegue identifica-la, mesmo pelo número da camiseta, que também está esfumado. A atleta (negra) cujo rosto é visível esboça uma reação de alegria, provavelmente pelo ponto marcado pela equipe.

Foto 6) Não há texto junto à foto. Data de veiculação: 8/04/2007. Descrição: A foto em preto e branco, sugere uma comemoração em que três atletas (duas brancas e uma negra) são retratadas. A personagem de maior impacto, na nossa leitura, está ao centro (uma atleta branca), cuja foto exhibe-a em posição ajoelhada, como se estivesse agradecendo pela vitória, entretanto o foco é distante. As outras duas (uma branca e outra negra) têm suas formas físicas destacadas, num apelo visual, e aparecem com foco próximo.

Foto 7) Não há texto veiculado junto à foto, que foi posteriormente republicada no dia 23/04, depois da última partida, mas em preto e branco. Data da publicação: 21/04/07. Descrição: Foto colorida, que de forma análoga à foto nº 3, exhibe três atletas. Em primeiro plano, a de nº 5 (negra) do Rexona-Ades, aparece no momento da “largada”, e simultaneamente, as duas adversárias estão no bloqueio, mas o rosto de ambas é totalmente encoberto pela rede (uma delas é identificável, como uma atleta branca; a outra, encoberta pela atacante e com a rede cobrindo-lhe o rosto e o número na camiseta, não permite qualquer identificação).

## 2.5 O dito e o não dito nas legendas

O que é dito para quem se dirige permite-nos penetrar nas relações de poder que exerce a linguagem. O silêncio é uma forma de linguagem. Aqui vamos nos deter para comentar sobre as legendas (textos) que acompanharam ou não as fotos estudadas. Como sinalizamos na inicial, este estudo é um recorte de uma pesquisa maior. Nela, os dados colhidos nos possibilitam uma análise mais acurada dos textos veiculados. No caso presente temos textos “telegráficos”. Na esteira de autores que tratam das representações, entendendo que todo discurso veicula atitudes, crenças, preconceitos da pessoa que fala (escreve) bem como espera que o receptor possa ter, todo texto tem conteúdos implícitos e explícitos.

As exíguas mensagens escritas que acompanham as imagens por si podem revelar as representações, normas, valores das relações dos indivíduos, mais precisamente da mídia impressa com as atletas e o público leitor. Vemos que não é possível esperar uma única leitura, mas tentar entender qual sua mensagem, mesmo que esta interpretação tenha o viés de quem a interpreta. Na frase: “Natália ataca com sucesso”, temos clara a tentativa de exaltar a performance da jogadora, inclusive, é uma das poucas imagens que exhibe o rosto de uma atleta. Porém, quando passamos ao próximo texto: “Dani Scott (nº8) explora o bloqueio duplo de Fabiana e Amanda”, na realidade, quem levou a melhor foi a dupla de bloqueadoras, que impediram o ponto da atacante, acrescente-se aqui que a dupla é negra e a atacante é branca. O que poderíamos na ótica do gênero interpretar?

No texto seguinte se lê: “A atacante Paula Pequeno, do Osasco, tenta superar o bloqueio duplo de Fabiane e Renatinha (...). O dito parece mais uma vez evidenciar a performance das atletas retratadas, mas a foto exhibe os contornos corporais, cuidadosamente escolhidos destacando os glúteos da atacante. E na última foto que é acompanhada de texto (as demais só exibem as imagens) lê-se: “Regiane toca para superar o bloqueio duplo do Osasco”. A idéia inicial uma vez mais nos leva à preliminar de que a atleta Regiane está sendo observada e distinguida pela habilidade de superar o bloqueio, mas a foto exhibe apenas suas costas, nas quais se pode facilmente identificar o número na camiseta e o patrocinador, e com muito esforço ler o nome da atleta. Se a idéia é ressaltar a excelente performance das atletas, por que razão as imagens exibidas não acompanham o que é dito nos textos? Assim, o que é dito, não o é pela imagem; é uma argumentação que pode influir sobre o comportamento de quem lê a mensagem – fazer com que compartilhe de determinadas opiniões.

## 2.6 Da leitura das imagens

Ao discorrer sobre o processo de leitura de imagens fotográficas, Flusser (1998) comenta que o significado decifrado é resultante tanto das intencionalidades do emissor quanto das do receptor, o que confere aos leitores e leitoras um espaço interpretativo. Ao vaguear pela imagem, o olhar vai estabelecendo relações entre os diferentes elementos que a compõem, através de uma leitura circular, onde cada signo influencia o significado do outro.

Partimos, então, do pressuposto que o receptor tem participação ativa na formulação dos significados associados às imagens, logo as mensagens decifradas não são inequívocas ou únicas. Imagens são signos polissêmicos que possibilitam diferentes leituras, de acordo com o repertório simbólico de quem a interpreta e das relações estabelecidas entre os diferentes elementos que a compõem.

Para Joly (1996), a significação global de uma mensagem visual é constituída pela interação de três diferentes tipos de signos, a saber, *plásticos, icônicos e linguísticos*. Os signos plásticos compreendem cores, formas, linhas, texturas e a própria composição interna da imagem. Os signos icônicos correspondem às figuras que podemos reconhecer através da semelhança visual com o que representam, por exemplo, um desenho de uma árvore pode ser considerado como ícone na medida em que essa representação, de alguma forma, se pareça com uma árvore. Os signos linguísticos, por sua vez, dizem respeito à linguagem verbal, aos textos que podem acompanhar a mensagem visual e que muitas vezes cumprem o papel de ancorar o significado da imagem.

Como etapas de uma análise de imagem, Joly (1996) nos propõe os seguintes passos:

- 1) observar os tipos de significantes plásticos, icônicos e linguísticos co-presentes na imagem;
- 2) fazer com que a eles correspondam os significados que lembram por convenção ou hábito;
- 3) observar o cruzamento destes diferentes tipos de signos e os significados que emergem desse cruzamento e;
- 4) formular uma síntese desses diversos significados, ou seja, uma versão plausível da mensagem implícita vinculada à imagem.

Seguindo os procedimentos teórico-metodológicos, o que podemos apreender da análise é que as mulheres atletas não foram exibidas em nenhuma das fotos divulgadas durante a execução do saque, em levantamentos ou defesas individuais. Percebemos que na expressiva maioria das fotos a rede cobre o rosto das atletas. A opção pela mídia nesse tipo de

propaganda remonta ao que se entende na pedagogia cultural construída e reforçada pela mídia, o que passa a influenciar a sociedade em geral. Os códigos e convenções sociais transparecem buscar a corporeidade feminina quer nos moldes gregos atenienses ou nos construídos particularmente no Brasil, na década de 1950-60, de invisibilidade feminina, pois ainda lhe é reservado o espaço privado. Ao negar-lhes a visibilidade facial, além de impedir que o público que se identifica com o esporte em tela, impede-lhe de reconhecer individualmente os méritos das performances das atletas. De certa forma, ressalta nas atletas fotografadas a representação de que devem permanecer à sombra reforçando estereótipos de cinquenta anos atrás.

As imagens selecionadas para divulgação exibem as atletas dos times adversários simultaneamente cortando e bloqueando, mas com a rede cobrindo-lhes o rosto. As fotos analisadas sugerem formas corporais femininas e são exibidas como que na busca de um erotismo ou fetiche como mercadoria de consumo. Em concordância com Campos (2006), o corpo exibido não é algo naturalizado, mas construído social e culturalmente. Ao mergulharmos na materialidade discursiva da mídia, observamos as estratégias para capturar sujeitos, ou melhor, os corpos desses sujeitos, com a finalidade de exibir um corpo saudável.

As fotos podem ser observadas à luz de Scott (1995), para quem o gênero consegue explicar a concepção em termos de dominação masculina e controle das mulheres. Sendo a mídia uma instituição generificada e a imprensa esportiva uma reserva de dominação masculina, a escolha das formas femininas como forma de retratar as atletas de um esporte de alto rendimento é uma questão política. Desse modo, os discursos e representações que circulam acerca do corpo dessas atletas buscam destacar seus corpos centrando-os numa política de erotização, de fetiche, como uma mercadoria de consumo. Podemos afirmar, com apoio no pensamento de Campos (2006), que o importante é exibir os corpos providos de saúde, um corpo malhado e belo.

Destacamos como detalhe percebido, que as atletas do vôlei constituem um grupo étnico variado. A escalação do time é de alçada do técnico, que para um determinado jogo vai eleger o sistema e quais as jogadoras que podem render mais frente a uma determinada equipe adversária. A escolha do grupo, imaginamos, se dá pela competência técnica, nunca pela etnia. Assim, ao analisarmos a presença de atletas nas fotos, contabilizamos quase que igual proporção de atletas que podem ser consideradas negras e brancas, desprezando-se os vários matizes pigmentares dermatológicos que poderiam descrevê-las comparativamente. Curiosamente, quando nos detemos a observar as fotos mais acuradamente por esse viés,



notamos que as atletas consideradas brancas, nas poucas vezes em que suas faces são retratadas, contabilizam maior número de registros nas imagens divulgadas. Podemos inferir, com suporte em Campos, que homens e mulheres recebem orientações diferentes e generificadas a respeito de padrões de beleza que seus corpos deveriam representar. No entanto, a mídia esportiva parece não conseguir relacionar beleza e negritude. A mídia faz julgamentos velados de beleza, pois são escassas as fotos de grandes atletas negras, e para que essas consigam espaço na mídia, é preciso alcançar um grande feito. Lembramos no momento da ginasta Daiane dos Santos, que apesar de não ser a atleta mais completa na modalidade, obteve a primeira medalha de ouro numa das especialidades da modalidade esportiva, por isso bastante destacada na mídia escrita e televisiva. Entendemos que nessas fotos são explícitas as relações de poder, e nesse sentido aceitamos o ponto de vista de Pilotto (1999, p. 416), quando afirma que: “a mídia dá aos textos um enfoque que privilegia o entendimento de uma determinada cultura – a do homem branco [...]”.

Tendo em conta que a presente análise crítica se faz à luz das relações de gênero e, portanto, de poder, quando buscamos nos arquivos da mesma fonte, as fotos exibidas na competição de porte similar disputada pela equipe masculina, a situação é deveras distinta. A performance dos atletas é a ordem do dia. Há uma preocupação em exibir a plástica exímia do levantamento na mão do atacante. As fotos também mostram o “vôo do atacante, e a posição irretocável do saque. É possível visualizar o atleta que faz o ataque em detalhes esmiuçados, mesmo que na mesma imagem apareça o levantador de costas, em segundo plano. Porém, o que mais chama atenção é o contraste do elemento rede. Enquanto nas fotos femininas ela serve para ocultar o rosto das mulheres atletas, nas fotos masculinas ela é um elemento que não se destaca, ou ela simplesmente não aparece. Esses dados levam-nos a perceber que as imagens, como propagandas ou textos multisemióticos instituem e legitimam determinadas representações. As formas como a imprensa constrói verdades sobre o mundo disseminam a idéia de que a pedagogia cultural é produzida de maneira a naturalizar, colonizar espaços e “tempos, tornado-se verdades pouco contestadas” (PILOTTO, idem, p. 417).

Resgatando os escritos dispostos nos dados preliminares, lembramos que os Grandes Jogos da antigüidade helênica eram realizados sempre em homenagem a um deus masculino. A cultura física tinha espaço privilegiado entre os homens e o ideal de beleza aliava cultura, estética e o ápice dessa beleza era concretizada com a vitória nas disputas esportivas. As fotos masculinas estampadas na mesma modalidade, longe de ocultar a visão facial, destacam-na além de todo corpo: belo, sarado, um ideal de beleza plástica a ser “vendida”. A plástica

masculina é mostrada, tal qual imagens de deuses gregos, permitindo que se faça uma boa associação entre o passado distante e a presente realidade.

Na análise comparativa, parece-nos que as atletas ficam à sombra porque durante o jogo não podem exhibir o que ideologicamente é configurado nos padrões de beleza - bem apresentável - cabelos penteados, mas como mantê-los alinhados num esporte que exige constante movimentação? Não suar publicamente; nas partidas de vôlei, tanto masculinas quanto femininas, são destacados auxiliares com a finalidade única de secar a quadra onde o/a atleta suado/a tocou com o corpo no chão, defendendo uma bola. O juiz espera até que os/as atletas confirmem as boas condições para prosseguirem jogando. Como é possível fazer a mídia entender que não é possível evitar a sudorese?

Em relação aos homens esse detalhe não tem importância, pois mesmo pingando de suor, são fotografados no saque, em defesas individuais, ainda que não se consiga ver, com nitidez nas fotos, a transpiração dos homens. Evita-se exhibir as mulheres nessas condições fazendo com que elas fiquem com foco distante ou bastante “esfumaçadas”, não sendo possível reconhecer-lhes a identidade.

Enfim, a ênfase na sombra feminina sugere os cuidados com a beleza (ou falta deles durante o jogo). Assim se constrói uma imagem feminina de invisibilidade esportiva posto que ser bela, como a melhor maneira de ser feminina, não combina com as atletas aqui expostas. Tudo indica que está correta a afirmação de Oliveira (2006) de que beleza e gênero são elementos de difícil desarticulação.

## CONCLUSÕES

As leituras que deram suporte a esta empreitada e o *corpus* analisado conduzem a algumas conclusões, cuja intenção maior é contribuir para o debate que o tema enseja na perspectiva das Ciências do Movimento Humano – Motricidade Humana, e assim a Educação Física e Mídia. Assim sendo, a discussão e as críticas são muito bem aceitas de outras áreas do conhecimento cujo olhar tem buscado o mesmo tipo de preocupação.

Dentre as conclusões que as nossas limitações e vieses permitem, podemos sublinhar que a cobertura jornalística faz julgamentos velados de beleza, e as atletas, quando não correspondem ao padrão vigente convencionado pela mídia, são retratadas à sombra, ou seja,

ou com foco distante, ou com a rede como tarja para ocultar-lhes a visibilidade facial. Com apoio no referencial teórico permitimo-nos afirmar que de fato a pedagogia cultural midiática constrói e renova a imagem de feminilidade, no presente estudo mais pela ausência da visibilidade.

O conjunto de fotos representa muitas coisas, entre elas a desigualdade entre os gêneros, estabelecida pelas relações de poder da mídia. Essa situação mostra que as representações sobre o esporte, pontualmente o vôlei feminino, são atravessadas por questões de gênero, e este, retomando Scott (1995), é a forma primária de dar significado às relações de poder.

A mulher conquistou com esforços redobrados a participação no esporte de alto rendimento. A mídia esportiva, nas imagens veiculadas, perde uma excelente oportunidade de trazer à luz um grupo historicamente excluído, e pouco representado: as mulheres negras, que no vôlei brasileiro são de altíssimo nível e de inegável talento.

Pelo que podemos depreender dos dados obtidos, a mídia esportiva reproduz as desigualdades de gênero e de raça ou cor da pele. Dessa forma, continua num poderoso auxiliar para que o esporte continue a construir e enfatizar as diferenças entre os sexos com base nas tradições de feminilidade (e de masculinidade). Ela faz mais do que criar imagens paralelas de homens e mulheres – ressaltam imagens e por meio dos textos expressa as diferenças entre gênero, operando como importante coadjuvante na perpetuação do relacionamento patriarcal.

Sugerimos que a leitura desses textos imagéticos passe a ser vista não com o propósito técnico apenas, mas principalmente como ferramenta na busca de alguns sentidos que eles produzem. Na proposta da cultura corporal, é uma excelente oportunidade para abrir uma discussão sobre a ideologia dos atuais dirigentes esportivos de que o esporte olímpico é o último degrau a ser galgado, e que é na escola que se devem forjar o/as futuro/as atletas perfeito/as. Está na ordem do dia o uso das substâncias proibidas e suas consequências.

A tentativa de desnaturalização da mulher atleta deve ser incentivada a fim de que as meninas de hoje desconstruam toda uma história aprendida durante anos. Sugerimos, aceitando os argumentos de Monique Pires (2006), tentarmos fazer uma história com a perspectiva feminista, trazendo ao centro, das discussões acadêmicas e científicas, os conceitos elaborados nessa nova ótica, evitando assim a reconstrução de uma história genereficada que afastou as mulheres da condição de sujeito político de sua própria história.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 108-123.
- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARROS, Naécia Maciel de. **As Olimpíadas na Grécia Antiga**. São Paulo: Pioneira, 1996.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, In: \_\_\_\_\_ . **Obras escolhidas I: magia e técnica**. Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994 (197-221).
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- FORSYTH, Louise H. Pela reapropriação do corpo das mulheres e das meninas, ainda sob o olhar dos outros na cultura popular das sociedades patriarcais. **Labrys**, n. 3, p. 1-12, jan./dez. 2003.
- GUEDES, Bianca Soares. **Toda nudez não será castigada: um estudo sobre a erotização nos jornais populares**. Niterói, 2003. 47f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de conclusão do Curso de Comunicação Social). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro.
- GUTIERREZ, Washington. **História da Educação Física**. 3. ed. Porto Alegre. IPA, 1980.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LUCENA, Márcia Yoko Nishio. **A imagem infográfica: uma imagem acontecimento**. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- MACEDO, Elisabeth et al. Apresentação. **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Centro de Estudos Educação e Sociedades, São Paulo, v. 25, p. 16-16, jan./abr 2004.
- MIRAGAYA, Ana. **The process of inclusion women in the Olympic Games**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho, 2006.

MOLES, Abraham. Doutrinas sobre a comunicação de massas. In: ADORNO, T. et al. **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 73-102.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise publicitária de produtos de beleza para homens e mulheres (1950- 1990). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis. 2006. 8f. CD.

PANOFSKY, E. **Significado das artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Debates, n. 99).

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Mirian (Org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. p.213-224.

PEREIRA, Flavio M. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.

PILOTTO, Fátima Maria. Representações da cultura corporal em textos de jornais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 1, n. 21, p. 416-422. set. 1999.

PIRES, Giovani De Lorenzi; BETTI, Mauro; BITENCOURT, Fernando Gonçalves; HACK, Cássia et al. Retrato da Produção em Educação Física/Mídia no Brasil. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2006, Santa Maria. **Anais**. 7f. Disponível em: <[www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio\\_publicacoes2006.php](http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio_publicacoes2006.php)>. Acesso em: 13 dez. 2007.

PIRES, Giovani De Lorenzi; MÓL, Mellissa da Costa. **Saúde e estética na mídia impressa brasileira**. (Trabalho aprovado ainda não publicado) 2006. 11f. Disponível em: <[www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio\\_publicacoes2006.php](http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio_publicacoes2006.php)>. Acesso em: 13 dez. 2007.

PIRES, Monique Vidal. Mulheres em profusão: representações de gênero na publicidade brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: [s.n.], 2006. 7f. CD.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de M. Von. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SOUZA, Solange, Jobim; LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p. 61-80, jul. 2002.

QUEVEDO, Marina. **O corpo da mídia e o corpo do homem**. 2003. Disponível em: <[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)>. Acesso em: 10 dez. 2007.

ROMERO, Elaine. Do corpo docilizado na Aufklärung ao corpo generificado no século XXI. In: DANTAS, E. **Pensando o corpo e o movimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 33-94.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. v. 20, n 2. p. 71-100. jul./dez, 1995.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare – Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 28-36, 1996.

SMITH DICTIONARY – 1875.Herea. Disponível em:  
<[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E?Roman/Texts/secondary/SMIGRA\\*/herea.htm](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E?Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/herea.htm)>.  
Acesso em: 13 dez. 2007.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz. O esporte e a comunicação. In: TAMBUCCI, P.L.; OLIVEIRA, J. G. M de.; COELHO SOBRINHO, J. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p. 11-18.

TUBINO, Manoel Gomes. Esporte, política e Jogos Olímpicos. In: TAMBUCCI, P. L.; OLIVEIRA, J. G. M de.; COELHO SOBRINHO, J. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997. p. 19-23.

### 3 JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES 2012: O GÊNERO EM FOCO NAS IMAGENS DE BRASILEIROS E BRASILEIRAS

#### Artigo 3

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco. **Revista da Educação Física** (UEM. Online), v. 25, p. 257, 2014.

## INTRODUÇÃO

O termo “gênero”, segundo Scott (1995), além de substituto para o termo mulher é uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. Estudá-lo abrange não só informações sobre elas como também implica nos saberes relativos ao homem como ser social, onde um não pode ser visto historicamente separado do outro. O que se vê é uma desigualdade sexual no processo sócio-histórico cultural que se reflete em relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, encontradas desde a antiguidade até a Era Contemporânea, passando pelos primórdios dos Jogos Olímpicos.

Desde sua criação, os Jogos Olímpicos tiveram lugar de destaque na sociedade. Em sua terra de origem, a Grécia, somente eles promoviam a unidade ao povo, separado não só geograficamente, mas por divergências políticas e históricas (RAMOS, 1982; SCHNEIDER, 2004). Apesar deste sentimento de união, a participação nos Jogos era restrita e seguia regras rígidas que sugeriam uma significação moral. Dentre tais, o competidor deveria ser do sexo masculino e para que tal norma não fosse burlada, os atletas competiam nus. No período Olímpico, uma vitória significava não somente a sua glória, mas também o prestígio de sua cidade. As mulheres não poderiam assistir as competições e as casadas, se flagradas nas arquibancadas, eram condenadas a morte sem direito de defesa (MARINHO, 1980; SCHNEIDER, 2004). Segundo Miragaya (2002), elas tinham seus próprios jogos de caráter religioso (semelhantes aos Olímpicos) realizados em Olímpia em honra a Deusa Hera.

Na Era Moderna dos Jogos, as mulheres tiveram sua primeira participação, de acordo com Miragaya (2007), em Paris no ano de 1900, resultado da ascensão social feminina em alguns países. Já a presença feminina de atletas brasileiras nos Jogos só foi registrada em Los

Angeles no ano de 1932 pela nadadora Maria Lenk (VIEIRA, 2006). Até então a atividade física feminina consistia em exercícios delicados, que ressaltavam a forma e, principalmente, a beleza corporal feminina. A própria medicina contraindicava a prática de exercícios extenuantes e combativos, alegando riscos à saúde e masculinização do físico.

As revistas da década de 30 reforçavam a exposição de mulheres se exercitando, e estas atividades eram “negociadas” como medicamento, pois ter uma boa saúde passava por apresentar curvas bem delineadas (AZEVEDO, 1997; BATISTA, DEVIDE, 2009). Nessa esteira, o comportamento ideal da mulher envolvia ser submissa econômica e socialmente ao homem, recatada, introvertida, emotiva e passiva, sem expressiva representatividade social e praticamente nula participação na política, o que, segundo Scott (1995), significava não opinar nas questões tidas como masculinas. Isso por si só já configura a assimetria nas relações de poder entre gêneros, uma vez que à masculinidade hegemônica (aquela detentora do status social) são atribuídos valores contrapostos aos da feminilidade.

Conforme Pereira (2008), para o indivíduo do sexo masculino se fazer homem, deveria preencher requisitos que vão desde o aspecto do corpo, até o social, familiar, laboral, verbal e gestual. Valores como a agressividade e indiferença sentimental corroboram com a concepção hegemônica de virilidade, que traduz a imagem da masculinidade dos homens que controlam o poder (NOLASCO, 2000 apud PEREIRA, 2008). No esporte, caracterizado por Gomes, Silva e Queirós (2008), Lacerda (2010) e Devidé, Osborne, Silva, Ferreira, Saint Clair e Nery (2011) como instituição generificada, se institui às modalidades uma identificação masculina ou feminina. Dessa forma homens e mulheres que se aventuram em práticas contrapostas ao seu gênero se tornam alvos de discriminação. Para o ser masculino, a atividade física sempre foi parte integrante de seus hábitos diários.

O esporte é tido como um espaço de reserva masculina, onde se aprende a valorizar o ser homem e desvalorizar o ser mulher (SABO, 2002). É também nele que a masculinidade é posta a prova (SABO, 2002). O poder social conferido ao homem estabelece em seu interior a necessidade de ser sempre superior à mulher como forma de comprovar sua virilidade, o que segundo Saffioti (1987) e Belotti (1985), pode ser fonte de angústia e sofrimento caso não corresponda a essa expectativa. Nesse sentido, perder para elas constitui humilhação e vergonha para eles, assim como praticar atividades tidas femininas estigmatiza o homem pela conexão dessas práticas com a homossexualidade (KNIJNIK; MACHADO, 2008; LACERDA, 2010). As pressões culturais a que o homem está submetido são ainda mais



intensas no universo dos esportes, pois ele é um dos meios onde se reforça o modelo de masculinidade ideal aceito pela sociedade e perpetuado pela mídia.

Desde o século XIX, com a popularização do esporte, as mídias impressas foram disponibilizando espaços para o noticiário esportivo, desde pequenas notas espalhadas pelas páginas ao caderno específico de esportes no jornal. Essa relação entre a atividade desportiva e a imprensa torna-se favorável a ambos, já que algumas matérias desportivas aumentaram as vendas de jornais. Para além da grande repercussão do esporte, algumas propagandas se utilizam de sua imagem para divulgar marcas, produtos e serviços, retratando atletas de sucesso em alguma modalidade esportiva. Dessa forma, atrelam as qualidades do que se quer vender ao desempenho do atleta. A partir dessa conjectura, as fotos possuem uma ou mais finalidades, seja individual ou coletiva, que está agregada a valores culturais e históricos (AUMONT, 1995; MAUAD, 1996, 2004). Seguindo o pensamento de Leite (1998), as imagens possuem uma série de mediações que nos permitem recriá-las, a partir de experiências passadas.

A partir das décadas de 60 e 70, com os movimentos feminista e homossexual e, mais recentemente, o metrossexual (FREITAS, 2011), as questões e o conceito de gênero foram se organizando e ganhando espaços em discussões no meio científico e social. Nas últimas décadas, as relações de gênero vêm ganhando destaque no meio acadêmico e social (PEREIRA, 2008), vindo adentrar o campo da Educação Física, no qual ainda se encontra como uma lacuna no conhecimento. Com o intuito de disseminar os estudos das relações de gênero no âmbito da imprensa esportiva, uma vez que desde muito cedo essas diferenças e desigualdades são reforçadas em nossa sociedade, e tendo em vista que a mídia é invadida por essas diversidades, o objetivo do presente estudo é analisar as imagens dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 divulgadas nos jornais “O Dia” e “O Globo”, à luz dos estudos de gênero. A partir destes pressupostos, emergem as seguintes questões: de que maneira os Jornais “O Globo” e “O Dia” exibem as imagens de atletas masculinos e femininos? Existem diferenças de tratamento na mídia impressa com relação aos homens e mulheres? Se positivo, como se configuram estas diferenças em jornais de grande circulação?

Fazendo uso da técnica da análise de imagens, selecionamos dentre as 519 fotos catalogadas aquelas mais representativas, que nos permitiram averiguar o quanto a cobertura jornalística faz julgamentos velados de comportamentos masculinos e femininos, (re)produzem estereótipos e (re)criam valores e atitudes que enaltecem visões dominantes entre homens e mulheres na sociedade, indo ao encontro dos estudos de Muhlen (2008, 2009,

2010, 2012) e Romero (2005). Para um melhor entendimento, as imagens representativas são aquelas que congregam em si traços, focos, ângulos, tons, símbolos, signos, entre outras características comuns às categorias de imagens que compuseram o objeto do estudo.

### 3.1 Método

Esta pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), sob o parecer 515.325 e protocolo 256-13. Vale lembrar que a mesma foi retirada de análise por não se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos.

Na esteira de Haguette (1987), Santos Filho e Gamboa (1997), Demo (2001) e Goldenberg (2004), este estudo é descritivo e de natureza qualitativa, utilizando a técnica de análise de imagens. Nessa estratégia, é necessário identificar seus significados dentro da representação social e estar atentos às várias condições que permitem à imagem representar um objeto. A análise das imagens não deve ser feita através da verificação de uma condição apenas, pois todas são importantes para responder com clareza sobre o modo de representação das imagens. Antes mesmo de realizar o processo de análise das imagens é imprescindível atentar para os vários sentidos que uma foto é capaz de proporcionar (JOLY, 1996). Estas múltiplas leituras, que denominamos de caráter polissêmico da imagem, não significam que a foto possua vários "sentidos", e sim que seu sentido explícito cria classes de correspondências que permitem múltiplas interpretações. Esta capacidade que a imagem tem de possuir vários significados nasce da relação existente entre a imagem, o objeto e o observador.

Para a autora, por possuir uma condição de semelhança com o seu referente, a imagem adquire uma relação com o objeto de sua representação através dos diversos sentidos incorporados. Neste estudo optamos por abordar a imagem num plano da representação (o que ela mostra), num plano de conteúdo (o que ela significa), e num plano do significante (a realidade exterior a que ela faz referência). Ou seja, procuramos identificar qual a semelhança e ou diferença com a realidade exterior que a imagem remete. Com isso, procuramos o sentido, a interpretação que determinado grupo ou indivíduo apresenta para determinado objeto da sua realidade.

Flusser (1998) comenta que o significado decifrado é resultante tanto das intencionalidades do emissor quanto das do receptor, o que confere aos leitores e leitoras um espaço interpretativo. Ao vaguear pela imagem, o olhar vai estabelecendo relações entre os diferentes elementos que a compõem, através de uma leitura circular, onde cada signo influencia o significado do outro.

Partimos, então, do pressuposto de que o receptor tem participação ativa na formulação dos significados associados às imagens, logo as mensagens decifradas não são inequívocas ou únicas. Imagens são signos polissêmicos que possibilitam diferentes leituras, de acordo com o repertório simbólico de quem a interpreta e das relações estabelecidas entre os diferentes elementos que a compõem.

Para Joly (1996), a significação global de uma mensagem visual é constituída pela interação de três diferentes tipos de signos, a saber, plásticos, icônicos e linguísticos. Os signos plásticos compreendem cores, formas, linhas, texturas e a própria composição interna da imagem. Os signos icônicos correspondem às figuras que podemos reconhecer através da semelhança visual com o que representam, por exemplo, um desenho de uma árvore pode ser considerado como ícone na medida em que essa representação, de alguma forma, se pareça com uma árvore. Os signos linguísticos, por sua vez, dizem respeito à linguagem verbal, aos textos que podem acompanhar a mensagem visual e que muitas vezes cumprem o papel de ancorar o significado da imagem.

Foram analisadas 165 imagens do Jornal “O Dia” e 354 fotos do jornal “O Globo” no período dos Jogos Olímpicos de Londres-2012. Para além das imagens, as legendas e as manchetes também foram alvos de nossas análises e para tal nos reportamos às leituras de Aumont (1995), Flusser (1998), Joly (1996), Rocha-Trindade, Peixoto e Moreira Leite na obra de Feldman-Bianco e Moreira Leite (1998); Karam e Ciavatta citados no livro de Ciavatta e Alves (2004).

Como etapas de uma análise de imagem, Joly (1996) nos propõe os seguintes passos: 1- Observar os tipos de significantes plásticos, icônicos e linguísticos co-presentes na imagem; 2- Fazer com que a eles correspondam os significados que lembram por convenção ou hábito; 3- Observar o cruzamento destes diferentes tipos de signos e os significados que emergem desse cruzamento e; 4- Formular uma síntese desses diversos significados, ou seja, uma versão plausível da mensagem implícita vinculada à imagem.

Feita esta análise, nosso estudo foi agrupado em duas unidades que assim se denominam: 1- Números que falam; 2- Em ação: o tratamento desigual, como será exposto a seguir.

## 3.2 Resultados e discussões

### 3.2.1 Números que falam

Durante o período Olímpico foram catalogadas 519 imagens, sendo 165 (aproximadamente 31,8%) do Jornal “O Dia” e 354 (aprox. 68,2%) do Jornal “O Globo”. A escolha pelos jornais como objeto de análise se justifica por sua popularidade: conforme a Associação Nacional de Jornais (ANJ, 2013), o primeiro é o jornal de maior tiragem do Rio de Janeiro e o segundo, aparece como o sexto da lista. Ao optarmos pelo sexto colocado, levamos em consideração o quesito tradição, uma vez que o Jornal “O Dia” está em circulação desde 1951. O segundo colocado, apesar de também se enquadrar nesse requisito, pertence às Organizações Globo, o que, no nosso entender, não ofereceria diferenças significativas do primeiro colocado. O terceiro colocado, um tabloide voltado às classes C e D, nas bancas desde 2005, pertence ao grupo O Dia, o que nos levou a optar pelo mais antigo. Quarto e quinto colocados também iniciaram suas atividades recentemente, nos anos de 1997 e 2006 respectivamente, sendo que o último é também ligado às Organizações Globo.

Para facilitar a compreensão dos resultados e contemplar o objetivo específico, separamos as fotos segundo suas dimensões, classificando-as em pequenas (10,5cm por 6,5cm), médias (20cm por 14cm) ou grandes (43,5cm por 30,5cm), como mostram os Gráficos 1 e 2. Em todas as categorias e em ambos os jornais, as fotos masculinas são apresentadas em maior número, totalizando 353 fotos masculinas (aprox. 68% das imagens) e 166 fotos femininas (aprox. 32% das imagens). Pereira (2008) e Devidé, Lima, Rodrigues e Batista (2008) nos mostram, em meio às relações desiguais de poder, um prestígio e valorização do homem em detrimento da mulher. São escassas as pesquisas sobre a visibilidade delas na mídia e ao que tudo indica o espaço destinado ao esporte feminino é reduzido quando comparado ao masculino. Nas palavras de Sabo (2002) e Romero (2005), a imprensa esportiva nos ajuda a perceber as relações de gênero na sociedade, ao disseminar estereótipos de masculinidades e de feminilidades. Sendo o esporte uma categoria criada por

homens e para homens, os Jogos Olímpicos são vistos como campo para exaltação de masculinidades hegemônicas. A diminuta atenção dada às atletas femininas pelos jornais analisados reflete o quanto o esporte ainda é visto como uma propriedade inseparável da masculinidade e impenetrável na esfera da feminilidade.

Gráfico 1 – Porcentagem sobre o total de imagens analisados

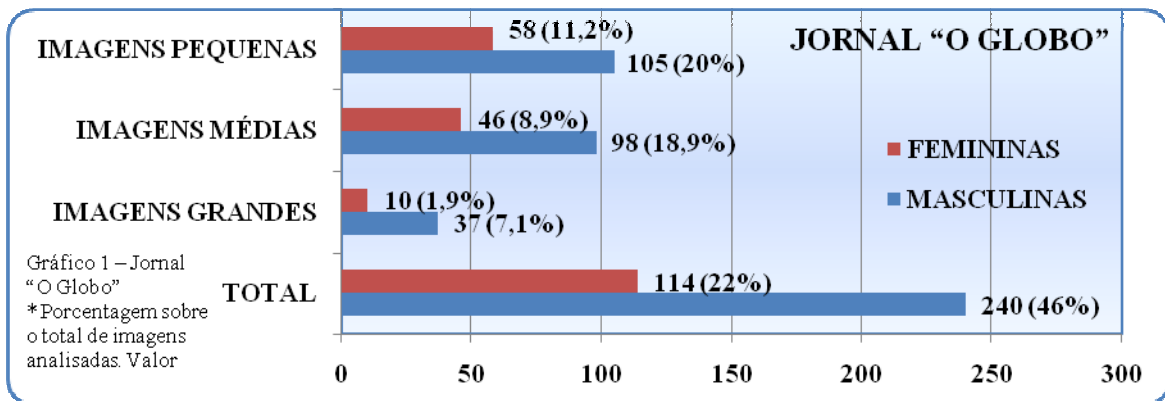
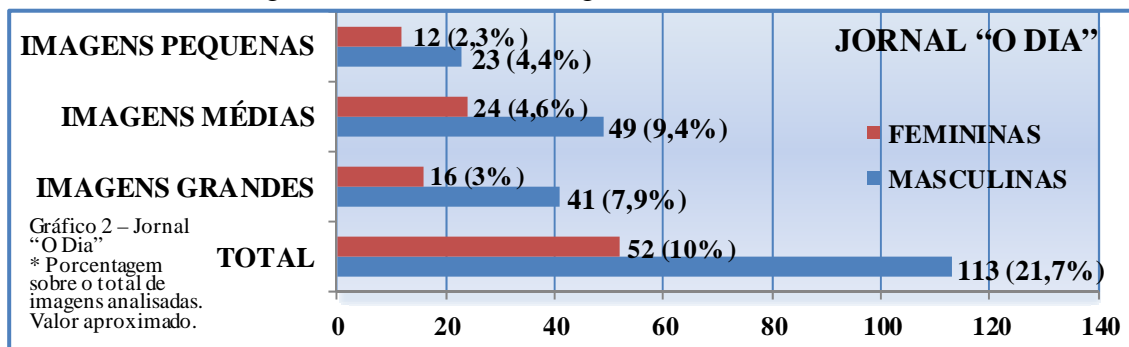


Gráfico 2 – Porcentagem sobre o total de imagens analisadas



Nas classificações propostas, as diferenças na quantidade de imagens de atletas femininos e masculinos nos Jornais 'O Dia' e 'O Globo' reforçam o debate da visibilidade da mulher no esporte, ratificando que a mídia, independente do jornal e das dimensões das imagens, expõe atletas masculinos em maior quantidade do que atletas femininos em todos os aspectos, sem mencionar a forma como essas imagens são expostas (seu caráter técnico; o apelo estético; e a visibilidade facial dos atletas); questão essa que será desenvolvida a seguir.

### 3.2.2 Em ação: o tratamento desigual

Para consecução de nossos objetivos, organizamos os mosaicos abaixo apresentando as imagens mais impactantes e significativas seguidas de suas respectivas legendas e/ou manchetes, publicadas nos jornais “O Dia” e “O Globo” durante o período de vigência das Olimpíadas de 2012 em Londres. A escolha por esses jornais se justifica, para além dos argumentos apresentados anteriormente, por dois outros motivos: o público alvo diferenciado a que são destinados, pertencente a distintas classes sociais, e pelo fato de terem publicado edições específicas para os Jogos. Podemos dividir nossas análises nas seguintes categorias:

### 3.2.3 Nas vitórias



**Figura 1** - À esquerda e acima. Manchete: “Os pés pelas mãos”. Legenda: “Ouro. Se no futebol a seleção decepcionou pelos pés de Neymar e Cia., pelas mãos de Natália, Fabiana e Sheilla, o vôlei feminino pôde festejar o bicampeonato olímpico no lugar mais alto da quadra com o espetacular 3 a 1 sobre os EUA”. (Publicada em: 12/08/12, Capa, Jornal “O Globo”).

**Figura 2** - À esquerda e ao centro. Manchete: “Renascemos”. “A desacreditada equipe de vôlei arrasa Rússia com atuação espetacular”. Legenda: “Festa brasileira. Lucão comemora mais um ponto no triunfo da seleção brasileira masculina de vôlei sobre a Rússia por 25/21, 25/23, 25/21. Amanhã, a equipe volta à quadra para enfrentar os Estados Unidos, campeões olímpicos”. (Publicada em: 01/08/12, Capa, Jornal “O Globo”).

**Figura 3** - À esquerda e abaixo. Legenda: “Murilo fez um partidão e vibra com mais um ponto em cima dos gigantes russos. O Brasil está na frente dos EUA”. (Publicada em: 01/08/12, p.7, Jornal “O Globo”).

**Figura 4** - Duplicada; Ào centro e acima. Legendas: “Bronze em Pequim nos 100m livre, Cielo quer outra medalha na prova”. / “Ruta: grande surpresa na natação”. (Publicada em: 31/07/12, p.39, Jornal “O Dia”).

**Figura 5** - Centralizada. Manchete: “Muralha”. “Brasil massacra Itália e está na luta pelo tri olímpico no vôlei masculino”. Legenda: “Triplo.

Bruninho, um dos maiores destaques do jogo, Lucão e Murilo formam uma muralha e param mais um ataque italiano na espetacular vitória da seleção brasileira por 25/21, 25/12 e 25/21, que garantiu à ida à final contra a Rússia”. (Publicada em: 11/08/12, Capa, Jornal “O Globo”). **Figura 6** - Ao centro e abaixo. Legenda: “Em êxtase: Tandara (11), Natália (12) e Paula Pequeno (4) não se contêm e comemoram a fácil vitória sobre o Japão dando cambalhotas na quadra como se fossem crianças”. (Publicada em: 10/08/2012, Jornal “O Globo”). **Figura 7** - À direita e acima. Legenda: “Parceiro de Emanuel, Alison vibra com mais uma vitória em Londres”. (Publicada em: 03/08/12, p. 38, Jornal “O Dia”). **Figura 8** - Duplicada; À direita e abaixo. Legendas: “Surpresa. Ruta Meilutyte, da Lituânia, chora após melhor marca do ano e oitava da história nos 100m peito”. / “Superação. Jennet Saryeva, do Turcomenistão, fecha os 400m livre com tempo mais rápido da história do país”. (Publicada em: 30/07/12, p.2, Jornal “O Globo”).

Esta primeira categoria engloba imagens e textos que dizem respeito à vitória dos atletas. As referentes ao voleibol de quadra masculino e feminino são classificadas como de grandes dimensões, sendo que duas são encontradas em capas de edições do jornal “O Globo” (Figuras 1 e 5). As Figuras 4 e 7 foram classificadas como de pequenas dimensões e as demais, de médias dimensões. A primeira impressão é que o tratamento que a mídia destina a homens e mulheres não se difere. Entretanto, as desigualdades de gênero vão muito além das legendas e manchetes que acompanham as imagens, e podem ser detectadas analisando-se as particularidades de seus conteúdos.

Ao observar os momentos de comemoração dos atletas exibidos nesse mosaico, logo destoa uma divergência de representação no que tange as emoções desencadeadas. O masculino é, na grande maioria das fotos, retratado em momentos de exaltação e de vibração, com foco na musculatura superior e no rosto expressivo, o que transmite ao observador a ideia de que se trata do atleta ou equipe vencedora (como nas Figuras 2, 3 e 7). Quando não é representado dessa forma, sua vitória é vinculada à execução de um movimento inerente ao esporte – como a saída do bloco na Figura 4 e o bloqueio triplo na Figura 5. Já nas imagens femininas, os rostos são ocultados, exibindo atletas de costas, abraçadas, chorando ou com as mãos encobrindo parte da face. Frequentemente, sem o acompanhamento das legendas e/ou manchetes há dificuldade em definir se a atleta ou a equipe venceu ou não. Na quase totalidade das fotos, a mulher é retratada em poses que vendem o erotismo e o fetiche de um público hegemonicamente masculino, que se agrada pelo aspecto sensual da mulher. À luz de Silva e Gomes (2010), o elemento erótico, tido como algo sujo e pervertido, é associado ao feminino e às classes subordinadas à masculinidade hegemônica. É relatado como a forma de demonstrarem o amor, o qual, para os subjugados, é um sentimento periférico, lascivo e sensual. Ao analisarmos as imagens masculinas e não encontrarmos essa “erotização”,

encontramos guardada nesses autores, uma vez que, nas imagens sua representação está associada a demonstrações de poder frente, prioritariamente, a essas classes.

Podemos confirmar esta assertiva através das Figuras 1, 4 e 8. A primeira imagem do mosaico, inclusive, foi publicada após a conquista do ouro pela equipe feminina de voleibol. Era de se esperar que fosse publicada uma foto no lugar mais alto do pódio ou do gesto técnico de um dos momentos decisivos do jogo. No entanto, o que se delineia na capa do jornal são as atletas de costas, de corpo inteiro e em cima do poste, ironicamente “no lugar mais alto da quadra” como descreve a legenda. Quando a atleta é retratada durante a execução de gestos técnicos, o que dificilmente acontece, a foto é de proporções menores e no interior do caderno de esportes, perdida em meio às demais reportagens.

Ao analisarmos as legendas, podemos inferir que a mídia enfatiza os ganhos masculinos, cria expectativas por resultados positivos e destaca proezas técnicas de um jogador ou equipe. No caso específico deste primeiro conjunto de fotos, a observância de palavras como “trunfo” e “enfrentar” descrevem atos heroicos executados bravamente por atletas masculinos, assim como “partidaça” e “gigantes”, sendo inclusive termos aceitáveis de serem utilizados para se referir aos homens sem causar qualquer estranhamento (MUHLEN, 2010). A autora elucida que os termos empregados para homens fazem menção a símbolos que reforçam suas qualidades atléticas imbatíveis. “Muralha”, nessa esteira, refere-se à eficiência do bloqueio brasileiro, relacionando-o ao sentido literal da palavra. “Massacre” e “luta” enfatizam o caráter guerreiro, bravo e lutador do homem, sendo esses adjetivos utilizados em grande parte das legendas como forma de engrandecer a virilidade, sendo mais uma evidência de que a “representação da beleza masculina está ligada a construção de homens fortes” (MUHLEN, 2010, p.8). Portanto, caso algumas dessas palavras fossem atribuídas às mulheres, muito provavelmente não seriam entendidas como um elogio ao seu desempenho pelos leitores (idem). Sabo (2002) versa sobre esse assunto sugerindo que o esporte se caracteriza como um espaço no qual “se aprende a valorizar o ‘ser homem’ e a desvalorizar o ‘ser mulher’” (p.34-35), além de serem eles os detentores do controle do que se discute e de como se aborda determinado assunto na mídia esportiva.

Quanto à relação entre a legenda e a imagem veiculadas nas reportagens sobre vitórias de mulheres atletas, utilizaremos a Figura 4 a título de ilustração. O que se observa é que a imagem empregada para se referir a surpresa pelos resultados de Ruta na natação em nada tem a ver com o comentário tecido. Esta peculiaridade é encontrada em um número significativo de fotos femininas, onde o descrito e o exibido divergem. Legendas técnicas são comumente



utilizadas concomitantemente à exibição da atleta em posições estáticas e/ou em poses que denotam apelo sexual. Nos raros momentos em que a mulher é flagrada em movimento ou durante a execução de gestos técnicos, as legendas reportam-se a comentários sobre sua beleza física ou estão envolvidas com a derrota e decepção sofridas.

No entanto, grande parte das reportagens sobre mulheres faz uso de imagens na qual as atletas estão fora de ação ou em poses infames e as legendas, em vez de fornecerem detalhes técnicos, aludem a sua beleza, a maternidade ou a infantilidade (como mostra a Figura 6). Martins e Moraes (2007) e Muhlen (2009) elucidam que para elas, o fato de serem atletas fica em segundo plano, o que importa para os leitores é que a beleza seja mostrada. Assim como Romero (2005), não encontramos qualquer alusão à criatividade nas jogadas das atletas femininas, além de poucos elogios para elas.

### 3.2.4 Nas derrotas



**Figura 1** - À esquerda e acima. Legenda: “Decepção. Jogadoras caem no choro após eliminação dos Jogos Olímpicos”. (Publicada em: 08/08/12, Jornal “O Globo”). **Figura 2** - À esquerda e abaixo. Manchete: “Derrota, revolta e choro na esgrima”. (Publicada em: 31/07/12, p.33, Jornal “O Dia”). **Figura 3** - Central-esquerda e acima. Legenda: “Paula Pequeno (E) e Dani Lins não escondem o abatimento após a derrota para as norte-americanas”. (Publicada em: 31/07/12, p.34, Jornal “O Dia”). **Figura 4** - Central-direita e acima. Legenda: “Decepção. Marta, atuação apagada”. (Publicada em: 04/08/12, p.7, Jornal “O Globo”). **Figura 5** - Centro e abaixo. Manchete: “Fracasso e conformismo em ‘dia ruim’ de Maurren Maggi”. “Campeã em Pequim cai nas eliminatórias e perde chance de defender título olímpico”. Legenda: “Decepção. Maurren cai na caixa de areia após mais um salto ruim. Décima quinta colocada no geral, ela vai tirar férias antes de voltar aos treinos”. (Publicada em: 09/08/12, Jornal “O Globo”). **Figura 6** - À direita e acima. Legenda: “Decepção. As inglesas comemoram a vitória diante da brasileira Marta, que teve atuação discreta”. (Publicada em: 01/08/12, p.7, Jornal “O Globo”). **Figura 7** - À direita e abaixo. Manchete: “Vermelha de vergonha pela

eliminação”. “Honduras despacha a Espanha e precisa vencer o Japão para fugir do Brasil nas quartas de final”. Legenda: “Queda. Botia consola Dominguez após a derrota”. (Publicada em: 30/07/12, Jornal “O Globo”).

Nesta categoria, quase que totalmente associada às mulheres, submergem momentos de derrota olímpica. De todas as imagens analisadas, apenas duas, uma média e uma pequena, representam o momento da frustração masculina onde um atleta aparece chorando como se observa na Figura 7. Todas as demais reportagens sobre perdas de títulos de atletas homens exibem fotos dos mesmos durante a execução de gestos técnicos, sugerindo que lutaram bravamente, porém não alcançaram o ouro. Segundo Romero (2005), raramente cita-se derrotas, erros ou decepções advindas deles, e quando isso acontece, utiliza-se de palavras atenuadoras, na tentativa de minimizar as consequências desses equívocos. No caso da Figura supracitada, a manchete referente à vergonha pela derrota faz-nos depreender que perder não é comum ao masculino.

As fotos femininas, em todas as imagens analisadas, ilustram atletas no derradeiro momento: chorando, abatidas, fracassadas e decepcionadas. Ao lermos os textos que as acompanham, a maioria concerne conotação agravadora às derrotas, às falhas, às incapacidades, às expectativas frustradas aos erros e desapontamentos, bem como realçam as grandes dificuldades no caminho até a vitória improvável. Tais expressões sintetizam as atribuições “próprias” do feminino, que levam o leitor a desacreditar no desempenho da equipe ou das atletas, mesmo que possuam qualidade técnica igual ou superior à masculina. Ao debruçarmos sobre termos que envolvem “decepção”, “choro”, “derrota”, “revolta”, “frustração”, “atuação apagada”, “fracasso”, “dia ruim”, “atuação discreta”, “esconder o abatimento” e “derrota”, comprovamos tais considerações e inferimos que, embora inseridas no palco dos esportes, este não parece ser um território apropriado às mulheres sob a ótica da mídia, provavelmente por aproximarem-nas da masculinização e afastarem-nas do padrão mulher, feminilidade e beleza por ela perpetuado. Concordamos com Goellner (2005) quando diz que o esporte é, para as mulheres, um espaço ainda a conquistar e a atrelar novos significados.

### 3.2.5 Em cena e nos bastidores



**Figura 1** - Duplicada; À esquerda, acima. Legenda: “Animadoras de torcida empolgam a galera, e mesmo as jogadoras não ficam atrás no quesito beleza”. (Publicada em: 31/07/12, Jornal “O Dia”). **Figura 2** - Triplicada; À esquerda e abaixo. Manchete: “De tirar o fôlego”. Redação: “A mexicana Maria Fernández González, que vai nadar os 100m e 200m costas, roubou a cena no treino de ontem na piscina principal do Centro Aquático de Londres e chamou mais atenção que os nadadores Michael Phelps e Ryan Lochte. Com um maiô cavado, que deixava à mostra a marca do biquíni e uma discreta tatuagem com os anéis olímpicos, a bela morena posou para Phelps [...], ajeitou os óculos de Lochte [...], e depois desfilou sua formosura, objeto da lente dos fotógrafos. A nadadora mexicana não é favorita para as suas provas, mas teve seus minutos de fama, ofuscando Phelps, que conquistou oito medalhas de ouro em Pequim, o maior número em uma só edição, e Lochte, dono de cinco medalhas de ouro no último Mundial”. (Publicada em: 25/07/12, p.3, Jornal “O Globo”). **Figura 3** - Central-esquerda e acima. Legenda: “Alison e Emanuel estão invictos e perto de conquistar uma medalha”. (Publicada em: 07/08/12, Jornal “O Dia”). **Figura 4** - Centralizada à esquerda. Manchete: “Instabilidade em Londres”. Legenda: “No verão inglês, sol e chuva se alternam num mesmo dia. Como o Brasil nos jogos, dos ensolarados vôlei de Jaqueline e Thaisa, de Alison e Emanuel e do futebol de Leandro Damiano. As areias de Maurren e Juliana/Larissa ficaram molhadas de frustração”. (Publicada em: 08/08/12, Capa, Jornal “O Globo”). **Figura 5** - Central-esquerda e abaixo. Manchete: “Realidade nada uniforme para homens e mulheres”. Legendas: “Com mãos na cintura e a nova camisa, Neymar é o craque da moda”. / “Com o modelo antigo, Marta arma o chute: por contrato, uniforme do feminino é renovado a cada dois anos, enquanto no masculino a troca é anual”. (Publicada em: 28/07/12, p.3, Jornal “O Globo”). **Figura 6** - Duplicada; Central-direita e acima. Legendas: (ALTO) “Ao ataque. Lucão (16) arma a cortada, enquanto Dante faz a finta: um time em evolução depois do fracasso da Liga Mundial e das oscilações em Londres”. / (BAIXO) “Expectativa. Marcelo Huertas (9) estará na equipe que enfrenta a Argentina hoje e que poderá ter o

desfalque de Nenê, com dores na sola do pé esquerdo”. (Publicada em: 08/08/12, Jornal “O Globo”). **Figura 7** - Centralizada à direita. Legenda: “De vermelho, a dinamarquesa Caroline Wozniacki, no último treino, chama a atenção dos militares”. (Publicada em: 28/07/12, Jornal “O Globo”). **Figura 8** - Central-direita e abaixo. Legenda: “O bloqueio brasileiro foi ineficiente durante os três sets ontem”. (Publicada em: 02/08/12, Jornal “O Dia”). **Figura 9** - Duplicada; À direita e acima. Legendas: (ALTO) “Londres 2012. Bolt vence a prova com segurança, mas com Blake, um provável sucessor, em seu encaixe”. / (BAIXO) “Pequim (2008). Quatro anos antes, o jamaicano cruza a linha de chegada com folga e novo recorde mundial”. (Publicada em: 06/08/12, Jornal “O Globo”). **Figura 10** - Triplicada; À direita e abaixo. Legenda: “Sem medo. Wallace se joga em cima das placas para salvar um ponto contra a Argentina. O jogador não mediu esforços para pegar a bola e “atropelou” até os fotógrafos”. (Publicada em: 09/08/12, Jornal “O Globo”).

Optamos por deixar por último o mosaico acima devido ao seu conteúdo fazer um resumo da querela até aqui discriminada. Ele reforça que a mídia, ainda que de forma velada, vem sendo um instrumento de propagação das desigualdades de gênero na sociedade por impor padrões de feminilidade e masculinidade ligados à beleza. Esta seleção de fotos reporta-se a todas as situações que não se enquadram nas categorias acima apresentadas, tendo esta conjuntura treinos, partidas ou provas não decisivas, fatos curiosos ou acontecimentos inusitados.

Voltando a atenção para os gramados, observamos uma “realidade nada uniforme” no que tange as representações de gênero nas imagens e nos textos que acompanham a Figura 5. Mesmo Neymar apresentando feição de derrota, esta não é citada nas legendas, que se referem à troca dos uniformes das equipes. No que tange a manchete e a legenda que abordam a troca de uniformes das equipes femininas e masculinas, ao que tudo indica, as mulheres atletas são avaliadas pela imprensa de acordo com sua hierarquia no esporte (ROMERO, 2005), onde se insere o futebol, que é visto socioculturalmente como uma reserva de dominação masculina. Esta é interpretada como a explicação para o fato de o contrato para a equipe masculina definir a troca anual de seu uniforme, enquanto que o feminino ocorre bianualmente. A legenda ainda se refere à Neymar como sendo o craque da moda em seu novo uniforme, enquanto à Marta nenhum comentário é tecido acerca de suas qualidades atléticas ou físicas, apenas menciona a discrepância supracitada. Goellner (2005) e Martins e Moraes (2007) versam sobre a inserção e visibilidade das mulheres futebolistas, aludindo que ainda é problemática a estruturação da modalidade no país, são efêmeras as contratações de atletas e quase inexistentes as leis de incentivo à prática feminina do futebol. Embora uma valorização tenha ocorrido, esta fora desencadeada sazonalmente, em decorrência dos Jogos Olímpicos. Ainda

permanecem preconceitos e estigmas relacionados às suas praticantes, que levantam suspeitas por não estarem abraçando os moldes da imagem ideal de ser feminina.

Atentando-nos a Figura 2, intui-se que esta evidencia e descreve a sensualidade e os atributos físicos da nadadora mexicana. O lado belo da atleta é exibido, mesmo que a beleza não seja o foco principal do evento. Em sua pesquisa, Muhlen (2010) nomeou alguns atletas como “Musos e Musas”, e especificou de que forma são retratados. A autora sustenta que muitas atletas somente foram (e são) fotografadas por serem belas, e não por sua performance. Tal ideia afigura-se como sendo o caso da nadadora Maria Fernández, que somente recebeu tal destaque por seu maiô deixar à mostra marcas de biquíni e por ter dividido a raia com superatletas como Michael Phelps e Ryan Lochte. Sob a esteira de Paulson (2002), alguns artefatos culturais atribuídos ao sexo feminino provocam reações fisiológicas ao ser masculino que lhe despertam o prazer. A autora intitula sapatos de saltos altos e calcinhas de renda como símbolos sexuais, e aqui identificamos o bronzeado da nadadora delineando marcas de biquíni como um dos símbolos que vendem o erotismo e o fetiche a um público predominantemente masculino. A ênfase dada aos glúteos, tanto nas imagens quanto no texto, comprova esta identificação e reforça o padrão de feminilidade imposto pela mídia. Corroboramos também com o já mencionado anteriormente sobre o caráter subjogado da mulher no esporte ao fazer uso de expressões como “de tirar o fôlego”, “roubou a cena”, “bela morena”, “desfilou sua formosura”, entre outras, reafirmando os dizeres de Romero (2005) de que as mulheres são desvalorizadas em suas habilidades atléticas e enaltecidas por seus atributos físicos, e ainda assim, quando se enquadram no conceito de beleza pré-determinado para o contexto histórico vigente. As Figuras 1 e 7 comprovam a contenda exemplificada pela reportagem da nadadora mexicana. Ambas fazem menção apenas a beleza das atletas, corroboradas com a ausência de linguagem técnica nos escritos e o uso de imagens grotescas e que suscitam a sensualidade, características já citadas anteriormente como corriqueiras às representações do sexo feminino. Gomes, Silva e Queirós (2008) elucidam tais exposições ao afirmar que o corpo feminino é explorado e muitas vezes maltratado pela mídia, dependendo dos interesses e dos estereótipos que se queriam mostrar. Isso leva a uma sobre-exposição ou a uma subexposição do feminino, uma vez que o corpo da mulher jovem que corresponde ao padrão aceito pela mídia serve para vender de tudo. Ainda nesse viés, algumas atletas, após finalizarem suas carreiras esportivas, tornam-se repórteres ou comentaristas de sua modalidade, o que torna dúbio se a permanência delas nos meios de comunicação objetiva

divulgar o esporte feminino ou seduzir os espectadores (DEVIDE, LIMA, RODRIGUES, BATISTA, 2008).

As Figuras 3, 6, 9 e 10 também reforçam as considerações arquitetadas sobre atletas homens. Todas mostram os desportistas em movimento, mesmo a reportagem não se referindo à sua vitória. As legendas empregadas idealizam a vitória certa (Figura 3), a garra e a coragem dos jogadores (Figura 10), comparam seus bons desempenhos prévios com os atuais (Figura 9) ou atenuam as más performances anteriores pelo uso de linguagens técnicas e referências à “volta por cima” que se espera seja dada pelos atletas masculinos (Figura 6). Traçando um paralelo entre essas imagens e a retratada na Figura 8, uma das poucas em que mulheres aparecem executando gestos técnicos, percebe-se que a forma de representação delas nessa situação também é divergente da masculina. Elas aparecem de costas e/ou com rosto oculto. As desigualdades (re)construídas pela mídia perpassam a fronteira do gênero e invadem a questão racial: As jogadoras que aparecem de costas e de rosto oculto são negras, enquanto a jogadora considerada branca aparece com o rosto semioculto. Outro fato curioso ao analisarmos por este viés é que o número de registros de atletas brancas é superior ao de atletas negras, o que nos leva a crer que a mídia não consegue dissociar beleza de etnia caucasiana. As legendas utilizadas apontam ainda falhas e ineficiência do bloqueio brasileiro, mas nenhuma referência aos pontos positivos da equipe que levaram a vitória nessa partida – a equipe feminina de voleibol conquistou o bicampeonato olímpico e a masculina ficou com a medalha de prata. Podemos inferir que as reportagens sobre homens apontam para as expectativas e os pontos positivos de seus desempenhos, enquanto que as femininas evidenciam seus erros (ou sua beleza), ainda que tenham obtido bons resultados. Essa discussão pode ser observada na Figura 4, onde uma metáfora que envolve elementos meteorológicos descreve as atuações masculinas como ensolaradas e a maioria das femininas como chuvosas. A única imagem que se refere à atuação brilhante por parte das atletas ratifica que, pela análise isolada da foto, não é possível se certificar de que se trata de uma vitória ou uma derrota.

## CONCLUSÃO

Justificamos a importância dos estudos abordando questões de gênero e mídia na área da Educação Física pelo fato de representarem parcela diminuta, evidenciando uma lacuna no conhecimento. Almejamos contribuir com os que partilham da ideia de que a segregação de gêneros poderá ser menor, se empenharmos-nos na tentativa de redução das influências de preconceitos e estereótipos. Também buscamos dar contributo àqueles que divergem desta análise. (Pereira, 2004).

Corroborando com estudiosos como Boschilia e Meurer (2006), Knijnik e Souza (2004, 2007), Romero (2005, 2006, 2008), Luz e Arantes (2010) e Muhlen (2008, 2009, 2010, 2012) a mídia corrobora com a segregação de sexos, ao divulgar imagens diferenciadas de atletas masculinos e femininos. O que se verifica é que, para o homem atleta, a imagem construída é a de guerreiro, viril e imbatível, com foco acima da cintura (membros superiores), e em posições que não põem em dúvida sua masculinidade (hegemônica). Predomina a representação de execuções vigorosas e dinâmicas de movimentos inerentes à sua modalidade, ou em demonstrações de força, raça e garra ou comemorando de forma exaltada. É comum o uso de assertivas que enaltecem seu desempenho atlético e os feitos incríveis empregados para alcançar a vitória, o que também é citado por Sabo (2002) como forma de comprovar sua masculinidade.

Já o feminino é retratado pondo-se em evidência o corpo belo da atleta, na maioria das vezes de costas, com foco nos glúteos e rosto oculto. Utiliza-se de imagens e palavras pejorativas, esdrúxulas e difamatórias, como forma de vender o erotismo e o fetiche a um público majoritariamente masculino. É corriqueira a utilização de termos unicamente relacionados ao ser feminino nas manchetes e legendas, fazendo alusão à sensibilidade e ao sexo frágil. À luz de Sabo (2002), este é um indicativo de que os homens dominam e controlam aquilo que se vê e se discute na imprensa esportiva. A ausência de palavras técnicas, elogios e comentários a respeito de sua performance se chocam com as alusões a sua fineza, elegância e charme. Em muitos casos, a atleta vira notícia por ter um corpo belo aos olhos da mídia e não por se destacar na sua modalidade. Quando não está de acordo com o padrão de beleza vigente, as legendas enfatizam aspectos negativos, erros técnicos, derrotas ou decepções. Este fato sugere que o esporte feminino, mesmo que alcance bons resultados, será retratado em segundo plano a fim de que seja evidenciada a sexualidade enfatizada.

Para o masculino, quando este não alcança os resultados esperados, a decepção decorrente da derrota é exposta de forma atenuada pela imprensa. É evidente nas imagens e nas legendas a valorização, dominação e imponência do homem frente à subordinação da

mulher, onde mais precisamente o aspecto técnico masculino se relaciona com a vitória, enquanto o feminino se relaciona ao erro (COLLING, 2004).

Ao analisarmos as publicações nos jornais selecionados, é gritante a quantidade superior de imagens masculinas frente às femininas. Este estudo revelou que é maior o número de fotos de atletas homens classificadas como grandes. Nas poucas vezes em que o homem é retratado denotando emotividade, choro ou decepção, as imagens divulgadas são de dimensões médias ou pequenas. E nas raras vezes em que a mulher é registrada durante a execução de gestos técnicos, vale-se do mesmo ocorrido no masculino: fotos médias ou pequenas e restritas ao interior do jornal.

Torna-se imprescindível a reconstrução e desconstrução do gênero sem lhe impor valores, pois é um fator que está em contínuo processo de desenvolvimento. Muhlen (2008) reafirma tal propósito ao expor que a mídia deve mostrar as diferentes possibilidades do ser atleta, ao invés de criar, confirmar e reconfirmar convenções sociais. Esse é um debate que deve ser estimulado ao nos depararmos com imagens que refletem esses conceitos e diferenças com relação ao gênero, diferenciando e expondo características distintas de acordo com o sexo e o corpo generificado dos atletas. Ambos os valores e as características devem ser expostos de maneira livre; sem que haja tal segregação.

Não estamos aqui em posição de impor tais considerações, pois entendemos que os jornais analisados alcançam públicos advindos de contextos históricos diferenciados e que o olhar para as imagens é construído com bases socioculturais. Não é nosso objetivo, como bem elucida Muhlen (2009), estender as análises feitas à compreensão generalizada do público alvo. A imagem é sempre modelada por estruturas profundas, mas é também um meio de comunicação e de representação do mundo. Assim sendo, ela pode refletir o elemento cultural do contexto de determinado sujeito. Conforme Aumont (1995), “a imagem é universal, mas sempre particularizada” (p.131).

Nossa discussão segue além das fronteiras de gênero e vai de encontro às lentes dos que produzem essas imagens, pois no caso da fotografia, como esclarece Mauad (2004), é evidente o papel do autor imputado ao fotógrafo. Sugerimos a continuidade dos estudos englobando a temática do gênero na imprensa esportiva e seus desdobramentos na área da Educação Física e Esporte, com vistas a suprimir as lacunas existentes neste campo que mantém vivas as desigualdades e hierarquizações de gênero.



## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (2012). **Maiores Jornais do Brasil**. Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1995.

AZEVEDO, Tânia. A mulher na educação física e no esporte. In: Romero (Org.). **Mulheres em movimento**. 1. ed. Vitória: Edufes, 1997. v.1, p. 137-163.

BATISTA, R.S.; DEVIDE, F.P. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, ano 14, n.137, out. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

BELOTTI, E. **Educar para a submissão**: o descondicionalismo da mulher. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSCHILIA, B.; MEURER, S.S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 97, jun.2006.

CIAVATTA, Maria. Educando o trabalhador da grande “Família da fábrica - A fotografia como fonte histórica”. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social**: história comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 37-39.

COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sônia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Org.). **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DEVIDE, F.P.; LIMA, F.R.; RODRIGUES, F.S.J.; BATISTA, R.S. Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres atletas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do Caderno de Esportes do Jornal “O GLOBO”. In: ROMERO; PEREIRA. (Org.). **O universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p. 401-416.

DEVIDE, F.P.; OSBORNE, R.; SILVA, E.R.; FERREIRA, R.C.; CLAIR, E.S.; NERY, L.C.P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, p.93-103, jan./mar. 2011.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

FREITAS, L.K.M.R. Novos modos de (a)enunciar o masculino na mídia: o discurso da publicidade sobre o metrosssexual. **Revista LITTERIS**, v. 7. mar. 2011. Disponível em: <[http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Novos\\_modos\\_de\\_%28a%29enunciar\\_o\\_mas](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Novos_modos_de_%28a%29enunciar_o_mas)>

culino\_na\_midia\_o\_discur\_so\_da\_publicidade\_sobre\_o\_metrossexual.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p. 143-151, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

GOMES, P.B.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Distintos registros sobre o corpo feminino: beleza, desporto e mídia. In: ROMERO; PEREIRA (Org.). **O universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape/Faperj, 2008. p.387-399.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologia qualitativa na sociologia**. Petropólis: Ed. Vozes, 1987.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.842, 25 jul. 2012, 3. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.845, 28 jul. 2012, 6. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.847, 30 jul. 2012, 8. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.849, 01 ago. 2012, 10. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.852, 04 ago. 2012, 13. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.854, 06 ago. 2012, 15. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.856, 08 ago. 2012, 17. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.857, 09 ago. 2012, 18. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.858, 10 ago. 2012, 19. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.859, 11 ago. 2012, 20. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

**JORNAL O Globo**, Rio de Janeiro, ano 88, n. 28.860, 12 ago. 2012, 21. ed. do Caderno de Esportes Olimpíadas 2012.

- KARAM, Tanius. Fotografia jornalística, discurso visual e direitos humanos na imprensa da cidade do México. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 37-39.
- KNIJNIK, J.D.; SOUZA, J.S.S. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p. 191-212.
- KNIJNIK, J.D.; SOUZA, J.S.S. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.
- KNIJNIK, J.D.; MACHADO, A.A. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: ROMERO; PEREIRA (Org.). **O universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape: Faperj, 2008. p.137-150.
- LACERDA, C. **Representações de masculinidade na dança e nos esportes: um olhar sobre Nijinski e Jeux**. Recife: O Autor, 2010.
- LEITE, Mirian (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998. p.213-224.
- LUZ, Tatiane Ramos da.; ARANTES, João Pedro. A cobertura do jornalismo esportivo em relação às mulheres atletas. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES, 13., 2010, Mogi das Cruzes. **Anais...** Bauru, SP: UMC, c2010. p. 1-132.
- MARINHO, Inezil Penna. **História geral da educação física**. São Paulo: Brasil Editora, 1980.
- MARTINS, L.T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: A diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.
- MAUAD, A.M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.
- \_\_\_\_\_. Fotografia e História – Possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 37-39.
- MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte: panorama e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.
- MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: Da Costa, L.P.; Turini, M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. v.1.

MIRAGAYA, Ana. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. In: RUBIO, Katia. **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 229-231.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Mirian (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998. p.37-49.

MUHLEN, J.C.V. Pan-Americano Rio 2007 – Análise dos discursos sobre gênero e sexualidade produzidos pela mídia esportiva. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 12., 2008.

**Anais...** Disponível em:

<[http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio\\_trabalhos\\_aceitos\\_convertido.html](http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html)>. Acesso em: 25 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Esporte e Mídia: Representações de gênero para atletas no Pan-Americano Rio 2007. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE. COMPOSIÇÕES E DESAFIOS À FORMAÇÃO DOCENTE, 2009. **Anais...** [S.l.]: FURG, 2009. Disponível em:

<[http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio\\_trabalhos\\_aceitos\\_convertido.html](http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html)>. Acesso em: 21 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Musos e musas: A beleza dos atletas “rouba a cena” nos Jogos Olímpicos de Pequim. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 10, Santa Catarina. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010. Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295335\\_ARQUIVO\\_FazendoGeneroMusosMusasModeloPadrao.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295335_ARQUIVO_FazendoGeneroMusosMusasModeloPadrao.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Jogos de gênero em Pequim 2008: Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.1, p. 165-184, jan./mar. 2012.

OLIMPÍADAS Londres 2012. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 1. ed., n. 21.956, 31 jul. 2012, p. 01, 33-34, 38.

OLIMPÍADAS Londres 2012. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 1. ed., n. 21.958, 02 ago. 2012, p. 42.

OLIMPÍADAS Londres 2012. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 1. ed., n. 21.959, 03 ago. 2012, p. 39.

OLIMPÍADAS Londres 2012. **Jornal O Dia**, Rio de Janeiro, 1. ed., n. 21.963, 07 ago. 2012, p. 35.

PAULSON, Susan. Sexo e gênero através das culturas. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C.B. (Org.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR. 2002. (Pesquisa, 66).

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO B.; LEITE, M.L.M. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998. p. 213-224.

PEREIRA, E.G.B. O ser masculino na ótica de alunos e professores de educação física. **Cadernos de Estudos e Pesquisas** - Universidade Salgado de Oliveira, ano 9, p. 75-87, 2004.

\_\_\_\_\_. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: ROMERO e PEREIRA. (Org.). **O universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape: Faperj, 2008. p.87-101.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. Edição orientada pelos professores M. José Gomes Tubino e Cláudio de Macedo Reis. São Paulo: IBRASA, 1982.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Imagens e aprendizagens na sociologia e na antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Mirian (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998. p.159-171.

ROMERO, E. E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento. **Labrys. Estudos Feministas**, Brasília, v. 8, p. 1-29, 2005.

\_\_\_\_\_. A hierarquia de gêneros nos Jogos Olímpicos de 2004 e a imprensa esportiva. In: SEMINÁRIOS ESPAÑA-BRASIL, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Autônoma de Barcelona: Universidade Gama Filho, 2006.

\_\_\_\_\_. Construção e reprodução da masculinidade e da femininidade no esporte pela mídia escrita. In: ROMERO; PEREIRA (Org.). **O universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2008. v. 1, p. 333-385.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C.B. (Org.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR. 2002. 254 p.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvia Sánchez (Org.). **Pesquisa educacional: qualidade-quantidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHNEIDER, Roque. **A fascinante Grécia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, P.N.G. da; GOMES, E.S.L. (2010). O erótico no imaginário brasileiro: as palavras e a corporeidade. **Revista Religare**, Paraíba, v.2, n. 7, p. 164-171, 2010.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. **O que é Natação?** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006.

#### 4 REVELAÇÕES DOS FOTÓGRAFOS DESPORTIVOS BRASILEIROS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO

##### Artigo 4

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade**, v. 11, p. 126-134, 2015.

### INTRODUÇÃO

O clássico de Scott (1995:75) conceitua gênero como “forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Complementa que o termo “tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens”.

Seguindo essa esteira historiográfica, Romero (2004:217) elucida que as emergentes “diferenças sexuais foram pretexto para impor relações hierárquicas que apontam para a supremacia e a dominação do homem, aliadas à subordinação da mulher”, sendo encontradas nas mais variadas classes, grupos sociais e se perdem através das gerações, abrangendo desde a organização dos espaços, atividades e perpassando as distribuições de poder. Tais relações também são observadas quando debruçamos no universo dos desportos.

A primeira participação feminina oficial em Jogos Olímpicos, desde sua criação em 776 a.C., só ocorreu em 1900. Até então, eram excluídas da participação nos Jogos e seu acesso à prática desportiva era restrito. Miragaya (2002) esclarece que as únicas imagens femininas datadas dos primórdios dos Jogos referem-se às deusas (Hera, Atena, Afrodite, Ártemis, entre outras), as quais eram retratadas de forma recatada, enfatizando a beleza de suas formas, o sentimentalismo, o cuidado com a natureza e a maternidade. Já os desportistas masculinos, vistos como heróis e/ou semideuses, eram exibidos ostentando uma musculatura bem desenvolvida, considerada protótipo de perfeição, em poses que denotavam poder, força e virilidade. Naquela época, o registro desses ideais restritos de feminilidade e de masculinidade era realizado em esculturas, desenhos, pinturas e mosaicos. No atual contexto,

a fotografia emerge como um dos meios que reproduzem essas relações e representações de gênero.

Desde o seu surgimento, por volta de 1830, a fotografia vem sendo uma forma de captar momentos vividos, expressões e reações desencadeadas. Segundo Mauad (1996), sua história é marcada por polêmicas relacionadas ao seu uso e finalidade, pois toda representação visual sobrevém de imagens pré-construídas na mente dos que a produzem. Das imagens por eles produzidas, podem se originar múltiplas interpretações, assim como acontece com toda a informação publicada nas mídias, considerando a heterogeneidade de conhecimentos, interpretações e vivências do público alvo (Wolf, 2003).

Compreendendo que a mídia constitui-se em uma forma de pedagogia cultural que ensina maneiras de ver e pensar os desportos (Muhlen, 2008) e que grande parte do ideário social acerca da realidade é pré-formado pelo que se veicula nos meios de comunicação (Alves & Daldegan, 2011), justificamos o interesse em investigar as questões de gênero no âmbito da mídia desportiva justamente por ainda se afigurarem como uma lacuna no conhecimento. Romero (2005), no título do seu estudo, traz à tona uma pergunta publicada pela mídia junto à imagem de uma desportista eliminada dos Jogos Pan-Americanos de 2003: “E agora, vão fotografar o que?”. Esta pergunta, enfatizando a principal preocupação do jornalista: a perda de uma musa para estampar as capas dos cadernos desportivos, nos inquietou e inspirou a proceder esta empreitada.

A partir dessas conjecturas e inspirados pelas performatividades midiáticas em tela, objetivamos identificar as intenções dos fotógrafos desportivos no ato do “clic” e sua relação com a hierarquia de gêneros no universo desportivo, detectar os critérios de registro dos fotógrafos quanto à forma de retratar desportistas masculinos e femininos e analisar seus discursos acerca desses registros. Seguindo essa linha, delineiam-se as questões norteadoras: Qual o critério dos fotógrafos para registrar corpos masculinos e femininos? Qual a opinião deles diante seu registro? A fim de elucidá-las, entrevistamos oito atores sociais. Por meio da técnica de análise de discurso, descrita na unidade “Método”, vislumbramos padrões nas respostas que nos possibilitaram dividir os resultados em duas unidades: 1- Uma questão de lucro, versando sobre quais representações do masculino e feminino representam retorno financeiro e; 2- Preferência, Sexismo e Preconceito, na qual discutimos, à luz da hierarquia de gêneros, os diferentes critérios adotados pelos fotógrafos para o registro de homens e mulheres nos desportos.

## 4.1 Método

Metodologicamente, este estudo, à luz de Gamboa (citado por Faria Junior, 1992), é de natureza qualitativa, inserido na fenomenologia, utilizando como estratégia a análise de discurso. O modelo qualitativo proposto por Haguette (1987), Santos Filho e Gamboa (1997) e Demo (2001) busca alastrar as possibilidades de analisar e perceber os fenômenos sociais, ao invés de fecha-los ou concluí-los.

Segundo Santos Filho (citado por Santos Filho; Gamboa, 1997:34-5), “a abordagem fenomenológica é holística e tenta por meio da empatia (Einfuhlung) entender os motivos subjacentes às reações humanas”. Sabendo que as reações humanas são expressas, dentre outras formas, por meio da fala, buscamos analisar os dados em torno da estratégia da análise de discurso. Nesse caso nos reportamos aos estudos de Orlandi (1987) e Pêcheux (1997) como referências básicas, pois suas convergentes ideias embasaram a construção de nosso *corpus* metodológico. Nesta trilha de pensamento e especificando neste momento a noção de discurso, consideramos, tendo em conta as ideias de Orlandi (1987:19) apoiadas em Michel Pêcheux, que o discurso constitui o “efeito de sentidos entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral. Então, os interlocutores, a situação, o contexto sócio-histórico [...] constituem o sentido da sequencia verbal produzida”.

### 4.1.1 Amostra

A amostra contou com 8 (oito) fotógrafos, de ambos os sexos, escolhidos intencionalmente de forma aleatória em competições realizadas no Estado do Rio de Janeiro. Todos trabalham no referido Estado, no entanto, suas empresas possuem focos diferenciados no que se refere ao público alvo e aos meios de divulgação: 50% fotografam para jornais de alta circulação no país e os outros 50% para jornais locais ou online.

### 4.1.2 Instrumentos



O instrumento empregado foi uma entrevista semiestruturada, a partir dos modos de apreciação dos fotógrafos acerca do “clique” dos/das desportistas. Para Triviños (1987:152), esse tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de sua situação de dimensões maiores”. O roteiro da entrevista compreendeu 19 questões abertas e fechadas que versavam sobre os critérios e preferências de seus registros de fotos masculinas e femininas nos desportos. A partir daí, pudemos detectar critérios de registro dos fotógrafos nas fotos de desportistas masculinos e femininos e; analisar o discurso dos fotógrafos desportivos sob a ótica da hierarquia de gênero.

#### 4.1.3 Procedimentos

Após postulados os objetivos e questões intrigantes, buscamos, em duas competições e em duas sedes administrativas de jornais de grande circulação, repórteres fotográficos especializados em eventos desportivos. Os mesmos autorizaram a consecução da entrevista mediante assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) e a mesma foi efetivada mediante aplicativo de gravador de áudio instalado em celular do tipo smartphone com sistema operacional Android 2.3. Vale ressaltar que o estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ), sendo o número do parecer 517.204 e o protocolo 269-13, grupo III.

A nossa estratégia de análise dos dados circunscreve-se sob a perspectiva de análise de discurso. Senso assim, pretendemos, na esteira de Lima (1994:64), utilizar como mecanismos do processo de análise de dados as seguintes etapas: 1- Descrição: “Retirada do discurso da fita cassete [sic] sem alterar uma única palavra [...]”; 2- Redução fenomenológica: Na qual “o pesquisador julga mais significativo determinadas unidades e as destaca do discurso para análise. É a busca do essencial [...]. Isto é, frases revelatórias” (p.64); 3- Reorganização das unidades: Após a 2ª etapa, “alguns discursos necessitam de uma reorganização das unidades, pois muitas delas convergem entre si, falam sobre o mesmo assunto, ainda são convergências dentro do próprio discurso” (p.64); 4- Interpretação fenomenológica: Passada a 3ª etapa,

realizamos a “transformação das expressões cotidianas [...] numa linguagem adequada, com ênfase no fenômeno que está sendo investigado” (p.64-5).

## 4.2 Resultados

Para facilitar a compreensão dos resultados, selecionamos e dividimos os discursos mais significativos em duas unidades: ‘Uma questão de lucro’ e ‘Preferência, sexismo e preconceito’. Em ambas, as falas proferidas pelos entrevistados aparecerão numeradas, o que facilitará o entendimento das posteriores análises.

### 4.2.1 Uma questão de lucro

Fala 1. Entrevistado C.L.: “[...] se tiver um negócio chamando muita atenção. Se tiver com uma roupa nova, é isso que a gente vai fazer. Se não a gente procura alguma coisa. Então, isso que é jornalismo, isso”.

Fala 1. Entrevistado O.V.: “Porra [sic], a sociedade quer ver tudo, quer ver tudo. E a gente vai ter vezes que tem que mostrar né? [...] dentro do esporte [sic] a gente pega o que tem que pegar [...] pode tá de qualquer jeito, um gesto obsceno a gente também manda a ver”.

Fala 1. Entrevistado R.A.: “[...] já tá mais do que provado que a indústria do sexo é a que mais vende. Então, as pessoas cada vez mais exploram isso, não só profissionalmente. [...] É, a sociedade que pede, porque se não, não era consumido, concorda?”.

Fala 2. Entrevistado R.A.: “Olha a mídia em geral ela [balbuciou] Ela explora o que vende [...]. Eu acho que o fotógrafo tem que ser sensível ao ponto de saber o que é notícia e o que ele pode vender. Então, o cara partindo do princípio que a sensualidade vende, ele tem que ter a sensibilidade de fotografar aquele momento, de pegar aquele momento e, na medida do possível, colocar isso na mídia, né [Pausa] Ou vender isso. É claro, de uma maneira elegante, nunca pejorativa”.

Fala 3. Entrevistado R.A.: “[...] É o diretor de arte quem determina que foto vai ser [Pausa] Então, se uma foto mais sensual de uma jogadora de vôlei ele entender que vai vender mais, é aquela foto que vai pro jornal, entendeu?”.

Fala 1. Entrevistado J.W.: “*Vende mais a imagem da mulher com aquela coisa feminina né? É legal. E não pode ir pra casa sem fotografar isso*”.

Fala 1. Entrevistado P.K.: “*Na verdade, quando a gente tira é mais assim: ‘Pô, achei que as meninas são bonitas’, a gente fica admirando. Se bota na internet e vende, pro profissional é melhor, né?[sic] Mas, não tem, assim, uma regra, porque que a gente faz isso [...]. Agora, por exemplo, os caras de natação, você agora nas Olimpíadas [...] consegue ver, todos eles são explorados, porque tá [sic] sem camisa, abdome sempre rachado [sic] [Pausa] Você vê até galeria na internet de foto de abdome [sic] [Pausa] Qual o mais definido? Antigamente tinha mais bunda de mulher, hoje já consegue ver abdome (de homens)*”.

#### 4.2.2 Preferência, sexismo e preconceito

Fala 1. Entrevistado J.G.S.: “*As mulheres acabam de correr, querem um espelho pra tá se olhando, né? [sic] Pra sair legal nas fotos [Pausa]. São mais exigentes, né? [sic] Se não ficou legal, elas pedem para fazer outra [Pausa]. Homem é mais tranquilo, né? [sic]. Então, eles chegam mesmo suados, já chega e faz e não tem esse problema de tá legal ou não porque foi uma corrida, um esforço que ele fez né? [sic]*”.

Fala 1. Entrevistado O.V.: “*Bom, para nós fotógrafos não tem esse negócio. A gente não vai mandar ela secar o rostinho para fazer a foto porque é o momento que tá ali e o texto vai ser escrito em cima daquilo ali. Então eu não posso mandar uma: ‘Oi, tudo bem? Vai lá, seca seu rostinho e passa um batom pra poder fazer a foto!’, não! Se for antes, a gente até faz a foto, ela toda produzida, ai mesmo, que a mulher feminina mesmo, ela sempre passa um batonzinho pra se produzir. Agora tem outras que não gostam, eu [Pausa]. Respeito*”.

Fala 2. Entrevistado O.V.: “*Olha, o que eu acho é o seguinte, a mulher tem que ser mulher, em qualquer sentido, independente da profissão. Ela tem que ser mulher! E homem tem que ser homem! Se isso prevalecer? Não importa. Ela pode ser um monstro, mas ela é mulher? Tudo bem, pra mim [Pausa]. Não muda nada! A questão de ser mulher ou homem, não [sic]*”.

Fala 1. Entrevistado J.W.: “*Perai, tinha uma, que era do Judô, a Edinanci, vocês viram? Na verdade era um homem, né? [sic] Mas ela chegou a aparecer no jornal, tava*

*sempre ali na mídia e tal. Não tinha como, tinha que fazer mesmo com roupa de judô. Bem discretão [sic], acredito! Não tinha como, Edinanci é o maior exemplo”.*

Fala 2. Entrevistado J.W.: *“O futebol feminino é até bom porque a disputa de bola delas é toda enrolada, ainda não jogam bem o futebol, aí rolam uns ataques diferentes [Pausa]. Eu não to criticando, to falando [Pausa] To elogiando, rolam uns lances melhores, entendeu? Disputa de bola”.*

Fala 3. Entrevistado J.W.: *“Eu, por exemplo, não fotografaria o cara com uma tatuagem sei lá onde. Mulher sim. Até porque chama muita atenção pro leitor”.*

Fala 1. Entrevistado R.A.: *“Começa que é mais agradável fotografar mulher [Risos]. O corpo feminino, a diferença para o corpo masculino, ela tem nuances mais privilegiadas. Masculino é mais aquela coisa de músculo né? E o feminino é aquela coisa mais silhueta”.*

Fala 2. Entrevistado R.A.: *“A sensualidade ela é [Pausa] Muitas vezes exposta ao acaso, entendeu? Às vezes no caso a atleta [sic] de vôlei [Pausa] Acho que as fotos sensuais mais publicadas, é [sic] a ajeitadinha no short que elas dão. No caso do vôlei de praia onde têm elas no chuveiro. É o acaso. Às vezes o editor escolhe, o cara fez aquela foto. Eu acho que o jornalismo ainda prevalece nessa história”.*

Fala 3. Entrevistado R.A.: *“Não interessa pra mim ou pra você o que o cara faz depois do treino. É obvio que existem momentos que não tem como não dar notícia, como no caso do Ronaldo lá e as ‘três meninas’ [sic]. Pô, ele era O Ronaldo [Tom enfático seguido de pausa]. Deu a confusão, a foto vazou para a internet. Enfim, não tem como o cara fugir disso. Escândalo é escândalo. O atleta [sic] tem que entender o quão ele influencia as pessoas, os fãs [...]”.*

Fala 4. Entrevistado R.A.: *“Você já viu uma foto publicada de ajeitadinha de short de um homem? Coisa feia né?”.*

Fala 1. Entrevistado P.K.: *“Depende do esporte [sic], você às vezes quer mostrar o braço forte de uma mulher que levanta peso. Você precisava ver uma mulher no boxe dando porrada, aí é difícil achar alguma coisa de sexy nisso”.*

Fala 2. Entrevistado P.K.: *“Na feminina, tem uma foto clássica que, quando elas ficam pra esse lado assim pro hino, todo mundo faz a foto da bunda [sic] das mulheres, assim, completa. E quando tem homem, você pega mais o rosto, assim, os caras com cara de sério”.*

#### 4.3 Discussão

#### 4.3.1 Uma questão de lucro

Nesta seção, o que está em pauta é a lucratividade. Conforme Betti (2002, 2005), a espetacularização do esporte o congrega aos interesses econômicos do mercado, resultando numa descaracterização da essência do fenômeno desportivo. A consequência dessa perda de identidade se manifesta na quantidade de informações supérfluas e superficiais: closes, câmeras dispostas em diversos ângulos, etc. Os entrevistados C.L., O.V. e R.A., em suas falas de número 1, afirmam abertamente que o jornalismo desportivo no Brasil não se encontra empenhado na divulgação do esporte, mas sim na disseminação de banalidades. Havendo produto que interesse ao consumidor, haverá mercado, constituindo fator primordial para a ascensão e manutenção da “audiência” da indústria jornalística (Pereira; Silva, 2011).

A sociedade machista manifesta a vontade de consumir essa trivialidade estereotipada mascarada como notícia, mas é o jornalismo um dos responsáveis pela segregação de gêneros no esporte, ao exibi-lo como uma vitrine de sensualidade. Entretanto, essa exploração não se justifica pelos jornalistas serem menos sensíveis ou menos éticos quanto ao que se deve mostrar, mas reflete o fato inevitável de que os leitores se interessarão por acontecimentos pontuais, esporádicos e excêntricos que os impressionam e, pelo contrário, ignorarão ocorrências rotineiras, criando um círculo vicioso (Betti, 2002; Wolf, 2003). Portanto, o consumo desse tipo de produto se justifica pelo pensamento machista e sexista ainda compartilhado por grande parte da sociedade brasileira. Esse aspecto é exemplificado por R.A. em sua segunda fala e por J.W. em sua primeira.

Quando o entrevistado J.W. diz “*aquela coisa feminina*” ‘vende’, essa afirmação sugere uma desconsideração dos méritos desportivos delas, ao mesmo tempo em que superestima um padrão de beleza social e midiaticamente imposto, confirmando, veladamente, a subordinação desportiva feminina.

Em suas análises, Betti (2002) assevera que a beleza feminina e o esporte são elementos de complexa interação. Nesse viés, é difícil para a mídia entender que a mulher pode sim ser considerada bela, feminina e ainda assim atleta, uma vez que as respostas fisiológicas do corpo em exercício não condizem com o conceito midiático de beleza. Essa afirmação é facilmente reconhecida no discurso 3 do entrevistado R.A.

Explorar a forma desigual de registro dos atributos físicos masculinos e femininos, dado evidenciado no discurso 1 de P.K., representa retorno financeiro ao dono dos meios de produção. Sendo assim, o erotismo e o fetiche são mercadorias de consumo, porém os “corpos belos são colocados à mostra, de maneiras diferentes, mas ambos são colocados em destaque e há diferenciações sobre o que se deve mostrar de cada corpo” (Muhlen, 2010:9). À luz de Silva e Gomes (2010), o elemento erótico, tido como algo sujo e perverso, é associado ao feminino e às classes subordinadas à masculinidade hegemônica. É relatado como a forma de demonstrarem o amor, o qual, para os subjugados, é um sentimento periférico, lascivo e sensual.

Podemos inferir que os critérios adotados pelos fotógrafos dizem respeito a ratificar a beleza feminina de forma que esta resulte em retornos financeiros positivos para a empresa na qual labora. “Os padrões de beleza diversificam-se também consoante o sexo, consolidando-se a ideia de que a beleza é substantivamente feminina” (Gomes; Silva; Queirós, 2008:389). Não há preocupação em evidenciar o desempenho ou fotografar mulheres em ação, visto que interessa à mídia capitalista retratar a mulher como objeto de desejo sexual em posição de submissão, e não de atividade, sendo esta a forma de obter lucro através dos desportos femininos.

#### 4.3.2 Preferência, sexismo e preconceito

Esta unidade reúne discursos centrados na questão do critério de registro, da beleza atrelada ao desporto e da mídia como (re)produtora da masculinidade e da feminilidade.

O sexismo e a preferência pelo desporto feminino foram evidenciados pela maior parte dos entrevistados do sexo masculino. O primeiro discurso proferido por R.A. foi por nós elencado como o mais representativo dessa temática

Indo ao encontro das ideias de Miragaya (2002), Knijnik (2003) e Goellner (2006), a entrevistada J.G.S., em sua primeira alocução, sugere que é natural ao homem se apresentar extenuado para as fotos, o que confirma a existência de um padrão de valorização e tendência à exaltação pelo esforço depreendido em função dos feitos masculinos. Em contrapartida, o que se tem como normal para o comportamento feminino é que ela busque se recuperar após

esforços físicos, a fim de que sua beleza seja mostrada. Já o entrevistado O.V. discorda desse ponto de vista em seu primeiro pronunciamento.

Avançando em nossos achados, à luz de Goellner (2006) e Tralci Filho e Rubio (2012), os discursos 2 de O.V., 1 de P.K. e 1 de J.W. reforçam que a “permissividade” social à prática desportiva pelas mulheres encontra barreira na manutenção de uma “essência feminina”, diga-se de passagem, a beleza. Essa barreira é, sobretudo, (re)criada pelos discursos e imagens que circulam na mídia.

O autor Knijnik (2003) e as autoras Silva, Botelho-Gomes e Goellner (2008) afirmam que embora as mulheres enfrentem ambientes inóspitos no desporto, os homens também sofrem inibições de comportamento e padrões corporais, para que sua virilidade não seja posta em xeque. Ainda segundo estes, as desportistas que se aventuram nas práticas inadequadas ao feminino são frequentemente taxadas de “sapatão”. E, para os homens, a lógica é a mesma: os taxamentos giram em torno do termo pejorativo “paneleiro”.

Segundo Freitas (2002) os editores publicam, de acordo com sua opinião, matérias sobre homens e mulheres valorizando-os ou não. A imprensa tem o poder de ascender o desportista ou difamar sua imagem. Sobre essa temática é frisada por R.A. em seu segundo e terceiro discursos. Ele também reforça o quanto as identidades de gênero podem ser utilizadas como elementos evidenciadores ou difamadores de um atleta, na medida em que o mesmo se encontra ou não nos moldes hegemônicos.

Conforme Vidiella, Herraiz, Hernández e Sancho (2010), o significado social do futebol para a mídia, assim como o das lutas, é o de fomentar diferenças hierárquicas na construção do gênero, tendo se convertido em fenômenos e universos masculinizantes.

O clássico de Sabo (2002) conceitua as identidades de gênero “masculinidade hegemônica” e da “feminilidade enfatizada” como mais valorizadas num determinado momento histórico, representando o ideal cultural mais notável para homens e mulheres. Esse binarismo macho/fêmea (masculino/feminino) vigora nas práticas corporais e nos desportos, não abrindo precedentes para variações (Knijnik, 2010). O desporto, nessa esteira, vem ajudando a arquitetar e sustentar os estereótipos de masculinidade e feminilidade hegemônicas, determinando o que homens e mulheres podem - e devem - fazer. Dessa maneira, todo comportamento divergente do esperado para os indivíduos de ambos os sexos vai de encontro à homofobia e discriminação (Gomes; Silva; Queirós, 2008).

Segundo Andrade, Romero e Pereira (2011), Andrade, Bôas, Romero e Pereira (2012) e Almeida e Soares (2012), desde seu surgimento, o futebol é considerado um desporto viril,

templo de culto à masculinidade. Jogadores que não se enquadram nesse padrão são hostilizados publicamente, pois seus comportamentos são vistos como desviantes e incomuns ou inesperados. Atribuímos isso pelo futebol possuir larga difusão midiática, o que lhe confere importante papel normalizador da masculinidade heterocentrada, impondo-lhe rígidas regras (Fausto-Sterling, 2006 citado por Vidiella et al., 2010).

Amaral (2007), citado por Almeida e Soares (2012), destaca a fala de um Juíz de Direito, no qual a autoridade judicial confirma essa visão:

Quem se recorda da ‘copa do mundo de 1970’ [...], jamais conceberia um ídolo seu homossexual [...]. Quem vivenciou grandes orquestras futebolísticas [...] não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol [...]. Não que um homossexual não possa jogar bola [...]. Mas forme o seu time e inicie uma Federação [...]. O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal [...] (AMARAL, 2007 citado por ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 309).

Wolf (1997, 2003) elucida que o monopólio e hierarquização dos acontecimentos por um sujeito determinam de que forma os espectadores interpretarão aquilo que lhes é transmitido. Ainda segundo o autor, os meios de comunicação possuem antagônicos poderes de influência, podendo aumentar ou reduzir a importância e o significado daquilo que é transmitido. No caso, o futebol está culturalmente enraizado na nossa sociedade, e em se tratando do masculino, este é muito mais divulgado pela mídia do que o feminino. J.W. confirma essa invisibilidade feminina nos campos em sua segunda e irônica fala.

Conforme Muhlen (2010:9), corpos belos são postos à mostra, mas há “diferenciações sobre o que se deve mostrar de cada corpo”. A diferença não é apenas entre corpos femininos e masculinos, mas o que se deixa/pode ver de cada um desses corpos. R.A. e J.W., em seus quarto e terceiro discursos, respectivamente, enfatizam essas diferenças no lugar simbólico das representações corpóreas femininas e masculinas. Corroborando com essa ideia, o entrevistado P.K. desvenda em sua segunda fala a real forma de retratar as equipes masculina e feminina de Voleibol, contradizendo, inclusive, seu discurso transcrito na unidade anterior.

O corpo masculino, quando exposto sugerindo algum tipo de apelo, é representado de forma diferenciada, não vexatória ou pejorativa e sempre em posição de altivez. Já para o feminino o apelo é sexualizante, com enfoques completamente distoantes da faceta desportiva. Vemos esses fatores como a causa da invisibilidade feminina no âmbito desportivo, podendo ainda estabelecer uma relação, na esteira de Betti (2002, 2005) e Mineiro (2010), com a escassa cobertura da imprensa aos eventos desportivos femininos, posto que isto “reflete não só as crenças culturais existentes que associam os desportos com a



masculinidade, mas também reproduzem uma hierarquia institucional na qual os homens dominam e controlam aquilo que se discute na mídia esportiva [sic] [...]” (Sabo, 2002:35).

## CONCLUSÕES

Estabelece-se uma correlação entre o retratamento na Grécia Antiga e o enquadramento diferenciado por gêneros utilizado pela mídia na sociedade contemporânea. A beleza já não é mais um atributo exclusivo dos deuses. O corpo é uma construção cultural em constante mutação, no entanto, a imprensa continua a manter a subordinação feminina frente à supervalorização do homem no desporto.

Constatamos que os fotógrafos focam o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de seu movimento no desporto, o que explica a ocorrência de mais fotos de mulheres desportistas apresentando conotação sexual. Sua performance é relegada a segundo plano e o que lhe resta é desfilar sua imagem, quando bela, aos olhos da mídia, na frente das lentes dos fotógrafos. Conforme Romero (2004, 2005), Devidé et al., (2008) e Muhlen (2008, 2009, 2010, 2012) e diante do exposto, temos a contestação de que a mulher não recebe o mesmo tratamento dado ao homem pela imprensa desportiva, uma vez que o apelo estético e sexual feminino é enaltecido e, ainda assim, isso só ocorre se sua beleza estiver em conformidade com os padrões convencionados e preestabelecidos pela própria mídia, que a enxerga como sexo frágil.

Verificamos que o publicado nos jornais não condiz com os discursos proferidos pelos entrevistados, uma vez que em diversos momentos afirmaram não haver discrepâncias quanto ao registro do masculino e do feminino. Na esteira de Romero (2005), a imprensa desportiva age de forma tendenciosa no que se refere aos registros fotográficos de desportistas masculinos e femininos. Os fotógrafos, de certa forma, evitam falar sobre o caso e se utilizam de respostas evasivas para se esquivar de questões de gênero, o que fica fortemente evidenciado nos discursos do entrevistado R.A. sobre a larga exploração da sexualidade pela mídia.

Seguindo a égide de Romero, Miragaya, Ribeiro e Pereira (2014), o falado muitas vezes não corresponde ao clicado, o que é facilmente visualizado ao contrastarmos as imagens publicadas nos jornais com os discursos expostos. Na grande maioria das imagens publicadas de desportistas do sexo feminino, o retratamento é feito de costas, evidenciando glúteos, e raramente aparecem imagens delas suadas e/ou despenteadas. Já o homem é retratado pondo-

se em evidência a agressividade, a competitividade, a força e a resistência emocional, sendo fotografados, na maioria das ocasiões, durante a execução de gestos técnicos, no auge da performance ou no momento decisivo de uma partida. A partir dessa perspectiva e tendo em vista que é frequente essa forma de retratação, depreendemos que o sexismo e as desigualdades de género estão presentes não só nas desveladas discrepâncias na forma de representação do masculino e do feminino, como também nos discursos proferidos pelos fotógrafos que produziram essas imagens sobre os critérios adotados pela mídia desportiva para (re)afirmar estereótipos presentes na sociedade.

Corroborando com Muhlen (2008, 2010), a imprensa ensina várias formas de olhar o corpo e esse olhar é oriundo de uma cultura patriarcal. Sendo a mídia uma instituição generificada e a imprensa desportiva uma reserva de dominação masculina, os discursos e representações que circulam acerca do corpo dessas desportistas buscam destacar seus atributos físicos centrando-os numa política de erotização, de fetiche, como uma mercadoria de consumo.

Ao que tudo indica, as desportistas se sentem mais à vontade quando fotografadas por uma mulher. Isto é comprovado ao compararmos os discursos de dois fotógrafos, um do sexo feminino e o outro do sexo masculino (J.G.S e O.V.). Encontrando guarida nas pausas, concluímos que os fotógrafos homens revelam uma visão preconceituosa com relação às feminilidades que não se enquadram naquela que é tida como a ideal para as mulheres. As páginas dedicadas ao desporto na mídia escrita pertencem e se dedicam a uma reserva masculina heteronormativa. O poder exercido pela imprensa atua na manutenção das desigualdades sociais e na reprodução dos estereótipos, machismos e preconceitos dominantes para com as identidades de género desviantes da hegemônica (Romero et al., 2014).

Não consideramos os diferentes contextos sócio-histórico-culturais dos quais provieram os entrevistados. As contradições evidenciadas estão relacionadas à categoria profissional. Constatamos que os discursos midiáticos, particularmente dos fotógrafos desportivos, contradizem-se, uma vez que, ao mesmo tempo em que dizem não haver divergências nos registros, também afirmam preferir e achar mais confortável fotografar mulheres a homens. Convém ressaltar que a preferência e o sexismo foram detectados nos discursos dos entrevistados do sexo masculino, os quais demonstraram desconforto ao abordar questões de género nos desportos, enquanto que as entrevistadas não declararam prioridade alguma.

Finalizando, averiguamos ser importante investigar as intenções dos superiores dos atores sociais do presente estudo, os editores-chefes, sugerindo esta abordagem aos estudos futuros que complementem e contribuam para a temática do gênero na imprensa desportiva.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, M. B., & Soares, A. S. (2012). O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. *Revista Movimento*, 18(1), 301-321. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386>. Acesso em: 13 Jun. 2013. ISSN: 1982-8918
- Alves, C. A., & Daldegan, M. C. (2012). “Diários secretos”: uma análise da visibilidade sobre o escândalo na assembleia do Paraná nas capas da gazeta do povo. *Revista Ação Midiática. Estudos em comunicação, sociedade e cultura*, 1(1). Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/acaomidiatica/article/view/25706>. Acesso em: 02 Mai. 2014. ISSN: 2238-0701
- Andrade, G. M. de, Romero, E., & Pereira, E. G. B. (2011). As masculinidades no futebol: O que falam e como veem os alunos de Educação Física. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 10(5), 37-44. Disponível em: <https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/vol-10/Vol10n5-2011/Vol10n5-2011-pag-37a44/Vol10n5-2011-pag-37a44.pdf>. Acesso em: 13 Jun. 2013. ISSN:1981-4313
- Andrade, G. M. De, Bôas, M. F. C. V., Romero, E., & Pereira, E. G. B. (2012). “Até pode ter, mas não precisa demonstrar ou assumir! Ninguém precisa saber!”: Discursos dos alunos de educação física sobre as masculinidades do futebol. *FIEP BULLETIN*, 82. Special Edition. ARTICLE I. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2259>. Acesso em: 12 Jul. 2013. ISSN: 0256-6419
- Betti, M. (2002). Esporte na mídia ou esporte da mídia?. *Motrivivência*, 7(17), 1-4. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929/5441>. Acesso em: 12 Out. 2013. ISSN: 2175-8042
- Betti, M. (2005). Esporte, entretenimento e mídias: implicações para uma política de esporte e lazer. *Impulso*, 16(39), 83-89. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp39art06.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2013. ISSN: 2236-9767
- Demo, P. (2001). *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papirus.
- Devide, F. P., Lima, F. R., Rodrigues, F. S. J., & Batista, R. S. (2008). Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres desportistas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do Caderno de Esporte do Jornal “O Globo”. In E. Romero & E.G.B. Pereira (Orgs.). *O universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape/Faperj. 401-416.

- Faria JR., A. G. (1991). Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: Faria Jr. & Farinatti (Orgs.). *Pesquisa e produção do conhecimento em educação física*: SBDEF. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico.
- Freitas, S. G. (2002). Mulher: Fonte e instrumento de poder. In Simões (Org.) *Mulher e Esporte - Mitos e Verdades*. 1. ed. São Paulo: Editora Manole, 49-68.
- Goellner, S. V. (2006). Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. *Labrys. Estudos Feministas*, 10, 12. Disponível em: <http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys10/riogrande/silvana.htm>. Acesso em: 12 Out. 2013. ISSN: 1806-9584
- Gomes, P. B., Silva, P., & Queirós, P. (2008). Distintos registros sobre o corpo feminino: beleza, desporto e mídia. In: E. Romero & E.G.B. Pereira (Orgs.). *O universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape/Faperj. 387-400.
- Haguette, T. (1987). *Metodologia qualitativas na sociologia*. Petropólis: Ed. Vozes.
- Knijnik, J.D. (2003). *A mulher brasileira e o esporte: Seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie.
- Knijnik, J.D. (Org.). (2010). *Gênero e Esporte: Masculinidades e Feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- Lima, L. A. (1994). Capoeira angola: lição de vida na civilização brasileira. In M.A. Bicudo & V.H. Esposito (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Ed. Unimep. 61-66.
- Mauad, A. M. (1996). Através Da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, 1(2), 73-98. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf). Acesso em: 12 Out. 2013. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-20131734
- Mineiro, D. S. (2010). *Esporte, mulher e mídia: Análise do espaço e tratamento dado ao futebol feminino nos portais Globo.com, Estádio e UOL, em dois períodos distintos, setembro de 2007 e agosto de 2009*. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH, Minas Gerais, Brasil.
- Miragaya, A. (2002). A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: Da Costa, L.P., Turini, M. *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho.
- Muhlen, J.C.V. (2008). Pan-Americano Rio 2007: Análise dos discursos sobre gênero e sexualidade produzidos pela mídia esportiva. In *XII Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos países de Língua Portuguesa*. Disponível em: [http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio\\_trabalhos\\_aceitos\\_convertido.html](http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html). Acesso em: 25 Ago. 2012.
- Muhlen, J.C.V. (2009). Esporte e Mídia: Representações de gênero para atletas no Pan-Americano Rio 2007. In *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Composições e desafios à*

*formação docente*. FURG, 06-08 mai. Disponível em: [http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio\\_trabalhos\\_aceitos\\_convertido.html](http://www2.ufrgs.br/XIIPALOPS/relatorio_trabalhos_aceitos_convertido.html). Acesso em: 21 Ago. 2012.

Muhlen, J.C.V. (2010). Musos e musas: A beleza dos atletas “rouba a cena” nos Jogos Olímpicos de Pequim. In *Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295335\\_ARQUIVO\\_FazendoGeneroMusosMusasModeloPadrao.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295335_ARQUIVO_FazendoGeneroMusosMusasModeloPadrao.pdf). Acesso em: 21 Ago. 2012. ISSN: 2179-510X

Muhlen, J.C.V. (2012). Jogos de gênero em Pequim 2008: Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site terra. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 34(1), 165-184. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892012000100012>

Orlandi, E. L. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.

Pêcheux, M. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes.

Pereira, G.S., & Silva, V. (2011). Espetáculo no telejornalismo: Um estudo do Jornal Nacional na cobertura da Copa do Mundo 2010. In *Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Londrina/PR, Brasil, 26 a 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0169-1.pdf>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN: 1980-3508

Romero, E. (2004). A (In)visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In Antonio Carlos Simões & Jorge Dorfman Knijnik. (Org.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*. 1ªed.São Paulo: Aleph, 1, 213-252.

Romero, E. (2005). E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento. *Labrys. Estudos Feministas*, 8, 1-29. Disponível em: <http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys8/perspectivas/elaine.htm>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN: 1806-9584

Romero, E., Miragaya, A., Ribeiro, C.H.V., Pereira, E.G.B. (2014). O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca. *Revista Salusvita*. No prelo. ISSN 1981-4119  
Sabo, D. (2002). O estudo crítico das masculinidades. In M. Adelman & C.B. Silvestrin (Orgs.). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 33-46.

Santos Filho, J.C., & Gamboa, S.S. (Orgs.). (1997). *Pesquisa educacional: qualidade-quantidade*. São Paulo: Cortez.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99. ISSN: 2175-6236

Silva, P., Botelho-Gomes, P., & Goellner, S. V. (2008). Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. *Revista Brasileira de*

*Educação Física e Esporte*, 22(3), 219-233. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092013000200008>

Silva, P.N.G. & Gomes, E.S.L. (2010). O erótico no imaginário brasileiro: as palavras e a corporeidade. *Revista Religare*, 7 (2), 164-171. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/9789/5360>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN: 1982-6605

Tralci Filho, M. A., & Rubio, K. (2012). As identidades da atleta brasileira: os “pontos de apego temporários” da mulher na vida esportiva. *Movimento*, 18(2), 255-275. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/21106/19072>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN: 1982-8918

Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Ed. Atlas.

Vidiella, J., Herraiz, F., Hernández, F., & Sancho, J. M. (2010). Masculinidad hegemónica, deporte y actividad física. *Revista Movimento*, 16(4), 93-115. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/15031/10861>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN: 1982-8918

Wolf, M. (1997). Las influencias discretas. *Servicio de Publicaciones*, UCM. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC9797110243A/7431>. Acesso em: 14 Jun. 2013. ISSN-e 1988-4001

Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

## 5 PRINCIPAIS INFERÊNCIAS

Não se pretende com este trabalho propor novas formas de ressignificação, nem tampouco estabelecer determinações infalíveis frente ao fenômeno das relações de gênero na imprensa esportiva. Trata-se apenas de uma problematização acerca dos elementos que estão imbricados nesta relação. Acreditamos ter nestas questões um espaço privilegiado para a compreensão das identidades de gênero colocadas na sociedade contemporânea.

A imprensa acompanha as diretrizes do esporte enquanto área reservada masculina e atua no sentido de manter uma dominação simbólica dos homens sobre as mulheres, atribuindo-lhes um aspecto "grosseiro" de mulher-objeto. No processo de espetacularização do esporte, a imprensa confere à presença feminina um papel promocional, secundário e inferior àquele destinado aos homens.

Esses rótulos colocados pela sociedade e reforçados pela imprensa são impregnados de preconceitos culturais, que não deixam os sujeitos se expressarem de forma livre, a não ser do jeito que se espera dele como homem ou como mulher.

No intuito de ordenar e organizar essas primeiras impressões podemos inferir que os homens são ou têm:

- exibidos como guerreiros, viris e imbatíveis com foco acima da cintura (membros superiores), e em posições que não põem em dúvida sua masculinidade hegemônica;
- representados em execuções vigorosas e dinâmicas de movimentos inerentes à sua modalidade, ou em demonstrações de força, raça e garra ou comemorando de forma exaltada;
- utilizadas assertivas que enaltecem seu desempenho atlético e os feitos incríveis empregados para alcançar a vitória, como forma de comprovar sua masculinidade e;
- esperados resultados e quando este não alcança, a decepção decorrente da derrota é exposta de forma atenuada pela imprensa. É evidente nas imagens e nas legendas a valorização, dominação e imponência do homem frente à subordinação da mulher, onde mais precisamente o aspecto técnico masculino se relaciona com a vitória, enquanto o feminino se relaciona ao erro.

Já as atletas são ou têm sido retratadas:

- pondo-se em evidência o corpo belo da atleta, na maioria das vezes de costas, com foco nos glúteos e rosto oculto;

- utilizando-se de imagens e palavras pejorativas, esdrúxulas e difamatórias, como forma de vender o erotismo e o fetiche a um público majoritariamente masculino;
- comumente utilizando termos unicamente relacionados ao ser feminino nas manchetes e legendas, fazendo alusão à sensibilidade e ao sexo frágil. Este é um indicativo de que os homens dominam e controlam aquilo que se vê e se discute na imprensa esportiva;
- na ausência de palavras técnicas, elogios e comentários a respeito de sua performance se chocam com as alusões à sua fineza, elegância e charme. Em muitos casos, a atleta vira notícia por ter um corpo belo aos olhos da imprensa e não por se destacar na sua modalidade e;
- quando não está de acordo com o padrão de beleza vigente, as legendas enfatizam aspectos negativos, erros técnicos, derrotas ou decepções. Este fato sugere que o esporte feminino, mesmo que alcance bons resultados, será retratado em segundo plano a fim de que seja evidenciada a sexualidade enfatizada.

Ao analisarmos as publicações nos jornais selecionados, verificamos que a quantidade de imagens de homens atletas é superior à de mulheres atletas. O número de fotos de atletas masculinos pode ser classificado como grande. Nas poucas vezes em que o homem é retratado denotando emotividade, choro ou decepção, as imagens divulgadas são de dimensões médias ou pequenas. E nas raras vezes em que a mulher é registrada durante a execução de gestos técnicos, vale-se do mesmo ocorrido no masculino: fotos médias ou pequenas e restritas ao interior do jornal.

Essas dimensões de imagens vêm ao encontro das falas encontradas dos fotógrafos ao clicar suas imagens. Nesses discursos, constatamos que os fotógrafos:

- focam o corpo feminino belo e sensual em detrimento da representação de seu movimento no esporte;
- evitam falar sobre a preferência de fotografar mulheres atletas;
- utilizam de respostas evasivas para se esquivar de questões de gênero;
- retratam as atletas de costas, evidenciando glúteos, e raramente aparecem imagens delas suadas e/ou despenteadas;
- já o homem é retratado pondo-se em evidência a agressividade, a competitividade, a força e a resistência emocional;
- preferem fotografar os homens atletas durante a execução de gestos técnicos, no auge da performance ou no momento decisivo de uma partida e;
- afirmam que as atletas se sentem mais à vontade quando fotografadas por uma mulher;



A partir dessa perspectiva e tendo em vista a frequência dessas formas de retratação, depreendemos que o sexismo e as desigualdades de gênero estão presentes não só nas desveladas discrepâncias na forma de representação do masculino e do feminino, como também nos discursos proferidos pelos fotógrafos que produziram essas imagens sobre os critérios adotados pela imprensa esportiva para (re)afirmar estereótipos presentes na sociedade.

Diante do exposto, temos a constatação de que a mulher não recebe o mesmo tratamento dado ao homem pela imprensa esportiva, uma vez que o apelo estético e sexual feminino é enaltecido e, ainda assim, isso só ocorre se sua beleza estiver em conformidade com os padrões convencionados e preestabelecidos pela própria imprensa, que a enxerga como sexo frágil.

A imprensa esportiva vem acompanhando a constituição do esporte como um espaço de reserva masculina. Hoje, mais do que nunca, a imprensa e o esporte legitimam as diferenças e as desigualdades de gênero reforçando a sua hierarquia.

Acreditamos que o trabalho em tela pode servir de sustentação para a continuidade do tema em questões como: 1- a comparação das relações de gênero na imprensa esportiva carioca com as de outras regiões do Brasil (jornais e revistas); 2- a comparação das relações de gênero na imprensa esportiva brasileira com as de outras culturas ou de outros países (jornais e revistas); 3- estas relações de gênero têm se mantido na imprensa escrita ocorrem também na imprensa televisada e outras mídias esportivas? De que forma?; 4 como a imprensa/mídia esportiva (jornalismo esportivo) está relacionada ao poder, especialmente ao poder econômico? 5- Como a Educação Física brasileira lida com as relações de gênero advindas da imprensa esportiva e das mídias?